

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO**

**VALÉRIA ADRIANA MACEIS**

**UM ESTUDO FUNCIONALISTA A RESPEITO DO USO DE  
APENAS UM ITEM DO PAR CORRELATIVO ADITIVO “NÃO  
SÓ... MAS TAMBÉM” E SIMILARES**

**MARINGÁ - PR  
2012**

**VALÉRIA ADRIANA MACEIS**

**UM ESTUDO FUNCIONALISTA A RESPEITO DO USO  
DE APENAS UM ITEM DO PAR CORRELATIVO ADITIVO  
“NÃO SÓ... MAS TAMBÉM” E SIMILARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Regina Pante

**MARINGÁ - PR  
2012**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

M141e Maceis, Valéria Adriana  
Um estudo funcionalista a respeito do uso de apenas um item do par correlativo aditivo "não só... mas também" e similares / Valéria Adriana Maceis. -- Maringá, 2012.  
137 f. : il. col., figs.

Orientador: Prof.a Dr.a Maria Regina Pante.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2012.

1. Sintaxe - Articulação de cláusulas - Cláusulas aditivas. 2. Estratégias de argumentação - Focalização. I. Pante, Maria Regina, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 21.ed. 415

ECSL-00389

**VALÉRIA ADRIANA MACEIS**

**UM ESTUDO FUNCIONALISTA A RESPEITO DO USO  
DE APENAS UM ITEM DO PAR CORRELATIVO ADITIVO  
“NÃO SÓ... MAS TAMBÉM” E SIMILARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Drª Maria Regina Pante  
Universidade Estadual de Maringá - UEM  
- Presidente -

---

Profª Drª Neiva Maria Jung  
Universidade Estadual de Maringá - UEM

---

Profª Drª Aparecida Feola Sella  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste-PR

## ***Dedicatória***

A meus pais, **Ângela e Claudemir**, por todo apoio e amor incondicional e a meu **sobrinho (a)**, que, ao nascer, sem dúvidas, trará muita luz e alegria aos nossos dias.

*“Para realizar grandes conquistas, devemos **não apenas** agir, **mas também** sonhar; **não apenas** planejar, **mas também** acreditar.”*

*Anatole France*

## AGRADECIMENTOS

“A gratidão é o único tesouro dos humildes.”

William Shakespeare

Primeiramente, agradeço a Deus, meu Mestre, meu guia.

Quero também expressar toda a minha gratidão aos meus pais, Ângela e Claudemir - meus tesouros. Juntos, eles formam o meu porto seguro. Sem eles, certamente, eu não estaria concluindo mais esta importante etapa em minha vida.

Agradeço também a todos os outros queridos familiares: meus tios, meus primos e, principalmente, a meu irmão João Paulo e à minha cunhada, Carol. Obrigada pelo incentivo e por me compreenderem todas as vezes em que estive ausente em função do desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço ao meu amor, Eduardo. Seu companheirismo, conselhos, força e, sobretudo, o seu amor auxiliaram-me intensamente, em especial, neste momento final do trabalho.

A todos os meus queridos amigos, especialmente, à Patrícia Moreira Fujii, à Fernanda Rejani Campanha, à Franciele Pondian Bento Soares e à Luciane dos Santos, por me ouvirem, por sempre me estimularem a seguir; à minha amiga Ivana Barankievicz, por ter me ajudado com o *abstract* e ao meu amigo André William, que me auxiliou na formatação do trabalho. Obrigada, amigos, pela amizade sincera, que tão bem me faz.

Quero também deixar o meu obrigada a todos os funcionários e professores do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, principalmente, aos professores: Juliano Desiderato Antônio e Ana Cristina Jaeger Hintze, por toda dedicação e auxílio dispensados a mim, sempre quando precisei.

Às professoras: Neiva Maria Jung e Aparecida Feola Sella pelo aceite imediato do convite e por tecerem apontamentos e contribuições que, sem dúvidas, em muito, enriqueceram meu trabalho.

Aos meus companheiros de pós-graduação, especialmente, à minha amiga Simone Limonta, pela companhia, por todo auxílio e carinho de sempre.

À CAPES pela bolsa de estudos concedida no período de 2011 a 2012.

Desejo, por fim, fazer um agradecimento muito especial à minha professora e orientadora Maria Regina Pante, pela paciência, por toda ajuda, pelos ensinamentos, pela dedicação, pela alegria de sempre, enfim... Muito obrigada!

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	8
LISTA DE QUADROS .....	9
RESUMO .....	11
<i>ABSTRACT</i> .....	12
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I	
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	19
1.1. A corrente funcionalista .....	20
1.1.1 Paradigma formalista e paradigma funcionalista.....	21
1.2 Articulação de orações – perspectivas distintas.....	26
1.2.1 Subordinação e Coordenação no âmbito tradicional.....	27
1.2.1.1 A visão tradicional acerca das orações aditivas.....	35
1.2.2 A perspectiva funcionalista sobre os processos de articulação de orações .....	38
1.2.2.1 A visão funcionalista acerca das construções aditivas.....	45
1.2.3 A correlação.....	49
1.2.3.1 As orações correlativas aditivas – aquelas que apresentam o par correlativo: “não só... mas também” e similares.....	57
1.2.3.2 A função persuasivo-argumentativa das construções com “ <i>não só... mas também</i> ” e similares.....	60
1.3 Focalização.....	62
1.4 As unidades informacionais.....	65



1.5	Algumas contribuições do aporte teórico pesquisado para o estudo do par aditivo “ <i>não só... mas também</i> ” e similares.....	70
-----	--	----

## CAPÍTULO II

2.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	73
2.1	Hipertexto: um texto que reúne muitos outros textos.....	73
2.1.1	O gênero notícia: uma breve noção.....	75
2.1.2	O gênero link: a ação de clicar.....	76
2.2	Constituição e descrição do <i>corpus</i> .....	78
2.3	Parâmetros de Análise.....	82
3.	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	84
3.1	Construções analisadas .....	84
3.2	Constituição dos enunciados e a questão da (As) Simetria das orações .....	94
3.3	Sentenças focalizadoras - uma estratégia de argumentação? .....	105
3.4	Análise das unidades de informação .....	109
4.	CONCLUSÃO.....	121
5.	REFERÊNCIAS.....	124
6.	ANEXOS.....	128

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Representação gráfica apresentada por Luft (1981, p.48) – orações coordenadas .....	32
Figura 2:	Representação gráfica apresentada por Luft (1981, p.49) – orações subordinadas .....	32
Figura 3:	Comparação apresentada por Duarte (2007, p.129) acerca das orações adverbiais .....	40
Figura 4:	Demonstração de uma ocorrência originária do gênero notícia de jornal eletrônico.....	80
Figura 5:	Demonstração de uma ocorrência originária do gênero link .....	81
Figura 6:	Demonstração de uma ocorrência utilizada em frase nominal.....	99

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Paradigma formal <i>versus</i> paradigma informal.....	22
Quadro2:	Levantamento geral das orações no âmbito da tradição gramatical Cunha e Cintra (2001), Luft (1981), Rocha Lima (1972) e Bechara (2009) .....	27
Quadro 3:	Exemplos de orações coordenadas e subordinadas em GTs.....	31
Quadro 4:	As orações coordenadas aditivas segundo a GT.....	36
Quadro 5:	As construções com o par correlativo aditivo <i>NÃO SÓ... MAS TAMBÉM</i> e similares em GTs.....	36
Quadro 6:	Tipologia das sentenças complexas segundo Castilho (2010).....	44
Quadro 7:	A correlação segundo a GT.....	54
Quadro 8:	Diferenças entre Topicalização e Deslocamento à esquerda segundo Pontes (1983, p. 146, <i>apud</i> Gonçalves, 1998, p. 37).....	65
Quadro 9:	Sistematização dos tipos de links, segundo Hissa (2009, <i>apud</i> Gomes, 2011).....	77
Quadro 10:	Quantificação das ocorrências por gênero digital.....	85
Quadro 11:	Quantificação das ocorrências mediante a locução conjuntiva utilizada .....	85
Quadro 12:	Quantificação das ocorrências mediante a locução conjuntiva utilizada e o gênero do qual elas foram extraídas .....	86
Quadro 13:	Quantificação das ocorrências em transcrições de falas por gênero digital .....	89
Quadro 14:	Sistematização das relações de parte/todo em construções com “não só... mas também” e similares.....	90
Quadro 15:	Ocorrências COM compartilhamento de verbo entre as orações.....	96
Quadro 16:	Ocorrências em período composto SEM compartilhamento de verbo entre as orações .....	97
Quadro 17:	Ocorrências em período simples.....	98

Quadro 18:	Ocorrências em frases nominais.....	99
Quadro 19:	Ocorrências que apresentaram “e” .....	101
Quadro 20:	Ocorrências que NÃO apresentaram “e” (Gênero e locução)...	104
Quadro 21:	Simetria e Assimetria das ocorrências sem “e”, conforme o gênero em que foram encontradas.....	104
Quadro 22:	Posição (final ou inicial) em que as construções aditivas apareceram no enunciado, conforme locução e gênero.....	105
Quadro 23:	Quantidade de palavras em cada construção aditiva pesquisada por gênero.....	112
Quadro 24:	Quantidade de palavras em cada construção aditiva pesquisada por locução.....	112
Quadro 25:	Quantificação das construções que apresentaram vírgula no início das orações aditivas.....	116
Quadro 26:	Ocorrências em que as orações com “não só... mas também” formaram uma única cláusula com verbo elíptico ou explícito.....	117

MACEIS, Valéria Adriana. **UM ESTUDO FUNCIONALISTA A RESPEITO DO USO DE APENAS UM ITEM DO PAR CORRELATIVO ADITIVO “NÃO SÓ... MAS TAMBÉM” E SIMILARES**. Dissertação (Mestrado em Letras. Descrição Linguística). Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Maria Regina Pante. Maringá, 2012.

## RESUMO

O presente trabalho investiga, em gêneros digitais provenientes de hipertextos, o uso de construções correlativas aditivas que apresentam apenas uma das locuções presentes no par “*não só... mas também*” e similares. Objetiva-se, com isto, verificar o *status* de tais construções aditivas no que diz respeito à sua dependência, independência ou interdependência. Pretende-se também conferir se essas construções podem ser consideradas estratégias de argumentação das quais o locutor se apropria ao produzir seu texto. Esta pesquisa está fundamentada nas postulações teóricas da corrente funcionalista, a qual vê a linguagem como instrumento de interação social e se preocupa em analisar os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. São exploradas também as visões tanto tradicionais quanto funcionalistas no que diz respeito aos processos de articulação de orações, em especial, àqueles referentes às orações aditivas e orações correlativas. Além disso, há considerações sobre: focalização e unidades de informação, uma vez que tais conceitos foram utilizados como parâmetros de análise das construções em estudo. O *corpus* da pesquisa constitui-se de ocorrências extraídas de gêneros digitais como link e notícia de jornal eletrônico (cuja estrutura é menos elaborada do que a da notícia presente em revistas e jornais impressos). A partir da análise do *corpus* mediante cinco parâmetros previamente estabelecidos, os resultados apontaram uma predominância de ocorrências com *status* independente. Ademais, por intermédio, sobretudo, do parâmetro de análise voltado ao conceito de focalização, observamos que, consciente ou inconscientemente, o locutor faz uso somente de “*não só*”, “*não apenas*” ou “*não somente*” – possibilidades de formação do primeiro item do par correlativo “*não só... mas também*”- a fim de enfatizar determinada porção textual e/ou reforçar sua argumentação. Ao final, o estudo mostra que novos empregos, construções e conceitos - não contemplados pelas gramáticas tradicionais - emergem da língua em uso, a qual se apresenta em constante evolução.

**Palavras-chave:** o par correlativo aditivo “*não só... mas também*”; funcionalismo; unidades de informação; focalização; gêneros digitais.

MACEIS, Valéria Adriana. **A FUNCTIONALIST STUDY ABOUT THE USE OF ONLY ONE ITEM OF THE ADDITIVE CORRELATIVE “NÃO SÓ... MAS TAMBÉM” AND SIMILAR.** Dissertation (Master in Letters. Linguistic Description). State University of Maringá. Supervisor: Maria Regina Pante. Maringá, 2012.

## ABSTRACT

This work investigates, in digital genders from hypertexts, the use of additive correlative constructions which presents only one of the phrases of the pair “*não só... mas também*” and similar. We aimed to verify the *status* of these additive constructions with only the first phrase of the pair “*não só... mas também*” and similar, in which concerns its dependence, independence or interdependence. We intended either to check if these constructions may be considered strategies of argumentation of which the speaker appropriates while producing the text. Our research is based on theoretical of functionalist theory, which sees language as a social interactional instrument and worries in analyzing the interlocutors, their purposes and the discursive contexts – the motivation for languages’ facts. Are explored also both traditional and functional visions as regard the articulation process of clauses, specially, the ones referring to additive and correlative clauses. Furthermore, there are some considerations about: focalization and information units, once these concepts were used as analysis parameters of the constructions in study. The *corpus* of the research is made of occurrences extracted of digital genders as link and news of electronic newspaper (which structure is less elaborated as the news presented in printed newspapers and magazines). Since the analysis of the *corpus* by five parameters previously established, the results showed a predominance of occurrences with independent *status*. Moreover, by intermediate, especially, of the analysis parameter turned to the focalization context, we observed that, consciously or unconsciously, the speaker uses only “*não só*”, “*não apenas*” or “*não somente*” – possibilities to form the first item of the correlative pair “*não só... mas também*” – to emphasize determined part of the text and/or reinforce the argumentation. In the end, the study shows that new usages, constructions and concepts – not contemplated by traditional grammars – emerge from the language in use, which is in constant evolution.

**Key words:** the additive correlative pair “*não só... mas também*”; functionalism; information units; focalization; digital genders.

# INTRODUÇÃO

## 1. Considerações gerais

A fim de propor uma descrição mais ampla e eficaz quanto aos processos de articulação de orações, diversos autores de orientação funcionalista (Chafe, 1980; Halliday, 1985; Neves, 1994, 1997, 2000; Castilho, 2010 entre outros) têm estudado os processos de articulação de orações, analisando, em conjunto, os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos presentes na constituição dos enunciados.

Desse modo, consideramos relevante o estudo das construções aditivas consideradas correlativas (interdependentes), pois são aquelas que apresentam o par correlativo “*não só... mas também*” e similares.

Neste trabalho, que tem a corrente funcionalista como base teórica, dedicamo-nos ao estudo dessas construções aditivas quando utilizadas em notícias de jornal eletrônico e em *links*, gêneros hipertextuais. Nossa atenção maior volta-se à análise de um uso não prototípico de tais construções aditivas, isto é, ao uso de orações que apresentam apenas a primeira locução do par “*não só... mas também*” e similares, ou seja, que apresentam apenas: “*não só*”, “*não apenas*” ou “*não somente*”.

Com a realização desta pesquisa, ampliar-se-á o rol de trabalhos de cunho funcionalista já orientados por Maria Regina Pante, na Universidade Estadual de Maringá. Esta pesquisadora vem dedicando-se há tempos aos estudos da linguagem, tendo desenvolvido investigações em textos do português atual em uso e, sobretudo, em textos oriundos do português arcaico. A dissertação de Regiane Bellay: “O processo de gramaticalização do uso de *tanto que* (e variantes) em *corpus* dos séculos XIII, XIII~XIV, XV, XVI, XVII e XIX”, por exemplo, bem como a nossa, voltou-se também a uma construção considerada correlativa, isto é, a locução “*tanto que*”. Além dessa publicação, há outras de resultado relevante, tais como: “Introdução aos Estudos de Morfologia de Língua Portuguesa: formação de palavras, usos e funções” (HINTZE e PANTE, 2010); “Notas sobre o verbo ‘tomar’ como verbo-suporte no português arcaico” (PANTE, 2009); “O conectivo ‘quando’ na fase arcaica do

português” (MACEIS e PANTE, 2009); entre outras.

O Funcionalismo preocupa-se em descrever a linguagem não como um fim em si mesma, mas como um requisito pragmático da interação verbal. O pragmático é, portanto, o componente mais abrangente, no interior do qual se estudam a sintaxe e a semântica. Segundo Furtado da Cunha (2003), para a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, dão forma ao sistema.

Diante da presente pesquisa, recorreremos aos pressupostos funcionalistas, sobretudo, por

- considerarem a linguagem uma atividade sociocultural;
- deixarem em segundo plano a formulação de regras formais;
- investigarem os usos e os propósitos das unidades linguísticas, bem como toda a situação comunicativa: seus participantes, o contexto, variações, além de funções cognitivas e pragmáticas que possam estar envolvidas;
- entenderem que as manifestações linguísticas são suscetíveis às pressões do uso.

Devido ao atual e emergente acesso a gêneros textuais digitais por parte dos falantes em geral, optamos por trabalhar, nesta pesquisa, com ocorrências retiradas de um hipertexto. Recortamos os gêneros: notícia de jornal eletrônico e *link*. Contudo, é relevante ressaltar que não procederemos a uma análise exaustiva desses gêneros, já que isto destoaria de nosso interesse principal, que é investigar um uso não prototípico de construções correlativas aditivas, como já expusemos na página anterior. Acreditamos, todavia, que o trabalho com essas “novas” modalidades de se ler e escrever precisa ganhar mais espaço nos bancos escolares – locais onde ainda vemos o texto impresso como o recurso mais frequente nas aulas de Língua Portuguesa, proferidas, muitas vezes, para um público totalmente internauta.

No que tange aos processos de constituição de enunciados, pesquisadores funcionalistas como Castilho (2010) não consideram pacífica, na literatura especializada, a forma de tratar as sentenças complexas. A maior



parte dos autores, diferentemente deste, desconsidera a correlação como processo de articulação de orações.

Para Halliday (1985) e seus seguidores, em suma, há uma taxonomia capaz de distinguir diferentes tipos de orações “subordinadas”. No sistema tático de seu modelo de análise, o autor apresenta dois tipos de interdependência: a *paratática* (relação entre elementos de um mesmo estatuto – independentes) e a *hipotática* (o estatuto dos elementos não é igual, ou seja, um elemento modifica o outro – há certa dependência).

Além disso, autor descreve um mecanismo chamado integração ou encaixamento. Nesse mecanismo, uma oração funciona como elemento constituinte da estrutura de outra oração, não estabelecendo relações táticas entre elas, apenas relações lógico-semânticas.

Ivo da Costa Rosário e Violeta Virgínia Rodrigues desenvolveram um interessante trabalho acerca das orações correlativas. Eles trabalham o conceito funcionalista de marcação. Por tal conceito, entende-se não só a complexidade formal e a distribuição de frequência, mas também suas bases substantivas que podem ser comunicativas, socioculturais, cognitivas e neurobiológicas (Rosário e Rodrigues, 2010, p. 40).

Para esses pesquisadores, as construções coordenadas aditivas (que dispõem da conjunção “e”) são não marcadas em relação às correlatas aditivas (com “*não só... mas também*” e similares), já que são bem mais frequentes. Segundo eles, isso se deve à tendência de as construções correlativas aditivas serem mais complexas em termos de estrutura por virem aos pares, de forma interdependente, e por serem bem menos frequentes em cotejo com aquelas que apresentam “e”. Além disso, os autores destacam também que as orações com “*não só... mas também*” ou similares são mais complexas em termos cognitivos, já que demandam maior tempo e maior esforço mental de processamento.

Módulo (1999; 2004; 2005; 2008) defende a correlação como um processo de articulação de cláusulas e já desenvolveu várias pesquisas acerca do tema. Com relação às orações correlatas aditivas, em trabalhos desse pesquisador, encontramos a enumeração detalhada das diversas possibilidades de formação do par “*não só... mas também*”, tais como: “*não só...como*”, “*não só...também*”, “*não somente...mas*” entre outras. Além disso,

Marcelo Módulo já investigou essa estrutura tendo em vista a Teoria Multissistêmica da Língua, que vem sendo proposta por Castilho (2010). Nesse trabalho, Módulo (2005) considera a correlação como um conjunto de propriedades encontráveis no sistema discursivo, no sistema gramatical e no sistema semântico.

Esses trabalhos são exemplos de pesquisas que, como esta, interessam-se pela investigação das construções correlativas aditivas com o par “*não só... mas também*” e similares e analisam o comportamento do par aditivo fundamentado-se em diferentes conceitos funcionalistas. Diferentemente dos demais, nosso trabalho tem seu destaque inédito por se referir à análise das construções com apenas a primeira locução do par correlativo aditivo “*não só... mas também*” e similares, ou seja, construções que apresentam apenas “*não só.*”, “*não apenas*” ou “*não somente*” sem a presença do “*mas também*”.

## **2. Justificativa**

Em virtude da ausência de consistência teórica nas postulações tradicionais, muitos estudiosos, sobretudo os de orientação funcionalista, vêm propondo novos critérios para a classificação de sentenças complexas.

De modo geral, a tradição gramatical tem dividido as cláusulas por meio dos mecanismos denominados subordinação (dependência) e coordenação (independência). Pesquisas de cunho funcionalista, entretanto, têm reconhecido a existência de diferentes tipos de interdependência entre as orações. As cláusulas passaram a ser analisadas tendo em vista graus de interdependência e integração.

Com isso, o desenvolvimento desta pesquisa justifica-se por acreditarmos que podemos oferecer uma descrição significativa para uma ocorrência de oração aditiva até então pouco estudada, ou seja, uma ocorrência em que apenas a primeira locução do par correlativo aditivo “*não só... mas também*” e similares vem sendo utilizada pelo falante.

## **3. Objetivos do estudo**

Nosso trabalho tem como objetivo geral investigar o uso das construções correlativas aditivas que apresentam apenas um item da estrutura “*não só... mas também*” e similares, encontradas em gêneros textuais próprios de hipertextos. Os objetivos específicos são:

a) verificar se tais construções podem ser consideradas, ou não, unidades de informação à parte em um enunciado;

b) contribuir com o estudo das orações aditivas, bem como auxiliar na classificação dessas cláusulas quanto ao *status* de dependente, independente ou interdependente;

c) analisar se essas construções aditivas podem ser consideradas estratégias de argumentação utilizadas pelo falante (locutor) ao produzir seu discurso, e, com isso, contribuir com o estudo dos recursos linguísticos considerados enfáticos e que podem ser úteis ao alcance de uma possível persuasão e/ou envolvimento do leitor que se quer atingir.

#### **4. Hipóteses da pesquisa**

Projetamos duas hipóteses para nosso trabalho:

a) a primeira diz respeito à possibilidade de as cláusulas aditivas que apresentam apenas o primeiro item do par correlativo (por exemplo, somente o “*não só*”) constituírem, elas mesmas, unidades de informação à parte em um enunciado, como propõem Chafe (1980) e Decat (2011) para algumas orações subordinadas. Tal fato atribuiria um *status* de independência para essas construções aditivas, as quais, por sua vez, são consideradas interdependentes;

b) a segunda refere-se à possibilidade de o locutor, ao organizar o seu discurso, aparentemente, fazer uso das construções aditivas em questão para persuadir, convencer seu leitor sobre algo. Em outras palavras, é possível que esse uso com apenas a primeira locução do par correlativo aditivo “*não só... mas também*” e similares configure uma estratégia de argumentação por parte do locutor.

## 5. Organização do trabalho

Dividimos nosso trabalho em três capítulos. No primeiro, expomos a fundamentação teórica que serviu de base para que a análise de dados fosse realizada. Nela, há considerações acerca da teoria funcionalista; dos processos de articulação de orações sob diferentes perspectivas; do conceito de focalização e, por fim, postulações referentes a unidades de informação.

No segundo capítulo, tecemos considerações sobre hipertexto e sobre os gêneros digitais: notícia de jornal eletrônico e link, pois foi destes gêneros que extraímos as ocorrências que formam o nosso o *corpus* de pesquisa. Ademais, descremos o modo como fizemos a coleta dos dados e também expomos os procedimentos metodológicos adotados para análise.

No terceiro, apresentamos a análise das ocorrências pesquisadas, mostrando algumas quantificações alcançadas, percepções obtidas e discussões referentes aos parâmetros de análise voltados à focalização e a unidades de informação.

Por fim, inserimos nossas considerações finais, reiterando alguns pontos relevantes apresentados durante nossa pesquisa.

## Capítulo I. Fundamentação teórica

Neste capítulo, primeiramente apresentamos postulações teóricas referentes à corrente funcionalista – corrente esta norteadora de nosso trabalho; em seguida, expomos a visão tradicional e a visão funcionalista acerca dos processos de articulação de orações. Ao tratar de tais processos, expomos o “olhar” tanto tradicional quanto funcional a respeito das orações aditivas, especialmente das construções que dispõem da estrutura “*não só... mas também*” e similares, pois essas construções configuram o interesse central do presente trabalho.

Além disso, apresentamos, também, informações gerais a respeito das denominadas orações correlativas, e, de modo especial, das orações correlativas aditivas.

Por ser um recurso linguístico utilizado como parâmetro de análise das orações objeto de estudo nesta pesquisa, dedicamos uma seção deste capítulo à exposição de considerações voltadas à focalização, um fenômeno da linguagem considerado importante na produção e na compreensão textuais.

Destacamos ainda, a apresentação da proposta que investiga as cláusulas por meio das unidades de informação ou unidades informacionais, visto que essa noção de “*idea unit*”, adotada por Chafe (1980), também será um de nossos parâmetros de análise.

Visitamos as gramáticas de Bechara (2009), Cunha e Cintra (2001), Luft (1981), e Rocha Lima (1972) e analisamos também várias pesquisas funcionalistas de estudiosos como: Decat (2011), Chafe (1980), Neves (2000), Castilho (2010), Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) entre outros.

### 1.1 A corrente funcionalista

De modo geral, entende-se o funcionalismo como uma corrente linguística que, opondo-se consideravelmente ao estruturalismo e ao gerativismo, preocupa-se em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e as diferentes situações comunicativas em que tais estruturas são usadas. Analisam-se os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua.

É importante destacar que uma análise de cunho funcionalista procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita, retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação. A linguagem é vista pelos funcionalistas como um instrumento de interação social. (FURTADO DA CUNHA, 2009, p. 157 e 158)

Segundo Martelotta e Areas (2003), identifica-se, em 1916, o surgimento da linguística moderna por meio do *Cours de linguistique générale* de Saussure, precursor do estruturalismo. Suas primeiras expressões foram marcadas pelos trabalhos do Círculo Linguístico de Praga, em meados de 1928. Foi somente a partir dessa data, mediante influências de outros estudiosos, além do citado mestre de Genebra, que o termo *função* também passou a ser visto como um elemento essencial à linguagem, porquanto, antes da linguística de Praga, apenas o termo *sistema* - difundido por Saussure e que depois fora substituído por *estrutura*, predominava nos estudos linguísticos. Com isso, vê-se que o funcionalismo surge como um movimento particular dentro do estruturalismo.

A doutrina saussureana deixava de fora das investigações acerca da linguagem os aspectos relacionados à função; primava pela distinção entre *langue* e *parole*, fazendo da primeira o objeto de estudo da linguística. Para os linguistas de Praga, a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de que é utilizada para um determinado fim. (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 18)

Vê-se, então, que as primeiras análises na linha funcionalista são atribuídas aos membros da Escola de Praga, escola esta que contribuiu para que os estudos voltados à área fonológica obtivessem maior projeção.

Conforme afirmam Martelotta e Areas (2003), também na Europa, Saussure, mais tarde, influenciou a chamada Escola de Genebra, representada por Charles Bally, Albert Sechehaye e Henri Frei.

Em 1970, representando a Escola de Londres, surge a teoria funcional de Halliday e, no fim dessa década, ainda em continente europeu, Dik e seus seguidores também desenvolveram uma teoria com tendência a analisar a língua de um ponto de vista funcional. Nos Estados Unidos, a partir do estruturalismo, a linguística norte-americana foi dominada por uma tendência

formalista que se enraizou com Leonard Bloomfield e se mantém até hoje com a linguística gerativa. No entanto, bem como na Europa, também a partir da década de 1970, o funcionalismo ganhou força em terreno americano. Seus principais representantes são Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón. (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 22 e 23)

Segundo Castilho (2002), o desenvolvimento dos estudos funcionalistas no Brasil foi minuciosamente tratado por Maria Helena de Moura Neves. Além dela, são identificados como pioneiros desse movimento Evanildo Bechara; Rafael Hoyos-Andrade; Ataliba T. de Castilho e os seguintes grupos de pesquisa: “Programa de estudos sobre o uso da língua”, coordenado na UFRJ por Anthony J. Naro; “Discurso e gramática”, coordenado na UFF por Sebastião Votre; Grupo de Sintaxe I do “Projeto de Gramática do Português Falado”, coordenado por Rodolfo Ilari e por Neves, e que também contou com pesquisadores da Unicamp, Unesp, USP e UFRJ; “Espaços mentais e gramaticalização”, coordenado na UFJF por Margarida Salomão, além de várias pesquisas avulsas.

### **1.1.1 Paradigma formalista e paradigma funcionalista**

As correntes linguísticas geralmente são divididas por meio de dois paradigmas: o formalista e o funcionalista.

O paradigma formalista, de modo geral, define-se pela tendência em analisar a língua como um objeto autônomo, um conjunto de orações, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais e cujo correlato psicológico é a competência, isto é, a capacidade de produzir, interpretar e julgar a gramaticalidade das orações. Segue-se que as orações devem ser descritas independentemente de sua localização contextual, e a Sintaxe é autônoma em relação à Semântica e à Pragmática.

O paradigma funcionalista, por sua vez, caracteriza-se pela concepção de língua como um instrumento de comunicação, interação social, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas sim como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

O correlato psicológico de língua sob essa concepção é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações. A Pragmática é um marco globalizador, dentro do qual se deve estudar a Semântica e a Sintaxe. Segue abaixo um clássico quadro comparativo adaptado de Dik, (1978, p. 5, traduzido por Neves 1994: 1997. p. 46-47), que destaca significativas diferenças entre esses dois paradigmas citados:

	<b>PARADIGMA FORMAL</b>	<b>PARADIGMA FUNCIONAL</b>
<b>Como definir a língua</b>	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social.
<b>Principal função da língua</b>	Expressão dos pensamentos.	Comunicação.
<b>Correlato psicológico</b>	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
<b>O sistema e o uso</b>	O estudo da competência tem prioridade sobre a atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
<b>Língua e contexto/sistema</b>	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
<b>Aquisição da linguagem</b>	Faz-se com uso de propriedades inatas.	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e com base em <i>input</i> restrito e não estruturado de dados



		apresentados no contexto natural.
<b>Universais linguísticos</b>	Propriedades inatas do organismo humano.	Explicados em função de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais.
<b>Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática</b>	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

**Quadro 1. Paradigma formal versus paradigma funcional**

Quadro proposto por Dik (1978, p. 5), traduzido por Neves (1997, p. 46-47).

Neves (1994, p. 109) afirma que é muito difícil um estudo global do que vem sendo chamado de funcionalismo, especialmente porque as abordagens ditas “funcionalistas” não são, em geral, identificáveis por rótulos teóricos, ligando-se, várias delas, apenas aos nomes dos estudiosos que as desenvolveram. No entanto, é possível verificar-se denominadores comuns em todas essas abordagens: deve-se levar em conta a interação social; observa-se o modo como as pessoas conseguem comunicar-se eficientemente por meio da língua; estuda-se a competência comunicativa dos usuários.

As diferentes abordagens funcionalistas são enquadradas como conservadoras, moderadas e extremas:

O tipo conservador apenas aponta a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, sem propor uma análise da

estrutura. O tipo moderado não apenas aponta essa inadequação, mas vai além, propondo uma análise funcionalista da estrutura. O extremo nega a realidade da estrutura como estrutura e considera que as regras baseiam-se internamente na função, não havendo, pois, restrições sintáticas. (Nichols, 1984, *apud* Neves, 1994, p. 116)

Dentre as propostas funcionalistas consideradas moderadas, estão a do inglês Michael A. K. Halliday e a do holandês Simon Dik. Tais propostas reconhecem a inadequação de um formalismo e de um estruturalismo estritos, propõem alternativas funcionalistas para a análise e também enfatizam a importância que há em se levar em conta a semântica e a pragmática em uma investigação linguística.

Reconhecemos a importância e significativa contribuição das propostas de Halliday e de Dik para os estudos funcionalistas, no entanto, optamos por não explicitar, neste trabalho, as postulações teóricas advindas de cada uma dessas propostas pelo fato de não termos aplicado efetivamente seus conceitos em nossa análise.

Para encerrar esta seção, tecemos descrições breves sobre alguns dos principais temas funcionalistas em estudo:

- a gramaticalização: não há ainda um consenso entre os pesquisadores funcionalistas no que se refere à gramaticalização. Mas, podemos dizer que tal conceito é habitualmente definido como um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante os quais (i) ela ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. (CASTILHO, 2010, p. 138);

- a prototipia: considerado o membro que ostenta o maior número das propriedades que bem caracterizam uma categoria, o protótipo determina a classificação dos demais membros dessa categoria, conforme o “grau de semelhança” que tenham com ele, configurando-se aquilo que se conhece como “semelhança de família” (Neves, 2010, p. 22);

- a iconicidade: para Furtado da Cunha (2009), o princípio de iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo);

- a marcação: a ideia-chave deste conceito é a de contraste entre dois elementos de uma dada categoria linguística, seja ela fonológica, morfológica ou sintática. Um entre dois elementos que se opõem é considerado marcado quando exibe uma propriedade ausente no outro membro, considerado não marcado. As formas não marcadas apresentam várias características, tais como: (i) maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em uma língua particular; (ii) contexto de ocorrência mais amplo; (iii) forma mais simples ou menor; (iv) aquisição mais precoce pelas crianças (FURTADO DA CUNHA, 2009, p. 170).

- o estatuto informacional: noções de dado e novo: para Pezatti (2004), o estatuto informacional da sentença é uma forma de empacotamento da mensagem, sendo fundamentalmente uma questão de crença do falante presumir que determinado item está ou não na consciência do ouvinte. Assim, *dado* ou *informação velha* é, segundo Chafe (1980), o conhecimento que o falante assume estar na consciência do ouvinte no momento da enunciação. *Dado novo* ou *informação nova* é a informação que o falante acredita estar introduzindo na consciência do ouvinte com o que diz.

- o conceito de Tópico: o conceito de Tópico, apesar de ser bastante discutido entre as diversas tendências funcionais e formais, é um dos mais controversos na literatura linguística: ora é tratado como informação dada, ora como sujeito, ora como tema e até mesmo como foco. Segundo Pezatti (2004), pode-se concluir que no que tange à proximidade de tópico e sujeito, percebe-se que o tópico é uma noção discursiva, enquanto o sujeito é uma noção interna à estrutura da sentença, diferença conceitual que é muito cara aos funcionalistas em geral.

- transitividade e relevância discursiva: os pesquisadores norte-americanos Paul Hopper e Sandra Thompson, diferentemente dos gramáticos tradicionais, não sustentam a dicotomia clássica que opõe os verbos transitivos dos intransitivos. Segundo Furtado da Cunha (2009), a proposta desses pesquisadores trata a transitividade como uma propriedade escalar que focaliza diferentes ângulos da transferência da ação de um agente para um paciente em diferentes porções da oração. Além disso, Hopper e Thompson associam a transitividade a uma função pragmática: o modo como o falante organiza seu texto é determinado, em parte, pelos seus objetivos

comunicativos e, em parte, pela sua percepção das necessidades do seu interlocutor.

- a estrutura argumental preferida e fluxo de informação: conforme afirma Chafe (1980), com relação à análise do fluxo de informação, parte-se, de maneira geral, do pressuposto de que o “empacotamento” da informação nova deve levar em conta a informação velha. Grande parte da mensagem consiste tipicamente em material dado ou pressuposto, enquanto uma pequena porção, em mensagem efetiva, informação nova. Considerando-se que a gramática codifica melhor o que os falantes usam mais torna-se, então, necessário descobrir que padrões linguísticos são mais frequentemente usados, ou seja, qual é a estrutura de argumento preferida (EAP) (PEZATTI, 2004, p. 194).

Considera-se que a explicação mais ampla de cada um desses conceitos não é pertinente para o desenvolvimento do presente trabalho. Para uma maior explanação, portanto, seria necessário um outro estudo mais detalhado e amplo a respeito.

Dedicamos a seção que segue à apresentação, de modo geral, da visão tradicional e da funcionalista acerca dos processos de articulação de orações.

## **1.2 Articulação de orações: perspectivas distintas**

Segundo Neves (2010), faz parte das propostas funcionalistas questionar o corte rígido entre subordinação e coordenação, especialmente no tratamento das frases compostas e complexas, nas quais a relação entre as orações não é a de integração sintática, daquele tipo em que uma oração é subparte de outra estrutura oracional:

A visão tradicional, fixada numa sintaxe de superfície, contenta-se em apresentar, de um lado, um conceito de coordenação que implica independência sintática - isto é, que implica que uma oração não desempenha função sintática em outra com a qual se constrói na mesma frase -, e, em direção oposta, um conceito de subordinação que se resolve na proposição de uma oração principal com um (ou mais de um) de seus termos expresso em forma oracional (oração subordinada) (NEVES, 2010, p. 226).

Diferentemente dos gramáticos de orientação tradicional, os pesquisadores de cunho funcionalista levam em conta o uso e avaliam aspectos pragmáticos, discursivos, os quais vão além daqueles estritamente formais.

### 1.2.1 Subordinação e coordenação no âmbito tradicional

Como já afirmado anteriormente, as GTs, de maneira geralmente restrita, dividem as orações em subordinadas (orações que dependem sintaticamente uma da outra) e coordenadas (orações independentes sintaticamente). Um levantamento dessa classificação nas gramáticas de Cunha e Cintra (2001), Luft (1981), Rocha Lima (1972) e Bechara (2009), nos leva a constatar que os autores ora fazem uso somente do critério semântico ora somente do sintático, ou então adotam ambos os critérios, conforme demonstraremos no decorrer desta seção.

Dentre os gramáticos citados, com exceção de Cunha e Cintra (2001) que, por vezes, valem-se também do critério semântico, os demais se pautam apenas no critério sintático para distinguir estruturas coordenadas de subordinadas.

As sentenças, segundo a GT, via de regra, são classificadas da seguinte forma:

SUBORDINAÇÃO			COORDENAÇÃO	
Substantivas	Adjetivas	Adverbiais	Assindéticas	Sindéticas
Apositiva	Explicativa	Causal	-	Aditiva
Completiva Nominal	Restritiva	Comparativa	-	Adversativa
Objetiva Direta	-	Concessiva	-	Alternativa
Objetiva Indireta	-	Condicional	-	Conclusiva
Predicativa	-	Conformativa	-	Explicativa
Subjetiva	-	Consecutiva	-	-
-	-	Final	-	-
-	-	Temporal	-	-

-	-	Proporcional	-	-
---	---	--------------	---	---

**Quadro 2 - Levantamento geral das orações no âmbito da tradição gramatical, conforme Cunha e Cintra (2001), Luft (1981), Rocha Lima (1972) e Bechara (2009).**

Cunha e Cintra (2001) ainda acrescentam às substantivas a oração *agente da passiva*, e Rocha Lima (1972) classifica as *objetivas indiretas* como *completivas relativas*.

Luft (1981) e outros gramáticos inserem, na classificação das adverbiais, as orações *locativas e modais*.

A nosso ver, Luft (1981), em relação aos outros gramáticos analisados, apresenta uma concepção mais ampla acerca dos processos sintáticos de combinação de orações, pois, além de apresentar a coordenação e a subordinação, ele também acrescenta que há quem considere as chamadas correlação e justaposição, como possibilidade de mecanismos de articulação de orações. Segundo o autor, subordinação e coordenação são dois processos de estruturação sintática. E, em termos gregos, são chamados, respectivamente de hipotaxe e parataxe. No primeiro, um elemento está anexo ao outro, dependente dele e, no segundo, os elementos estão dispostos lado a lado – sem dependência. Se houver construções em que são utilizadas lado a lado orações independentes, principais e subordinadas, tem-se um período misto – composto por coordenação e por subordinação simultaneamente. O gramático, conforme exposto acima, afirma também que

Alguns autores apresentam dois outros processos: **correlação** e **justaposição**, somando quatro processos de estruturação sintática. Assim, **orações correlatas**: (a) aditivas (*não só... mas também*); (b) comparativas (*tal... tal/mais/menos... (do) que*); (c) consecutivas (*tanto/tão/tal... que*); - **orações justapostas**: (a) intercalada (... – disse ele -); (b) apositivas; (c) objetiva direta; (d) adverbial. (...) Segundo a NGB, as orações se classificam como: absoluta, principal, coordenada e subordinada (LUFT, 1981, p. 46-47)

Cunha e Cintra (2001), ao apresentar o período composto, também expõe exemplos, definições e formas desenvolvidas e reduzidas das orações, considerando, também, a questão semântica:

As orações autônomas, INDEPENDENTES, isto é, cada uma tem **sentido próprio** não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a *totalidade* da outra. A tais orações autônomas dá-se o nome de COORDENADAS, e o período por elas formado diz-se COMPOSTO POR COORDENAÇÃO. As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR COORDENACAO (CUNHA e CINTRA, 2001, p.593-594) (grifo nosso).

Rocha Lima (1972) afirma que a “comunicação de um pensamento em sua integridade, pela sucessão de orações gramaticalmente independentes”, constitui um período composto por coordenação. E, ao expor definições acerca do período composto por subordinação, propõe dois parâmetros de classificação das orações: (i) quanto à função que desempenham na oração principal (função de substantivo, adjetivo e advérbio) e (ii) quanto à forma e ao modo como se articulam com a oração principal (forma desenvolvida, reduzida ou justaposta) (ROCHA LIMA, 1972, P. 232). A exemplo de Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009) também faz menção ao critério semântico. Entretanto, ele traz uma informação importante, à qual Cunha e Cintra (2001), Luft (1981) e Rocha Lima (1972) não fazem menção. Ele disserta a respeito de *parataxe* (ou coordenação) e expõe que a coordenação é como “um grupo oracional integrado por orações *sintaticamente* independentes que, por isso, poderiam aparecer em separado”. Ou seja, o autor também associa a coordenação à independência assim como os outros, mas, com o uso do advérbio “sintaticamente”, entende-se que a independência é estritamente sintática. Com isso, no que tange à semântica, por exemplo, pode haver dependência.

Vejamos um exemplo<sup>1</sup> de Bechara (2009):

1) “*Trabalhava de dia e estudava de noite.*”

Neste caso, observamos que a primeira oração não desempenha nenhuma função sintática na última, iniciada por *e*, e vice-versa. Além disso, se

---

<sup>1</sup> Os exemplos foram renumerados, isto é, não estão com a numeração original referente à obra da qual foram extraídos.

invertêssemos a ordem das cláusulas no enunciado, a coerência da informação seria mantida: *“Estudava de noite e trabalhava de dia.”*

Mas, vemos que, no exemplo:

2) *“Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.”*,

apesar de uma oração não funcionar como termo sintático da outra, bem como no exemplo anterior, nesse caso, a ordem das orações é fixa, não pode sofrer alterações, pois, deste modo, tornar-se-ia agramatical, como na paráfrase a seguir: *“Casou-se em junho e ficou noivo em fevereiro.”*. A hipotaxe (ou subordinação), por seu turno, é explicitada por Bechara (2009), de modo geral, como o fenômeno em que uma oração tem um de seus termos representados sob a forma de outra oração.

Segue um exemplo do autor:

3) *“Os comerciantes desconhecem que a mercadoria terá mais saída no próximo verão.”*

Vemos, em tal período, que a primeira oração possui o sujeito *“Os comerciantes”*, o verbo *“desconhecem”* e o objeto deste verbo é estruturado por meio de outra oração, iniciada pelo, denominado por Bechara (2009), transpositor *“que”*. Em outras palavras, a oração *“que a mercadoria terá mais saída no próximo verão”* funciona como objeto direto para o verbo *“desconhecer”*, presente na primeira oração do período. Portanto, diferentemente, da parataxe (ou coordenação), neste processo de constituição de enunciados, para Bechara (2009), as orações não tem independência sintática.

Bechara (2009) também menciona a justaposição ou assindetismo, processo de constituição de enunciados no qual as orações podem encadear-se, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes a sequência. Para o autor, essas cláusulas são, em geral, proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto-e-vírgula e ainda por dois pontos, como no trecho destacado a seguir:



4) “O moço que dizia Símeles costumava zombar de mim com barulho. Qualquer dito nem o excitava: mordía os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.”..

Ademais, Bechara (2009) apresenta também outras particularidades referentes às orações, as quais não reproduziremos, pois se trata de assunto que transcende os objetivos deste trabalho.

Concluimos que os autores mencionados ora associam a coordenação à independência sintática e semântica, ora a associam apenas à independência sintática, ao passo que as subordinadas são sintaticamente dependentes da oração principal à qual estão ligadas. Vejamos alguns exemplos de orações coordenadas e orações subordinadas encontrados nas gramáticas pesquisadas:

GTs	Orações coordenadas	Orações subordinadas
Luft (1981, p.48-49)	Leia, escreva e reflita.	Diz a ciência que a Terra é um planeta que gira em torno do Sol.
Cunha e Cintra (2001, p.593-594)	As horas passam, os homens caem, a poesia fica.” (E. Moura, <i>IP</i> , 169)	“O meu André não lhe disse que temos aí um holandês que trouxe material novo...?”. (V. Nemésio, <i>MTC</i> , 363)
Rocha Lima (1972, p. 231-233)	“- Deus fez a luz; depois criou a natureza; e finalmente formou o homem.” – (João Ribeiro)	É certo que o trem já partiu.
Bechara (2009, p. 462; 476)	Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.	O caçador percebeu que a noite chegou.

**Quadro 3 - Exemplos de orações coordenadas e subordinadas em GTs**

Luft (1981) usa triângulos para simbolizar a estrutura de cada oração. Os símbolos utilizados nos exemplos constantes no quadro 3 são estes: **PCC** (período composto por coordenação); **PCS** (período composto por subordinação); **OC** (oração coordenada); **C** (coordenador - “conjunção coordenativa”); **OP** (oração principal); **OS** (oração subordinada).

Vejamos as seguintes representações gráficas:

(2) Orações coordenadas independentes:

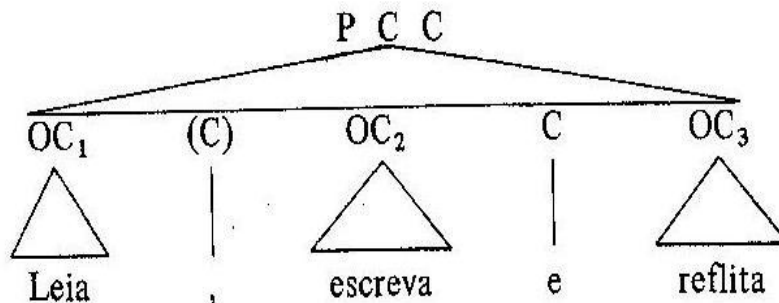


Figura 1 - Representação gráfica apresentada por Luft (1981, p.48) – orações coordenadas

(3) Período composto por subordinação: oração principal e subordinada:

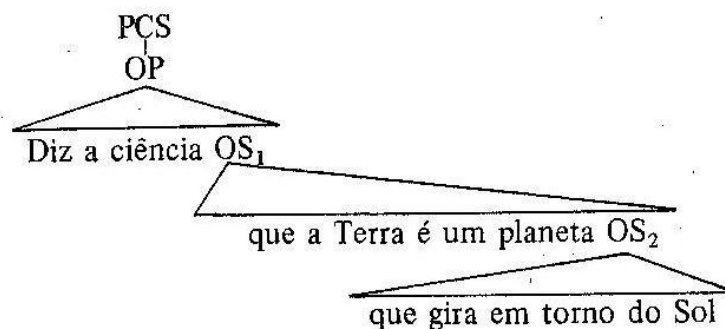


Figura 2 - Representação gráfica apresentada por Luft (1981, p.49) – orações subordinadas

Segundo Cunha e Cintra (2001), o exemplo de período com orações coordenadas, exposto no quadro 3, apresenta três orações de “mesma natureza” (CUNHA e CINTRA, 2001, p. 33), enquanto que o período com orações subordinadas apresenta estrutura diferente. Para os autores, a primeira oração do período composto por subordinação: “O meu André não lhe disse” diz respeito à declaração *principal* do período, nas palavras dos autores “rege-se por si” (CUNHA e CINTRA, 2001, p. 33). Além disso, não desempenha nenhuma função sintática em outra oração do período; sendo, por tal razão, classificada como ORAÇÃO PRINCIPAL. A segunda oração: “que temos aí um holandês” apresenta-se como dependente da primeira; ela funciona como

objeto direto da primeira; é, portanto, TERMO INTEGRANTE dela. No que tange à terceira oração: “que trouxe material novo...?”, vemos que também trata-se de um caso de oração dependente; ela depende da segunda; é ADJUNTO ADNOMINAL da segunda; funciona, por conseguinte, como TERMO ACESSÓRIO dela.

Para Rocha Lima (1972), o período “Deus fez a luz; depois criou a natureza; e finalmente formou o homem.” tem fatos de ordem histórica e a narração deve também seguir em lugares sucessivos os momentos sucessivos do tempo, ou seja, ainda que sejam orações de mesmo valor sintático não admitem inversão de ordem<sup>2</sup>. Além disso, percebemos, nesse exemplo, um processo de gradação com ponto-e-vírgula, sendo que o “e” indica o último elemento mais alto em uma escala argumentativa e vem acompanhado por advérbio. Em se tratando do exemplo de Rocha Lima (1972) com orações subordinadas - “É certo que o trem partiu.”, vemos que há duas orações. A primeira delas “É certo”, nos moldes tradicionais, é classificada como oração principal, que traz presa a si, como *dependente*, a segunda “que o trem partiu”. Esta última seria dependente por ter seu papel como termo essencial da oração principal, ou seja, a segunda oração está funcionando como *sujeito* da principal.

Com relação aos exemplos de Bechara (2009), segundo o autor, no período referente à subordinação, a unidade sintática “que a noite chegou” é uma *oração subordinada* que funciona como complemento ou objeto direto na relação predicativa da oração “O caçador percebeu”, chamada de *oração principal*, que dispõe do núcleo verbal “percebeu”.

Já no período referente à coordenação, para Bechara (2009), é fácil observar que as orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao se analisar a primeira “Mário lê muitos livros”, verifica-se que esta possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa: sujeito (Mário); predicado (lê muitos livros); objeto direto (muitos livros). O gramático acrescenta ainda que, entretanto, é também fácil verificar-

---

<sup>2</sup> Bechara (2009) também ressalta esta questão relativa à ordem das sentenças em enunciado, que, muitas vezes, deve ser mantida, mesmo tratando-se de um período formado por coordenação.

se que a segunda oração “e aumenta sua cultura” manifesta o resultado, uma consequência do fato de “Mário ler muito”. Ele afirma que:

Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as suas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência de mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção “e” que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (=conector) aditiva. (BECHARA, 2009, p.476).

No entanto, pesquisadores como Corbari (2005), de postura menos tradicional que Bechara (2009), aparentemente acreditam que esta visão acerca da conjunção “e” se mostra um tanto restrita, pois, segundo a autora, tal conjunção apresenta uma multiplicidade de sentidos:

A aparente “neutralidade” do *e / and* em comparação com outras conjunções coordenativas (tais como *mas* e *logo*) parece ser a responsável pela multiplicidade de sentidos que esse conector pode assumir nos enunciados. Esse caráter menos marcado do *e / and* permite uma espécie de elo com conotações de sentido adverbializado, que reforçariam o tipo de relação semântica acionada pelo coordenador. Em muitos casos, o advérbio conjuntivo está explícito no enunciado, ocorrendo juntamente com a conjunção coordenativa - como, por exemplo, *e no entanto*, *e contudo*, *e portanto* - mas em outros, ele está subentendido. (CORBARI, 2005, p. s/n.)

Deste modo, em “Mário lê muitos livros e aumenta a sua cultura.”, acredita-se que a própria conjunção “e” encerra uma forma de elo entre as orações e a ordenação das sentenças parece refletir certa relação de causa (Mário lê muitos livros) e efeito (e aumenta sua cultura), não se restringindo a uma mera relação de adição, como defende Bechara (2009).

Observamos que todos os exemplos apresentados pelos gramáticos, conforme se vê no quadro 3, ora foram retirados de clássicos literários da língua portuguesa, ora foram criados pelos autores. Não encontramos, portanto, orações mais complexas, próprias do português atual e em uso.

### 1.2.1.1 A visão tradicional acerca das orações aditivas

De modo geral, as GTs classificam as cláusulas com valor aditivo como *orações coordenadas sindéticas aditivas* e as apresentam como aquelas que exprimem ideia de soma, adição, tendo como principais conjunções: *e, nem, assim... como, mas ainda, não só... mas também* e similares (*não só... como também, não apenas... mas também, não somente... mas* etc), entre outras.

Dentre os autores pesquisados, apenas Bechara (2009) apresenta uma definição específica para essas orações; os demais – Luft (1981), Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (1972) – mencionam, indiretamente, as orações chamadas *coordenadas sindéticas aditivas* ao tecerem informações gerais sobre a coordenação. Vejamos, por exemplo, uma definição geral como esta, desenvolvida por Luft (1981):

A coordenação entre as orações do período se faz a) por meio de uma das conjunções coordenativas (v. Conjunção), caso em que são **sindéticas** e recebem o nome da respectiva conjunção; b) por justaposição, suprimindo-se a conjunção, substituindo esta por uma pausa (vírgula, na escrita), o que origina as coordenadas **assindéticas**. (LUFT, 1981, p. 51)

As orações coordenadas aditivas encaixam-se na definição a) apresentada pelo autor.

Desenvolvemos um quadro demonstrativo que expõe o modo como as orações coordenadas aditivas são apresentadas nas GTs:

GT	Definição das orações coordenadas aditivas	Exemplos de orações coordenadas aditivas
Luft (1981, p. 51)	-	<p>“-Leio e escrevo.”</p> <p>“-Não leio nem escrevo.”</p> <p>“-Tanto lê como (quanto) escreve.” – <b>este último é considerado pelo autor um exemplo enfático.</b></p>
Cunha e Cintra	“Classificam-se, pois, as	“-Insisti no oferecimento

(2001, p. 596-597)	ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS em: 1. COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA, se a conjunção é aditiva (...)."	da madeira, <b>e ele estremeceu.</b> ". (G. Ramos, <i>SB</i> , 29) "Não é chuva, / <b>nem é gente, / Nem é vento com certeza.</b> ". (A. Gil, <i>LJ</i> , 24).
Rocha Lima (1972)	-	-
Bechara (2009, p. 477)	"Adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária. As conjunções aditivas são <i>e</i> e <i>nem</i> (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2ª oração ou em ambas)."	"-Pedro estuda e Maria trabalha." "-Pedro não estuda <i>nem</i> trabalha." "- <i>Nem</i> Pedro estuda <i>nem</i> Maria trabalha."

**Quadro 4 - As orações coordenadas aditivas segundo a GT**

No que diz respeito às orações aditivas com o par "*não só... mas também*" e similares, observamos que tais construções são consideradas por muitos pesquisadores, sejam eles gramáticos tradicionais ou estudiosos funcionalistas, *construções correlativas*. Acredita-se que períodos que dispõem de tal estrutura apresentam orações *interdependentes*.

Avaliando as GTs de Luft (1981), Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (1972) e Bechara (2009), conferimos que poucos apresentam uma definição específica para essas construções. Vejamos, de forma sintética, a maneira como alguns gramáticos já citados anteriormente expõem as orações centro de nosso interesse, ou seja, aquelas que dispõem da estrutura "*não só... mas também*" e similares:

<b>Gramático</b>	<b>Menção às construções com a estrutura "<i>não só... mas também</i>" e similares</b>	<b>Exemplos</b>
Luft (1981, p. 51)	Apresenta essas construções como <b>orações correlatas</b> aditivas ( <i>não só... mas também</i> ).	-
Cunha e Cintra (2001, p. 596)	-	-
Rocha Lima (1972, p. 231)	Afirma que: "Para dar mais vigor à	"- <i>Não</i> só o roubaram, <i>mas também</i> o feriram."

	coordenação, valemos de uma fórmula correlativa ( <i>não só... mas também; não só... mas ainda; não só... senão também; não só... senão que</i> ).	“- Não só trabalha de dia, <i>senão que</i> estuda à noite.”
Bechara (2009)	-	-

**Quadro 5 – As construções com o par correlativo aditivo *NÃO SÓ... MAS TAMBÉM* e similares em GTs**

Com relação aos exemplos citados por Rocha Lima (1972), consideramos importante tecer uma comparação entre “- *Não só* o roubaram, *mas também* o feriram.” e sua paráfrase com o uso de “e”: “Roubaram-no e também o feriram.” - comparação esta não sinalizada pelo autor. Percebemos que, quem opta pelo uso da conjunção “e”, ao invés de utilizar-se da estrutura “*não só... mas também*”, parece realizar uma constatação e mesmo, aparentemente, não querendo tal locutor engajar-se com a constatação proferida, ele, provavelmente, leva seu interlocutor a crer nisto. Já, em se tratando do exemplo com uso de “*não só... mas também*”, verificamos que há uma escala argumentativa em que “ferir” é mais grave do que “roubar”. O par “*não só... mas também*” serve para indicar constatações referentes a determinadas conclusões que são assumidas mais declaradamente pelo autor do enunciado, isto é, o locutor.

Corroborando com esta comparação, citamos Guimarães (2002):

Quando um locutor diz: “*não só p mas também q*”, ele procede como se pressupusesse no seu interlocutor a intenção de acrescentar, como é próprio deste operador, um caráter de exclusividade; *não só* é a marca desta ausência. (...) operadores como este têm uma função na articulação de argumentos. Observemos, porém, a natureza argumentativa dos elementos articulados.”. (GUIMARÃES, 2002, p. 124-125)

Em vista da ausência de critérios nas postulações tradicionais, alguns linguistas de orientação funcionalista vêm propondo novos critérios para a classificação de sentenças complexas, conforme apresentamos na seção que segue.

### 1.2.2 A perspectiva funcionalista sobre os processos de articulação de orações

Pesquisadores funcionalistas, já há algum tempo, vêm questionando a maneira como a GT e a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) têm apresentado os processos de combinação de cláusulas.

Os estudos de cunho funcionalista sobre os mecanismos de estruturação de orações, via de regra, procuram abranger, juntos, os três critérios voltados à produção dos enunciados. São eles: o sintático, o semântico e o discursivo-pragmático; eles, portanto, não primam apenas por um desses critérios, como o fazem os autores tradicionais.

Além disso, a GT costuma também nivelar todas as orações, consideradas subordinadas da mesma maneira, procedimento contestado por pesquisadores funcionalistas. Para Antonio (2004), por exemplo, as subordinadas substantivas relacionam-se com a oração principal de forma diferente das orações conhecidas como subordinadas adverbiais. O autor cita os exemplos: I) "... mas logo desvenda .. **que a cidade é muito triste**,"; II) "**Quando ele chegou na cidade**, foi diretamente para um hotel.", e então os explica, afirmando que, em I), a oração destacada, considerada pela GT como *subordinada substantiva*, é um argumento exigido pela semântica do predicado para formar uma predicação nuclear completa. Já no exemplo II), a oração em destaque (satélite), classificada pela GT como *subordinada adverbial*, acrescenta uma informação relativa à circunstância de tempo, que não é condição para que a predicação nuclear da oração principal seja satisfeita (ANTÔNIO, 2004, p. 44).

Em princípio, a maneira de diferenciar um processo do outro (subordinação x coordenação) centrava-se apenas na noção de dependência ou submissão x independência. Com a visão funcional, tal distinção entre um processo e outro passa a ser analisada a partir de diferentes graus de dependência e de integração.

No século XX, Hopper & Traugott (1993, *apud* Rodrigues, 2007, p. 226) estabelecem graus de integração entre as orações na perspectiva da gramaticalização, apropriando-se das noções de parataxe - como processo de



articulação que inclui todos os tipos de justaposição - e a de hipotaxe - como aquele que abriga todos os tipos de dependência. A partir de tais noções, esses pesquisadores americanos acrescentam a subordinação como uma terceira categoria:

Parataxe implicaria independência relativa, ou seja, o vínculo entre as orações depende apenas do sentido e da relevância da relação entre elas. Hipotaxe implicaria dependência entre um núcleo e margens, mas não encaixamento da margem em um constituinte do núcleo. Subordinação implicaria dependência completa entre o núcleo e margem(ns) e, portanto, encaixamento de toda a margem em um constituinte do núcleo. (RODRIGUES, 2007, p. 227)

Poderíamos, aqui, apresentar inúmeros trabalhos pertinentes de orientação funcionalista, como o de Antonio (2004) e o de Rodrigues (2007), todos voltados à articulação de orações; acreditamos, no entanto, que isso extrapolaria aquilo que de fato nos propomos a pesquisar e analisar. Em vista disso, optamos por selecionar apenas algumas dessas pesquisas que muito já contribuíram para um trabalho mais amplo e funcional a respeito dos processos de constituição de enunciados, conforme sinteticamente expomos nos parágrafos seguintes desta seção.

Destacamos a visão de Decat (2011), por exemplo, para quem as definições apresentadas para os processos sintáticos - subordinação e coordenação -, tendo em vista a noção de dependência (formal, semântica ou pragmática), nem sempre são suficientes para descrever períodos compostos utilizados na modalidade falada da língua. A autora apresenta uma proposta de análise em que a noção de “unidade informacional” é tomada como parâmetro para a decisão quanto ao *status* dependente, ou não, das cláusulas, em especial, as subordinadas. (DECAT, 2011, p. 23). Essa proposta, tendo em vista as unidades de informação (ou unidades informacionais), será melhor tratada em seção posterior deste capítulo, já que aplicamos tal teoria em nossa análise.

Segundo Decat (2011),

As diversas pesquisas que se preocupam com a língua em sua manifestação oral têm mostrado, através da evidência dos dados, que a caracterização de cláusulas coordenadas e subordinadas em termos de dependência não é assim tão simples. Faz-se necessário verificar que tipo de dependência está sendo considerado para essas definições: dependência de forma? de sentido? dependência pragmática? Além disso, não constitui novidade a existência, seja na língua oral, seja na escrita, de conexões implícitas e conexões explícitas. (DECAT, 2011, p. 24)

Segundo Duarte (2007), a coordenação e a subordinação são mecanismos de estruturação sintática que deveriam ser trabalhados pelas gramáticas pedagógicas não só quando o assunto é período composto. A linguista acredita que tais processos sintáticos deveriam ser apresentados aos alunos, antes; já no momento em que eles conhecem a sintaxe, por volta 7ª série – hoje chamada 8º ano. Em outras palavras, Duarte (2007) crê que a coordenação e a subordinação deveriam ser trabalhadas com os alunos já quando eles estudam o período simples, não só quando estudam o período composto (como vem acontecendo), uma vez que, no interior de uma única sentença, há termos coordenados e termos subordinados. Em sua pesquisa, Duarte (2007) ainda confronta a visão tradicional com as visões de outros linguistas, todas elas voltadas à análise desses dois processos de articulação de cláusulas.

Vejamos, por exemplo, um dos quadros comparativos apresentados por Duarte (2007), ao tratar as orações adverbiais:

A subordinação adverbial.

GT	Mateus et al.
Adverbiais	Subordinação adverbial
a) causais	a) causais
b) condicionais	b) condicionais
c) concessivas	c) concessivas
d) finais	d) finais
e) temporais	e) temporais
f) conformativas	Construções de graduação e comparação
g) comparativas	a) conformativas
h) consecutivas	b) comparativas
i) proporcionais	c) consecutivas
	d) proporcionais

**Figura 3: Quadro comparativo apresentado por Duarte (2007, p. 219), acerca das orações adverbiais**

Rodrigues (2007) destaca uma questão relevante ao tratar dos processos de articulação de orações. Ela analisa a questão da independência - uma das

características diferenciadoras entre coordenação *versus* subordinação para a GT – pela perspectiva da ordem das orações no interior do enunciado. Bechara (2009) e Rocha Lima (1972) também observam esta questão, conforme mencionamos em 1.2.1 Segundo Rodrigues (2007), tal questão é um problema para a análise sintática, pois nem sempre se explicita a natureza de tal independência. “A independência em que se baseia a classificação fundamenta-se na autonomia apenas de função, e não de sentido. Sabe-se, entretanto, que, em termos semânticos, pode haver coordenação gramatical, mas subordinação psicológica.” (RODRIGUES, 2007, p. 227-228).

Em se tratando de subordinação psicológica e também do que se denomina “falsa coordenação”, é válido mencionarmos, inclusive, que Otton Garcia já havia se atentado a esta questão tempos antes:

Segundo a doutrina tradicional e ortodoxa (...), as orações coordenadas se dizem independentes, e as subordinadas tem sido encaradas de modo diverso. Dependência semântica mais do que sintática observa-se também na coordenação, salvo, apenas, talvez, no que diz respeito às conjunções ‘e’, ‘ou’ e ‘nem’. Que independência existe, por exemplo, nas orações ‘portanto, não sairemos?’ e ‘mas ninguém o encontrou?’ Independência significa autonomia, autonomia não apenas de função mas também de sentido. Que autonomia de sentido há em qualquer desses dois exemplos? Nenhuma, por certo. A comunicação de um sentido completo só se fará com o auxílio de outro enunciado: ‘Está chovendo; portanto, não sairemos’; ‘Todos o procuraram, mas ninguém o encontrou’. (GARCIA, 1980, p. 21-22).

A título de exemplificação, citamos os exemplos de Rodrigues (2007):

5. O mundo inteiro revoltado acompanha a guerra do petróleo pelos noticiários da TV, ouve os comentários pelo rádio e lê nos jornais as matérias sobre os ataques das forças aliadas.

6. Entrei no ônibus, sentei-me e felizmente o motorista saiu no horário previsto.

Em (5), segundo a autora, mesmo se invertêssemos a ordem dos fatos coordenados no enunciado, a coerência do período seria mantida. Para

Rodrigues, tal período apresenta autonomia tanto sintática quanto semântica. Além disso, consideramos interessante acrescentar também que parece existir, entre as orações que formam esse exemplo, uma relação de causa/consequência, visto que a perda do jogo por parte do Fluminense implica necessariamente na vitória do Vasco. Relações de causa/consequência em períodos nos quais se faz uso da conjunção “e” são pouco mencionadas em GTs.

No que se refere ao exemplo (6), percebemos que essa alteração no que tange à ordem não é permitida, porque isso deixaria o período pouco compreensível. Vejamos:

“Sentei-me, felizmente o motorista saiu no horário previsto e entrei no ônibus.”

Rodrigues (2007) acrescenta que, em 6), “(...) há uma sequência provável para as ações transcorrerem no tempo, evidenciando autonomia sintática, mas não semântica. Nesse caso, há coordenação gramatical e subordinação semântica, já que se percebe uma dependência de sentido entre as orações.” (RODRIGUES, 2007, p. 228).<sup>3</sup>

Para Neves (2010),

Uma análise de base funcionalista penetra na organização dos enunciados para avaliá-los não apenas sob diversos níveis (predicacional; proposicional; ilocucional), mas também sob os diversos ângulos que envolvem a atividade linguística (textual/informacional; interacional) e o faz sempre com incorporação dos diversos componentes (sintático; semântico; pragmático). Além disso, uma investigação da língua em função implica a consideração de um caráter não discreto na organização das categorias. Nesse sentido, faz parte das propostas funcionalistas questionar o corte rígido entre subordinação e coordenação, especialmente, no tratamento das frases compostas e complexas, nas quais a relação entre as orações não é de integração sintática, daquele tipo em que uma oração é subparte de outra estrutura oracional. (NEVES, 2010, p. 226)

A autora destaca também a proposta de Halliday (1985), apresentada pelo pesquisador britânico em seu livro: *An introduction to functional grammar*.

---

<sup>3</sup> Trata-se de ações que ocorrem em sequência, uma após a outra, obedecendo à ordem cronológica dos fatos ocorridos. São, portanto, orações assimétricas.

Nessa comentada obra de Michael Halliday, o caráter decisivo da dicotomia coordenação *versus* subordinação é também questionado. Para o linguista inglês, na organização dos blocos enunciativos complexos, há dois sistemas que definem as realizações: o *sistema tático* e o sistema *lógico-semântico*.

O primeiro deles refere-se à interdependência das orações: *parataxe* (relação entre elementos de igual estatuto) e *hipotaxe* (relação entre elementos de diferente estatuto). É importante ressaltar que não entra nesse sistema o encaixamento, no qual as orações não compõem diretamente o enunciado do ato de fala - elas funcionam como constituintes da frase.

O sistema lógico-semântico concerne à relação entre os processos e envolve “expansão” e “projeção”. A *expansão* apresenta-se por meio das formas seguintes: *elaboração* – uma oração pode expandir a outra reafirmando seu conteúdo; *extensão* – uma oração pode expandir a outra acrescentando um novo elemento; *realce* – uma oração pode expandir a outra qualificando seu conteúdo com traços circunstanciais de tempo, de lugar, de causa, de modo, de condição. A *projeção*, por seu turno, ocorre no momento em que uma oração se projeta sobre a outra. Tal projeção tem a função de representar a própria representação linguística (HALLIDAY, 1985, p. 373-377).

Castilho (2010) prefere o termo *sentença complexa* em detrimento de período – nome que muitos linguistas utilizam ao tratar da articulação de orações. Assim o prefere Castilho (2010), pois esse termo (sentença complexa) não é uma unidade sintática diferente da sentença simples. Além disso, ele critica o emprego tradicional do rótulo “sentença principal”, uma vez que tal nome remete a algo central; ideia principal do falante, e nem sempre essa “sentença ou oração principal” está realmente transmitindo esse pensamento principal. Um exemplo nosso que confirma esse ponto de vista do autor é: *Sei que Pedro virá hoje*, em que a oração considerada principal [Sei] não carrega a ideia principal, que está contida na oração subordinada [que Pedro virá hoje].

Ao estudar as sentenças complexas, o autor utiliza critérios sintáticos e pragmáticos e formula parâmetros para a análise: formas de ligação das sentenças (com ou sem conjunções), graus de integração entre elas (possibilidade de inversão na ordem das cláusulas em um enunciado – construções aceitáveis e inaceitáveis) e suas respectivas tipologias. No que tange às tipologias, Castilho (2010) aponta parâmetros para análise, conforme

discriminado no quadro a seguir - quadro este elaborado por nós mediante as informações proferidas por Castilho (2010) em sua Nova Gramática do Português Brasileiro:

<b>Coordenação ou independência (também denominada Parataxe)</b>	<b>Subordinação ou dependência (também denominada Hipotaxe)</b>	<b>Correlação ou interdependência (desconsiderada por muitos autores)</b>
Sentenças complexas justapostas – ordenação das sentenças sem conjunções	Sentenças complexas encaixadas – subordinadas substantivas ou integrantes e subordinadas adjetivas ou relativas	Sentenças complexas correlatas – sentenças interdependentes devido a uma expressão da primeira sentença estar correlacionada com outra expressão, constante na segunda sentença.
Sentenças complexas coordenadas – ordenação das sentenças por meio de conjunções	Sentenças complexas em adjunção – subordinadas adverbiais	

**Quadro 6 - Tipologia das sentenças complexas segundo Castilho (2010)**

Acreditamos que, de fato, são válidas e coerentes todas as postulações proferidas pelo discurso funcionalista acerca da articulação de orações. Seguiremos esse “caminho” do Funcionalismo em nossa análise e, dentre os tipos de orações mencionados, voltaremos nossa atenção ao estudo das construções aditivas, em especial, daquela cuja estrutura é formada pelo par “*não só... mas também*” e similares.

### 1.2.2.1 A visão funcionalista acerca das construções aditivas

Conforme as pesquisas que realizamos acerca das construções aditivas na visão funcionalista, verificamos que, assim como no âmbito tradicional, pouco se disserta a respeito das construções com a estrutura “*não só ...mas também*” e similares; a grande maioria dos trabalhos, ao tratar das orações coordenadas aditivas, conferem destaque apenas àquelas que apresentam a conjunção *e*.

As pesquisas que discutem a construção com estrutura aditiva - especificamente em questão, neste trabalho - foram realizadas por autores que consideram a *correlação* um processo de articulação de orações à parte, diferenciando-se da coordenação e da subordinação. Veremos em seções seguintes informações a respeito da *correlação* e das denominadas *orações correlativas aditivas*.

Castilho (2010), por exemplo, trata, na seção a respeito das coordenadas aditivas de sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, somente das construções com a conjunção *e*. O autor disserta acerca da estrutura construída com o par “*não só...mas também*” e similares ao expor considerações acerca da *correlação*.

A respeito das orações coordenadas aditivas, Castilho (2010) afirma que tais sentenças são ligadas pela conjunção *e*, a qual indica que “cada um dos segmentos entre os quais ocorre é externo ao outro e que o segundo se soma ao primeiro no processo de enunciação; ao mesmo tempo, mantém-se neutro quanto à direção relativa das informações ou argumentos enunciados.” (DIAS DE MORAES, 1987, *apud* CASTILHO, 2010).

Além disso, o autor trata das propriedades sintáticas e discursivas da conjunção *e*, as quais consideramos desnecessárias expor neste trabalho, pois nosso enfoque não está centrado no *e*.

Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) investigaram as construções coordenadas aditivas e um apontamento interessante levantado pelas autoras é que “um aspecto significativo da coordenação aditiva, tal como se manifesta nos dados, é que a grande maioria das sentenças coordenadas representa casos de adição assimétrica, ou seja, casos que não admitem reversibilidade.”

(PEZATTI e LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 889). Exemplo: “Cheguei em casa, vi televisão e depois vim para cá pra pra conversar. (p.893).”. As autoras explicam que, neste caso em específico, há assimetria devido a uma ordem cronológica com um valor icônico, isto é, não se pode inverter a sequência das orações no período, pois “chegar em casa” e “ver televisão” são ações que ocorrem cronologicamente antes de se “vir pra cá”.

Tal irreversibilidade das orações em um enunciado, que, segundo as autoras, não é explicada por razões sintáticas, também fora discutida, de forma sucinta, por Bechara (2009 e Rocha Lima (1972) e trabalhada, com mais afinco, por Rodrigues (2007), conforme expomos nas seções 1.2.1 e 1.2.2 deste trabalho.

Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) desenvolveram esta pesquisa sobre as construções coordenadas aditivas levando em conta, sobretudo, exemplos advindos do português falado. De acordo com as pesquisadoras, nessa modalidade, as conjunções restringem-se às formas *e* e *nem* com predominância da primeira – razão pela qual também não são tecidas por elas informações acerca da estrutura aditiva que dispõe do par “*não só...mas também*” e similares.

Dentre as postulações funcionalistas sobre a construção aditiva que dispõe da estrutura “*não só...mas também*” e similares, a que mais se mostrou relevante foi a que Neves (2000) propôs:

Um tipo diferente de construções aditivas são as correlativas, do tipo de NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, NÃO SÓ... COMO TAMBÉM, como se vê nos enunciados: *Pesquisador infatigável, estudava **NÃO SÓ** o organismo humano, **MAS TAMBÉM** o animal.* (APA) e *As mulheres também retornavam quase correndo, **NÃO SÓ** pelo frio **COMO TAMBÉM** pelo peso dos potes.* (ARR) que formam com orações aditivas binárias e, em princípio, irreversíveis, pela pressuposição que se cria. (NEVES, 2000, p. 742)

Para a autora, essas construções ficam em meio caminho entre as não correlativas aditivas com a conjunção *e* e as correlativas comparativas, conforme os exemplos a seguir:



Não correlativas aditivas com e:

7) *Pesquisador infatigável estudava o organismo humano **E** o animal.*

8) *As mulheres também retornavam quase correndo, pelo frio **E** pelo peso dos potes.*

Correlativas comparativas:

7a) *Pesquisador infatigável estudava **TANTO** o organismo humano **QUANTO** o animal.*

8a) *As mulheres também retornavam quase correndo, **TANTO** pelo frio **QUANTO** pelo peso dos potes. (NEVES, 2000, p. 742)*

A nosso ver, a autora acredita que os exemplos 7 a 10, os quais apresentam ora a conjunção “e”, denominada por Neves (2000) como não correlativa, ora a locução correlativa comparativa “tanto... quanto” têm um estatuto parecido com o daqueles exemplos descritos na citação, que dispõem da estrutura “*não só... mas também*”. Percebe-se que, nos três casos, seja com “*não só... mas também*”, seja com “e” ou com “*tanto... quanto*”, há um valor de adição: o sujeito “pesquisador infatigável”, na citação e em 7) e 9), estudava dois organismos: o humano e o animal. E, em se tratando do caso 8), do caso 10) e também daquele similar apresentado na citação de Neves (2000), verifica-se uma enumeração de motivos que justificam o retorno rápido do sujeito “as mulheres”, isto é, duas são as causas que as fizeram retornar correndo: o frio e o peso dos potes.

Mas, é válido ressaltar que a opção em usar uma ou outra conjunção não parece desproposital. Os exemplos com “e” mostram-se mais neutros em cotejo com aqueles em que a estrutura “*não só... mas também*” foi utilizada. Além disso, aparentemente, o uso de “*mas também*” vem a indicar uma informação *nova* para o leitor em ambos os casos, ou seja, parece que o leitor já sabia que o *pesquisador* estudava o *organismo humano*, mas não tinha conhecimento de que ele estudava também o *animal*. Com relação ao exemplo

com o sujeito “mulheres”, ao usarmos “*como também*”, subentende-se que o leitor já sabia que elas haviam retornado devido ao *frio*, mas não tinha ciência de que o *peso dos potes* também influenciara no retorno destas.

E no que tange aos exemplos com “tanto que”, percebemos não só um valor semântico de adição, como afirmado acima, mas também um grau comparativo de igualdade entre os elementos: *organismo humano / organismo animal; frio / peso dos potes*.

Assim como Neves, Ayora (1991, *apud* Rosário e Rodrigues, 2010) também reconhece um matiz comparativo de igualdade nas construções com *tanto...como* e afins, uma vez que o par correlativo não serve apenas para somar elementos, mas também para comparar pessoas ou circunstâncias; nesses casos, segundo o autor, pode-se reconhecer uma soma de membros que possuem idêntica qualidade ou que se encontram em iguais circunstâncias.

Além dos autores citados anteriormente, encontramos ainda uma relevante afirmação de Guimarães (2002) a respeito do par “*não só... mas também*” e similares:

Sabemos (...) que *não só... mas (também)* é um operador cuja frequência não é muito grande e cujo uso parece se dar em textos de registro mais formal, ou com forte caracterização argumentativa. Nisto (...) diferiria da conjunção *e*, muito mais frequente, independente do registro e do tipo de discurso. (GUIMARÃES, 2002, p. 123)

Muitos autores, como já afirmado anteriormente, entendem essas construções como construções correlativas (correlatas), por isso acrescentamos, na seção a seguir, algumas considerações acerca do processo de articulação de orações denominado por alguns autores como *correlação*; e buscamos também algumas informações relevantes sobre as chamadas *orações correlativas aditivas* – construções em foco neste trabalho.

### 1.2.3 A correlação

Conforme já discutido na seção 1.2.1 deste capítulo, as GTs, de um modo geral, dividem as orações pelos processos sintáticos denominados subordinação (orações que dependem uma da outra) e coordenação (orações independentes).

Entretanto, há estudiosos como Módulo (1999) que apresentam um tipo de conexão de orações realizado com dois elementos, diferentemente da conexão por coordenação, pois não há independência entre as sentenças, e diferente da subordinação, pois não há dependência de uma à outra. Tal tipo de conexão é denominado *correlação*, processo sintático em que as orações são *interdependentes*; não há oração principal, subordinada ou coordenada – elas são classificadas apenas como orações correlatas ou correlativas.

Vejam alguns dos exemplos citados por Módulo (1999):

- Correlação aditiva

9) "Ao obrigar a rede de 2º grau a preparar seus alunos para essas provas, a UNICAMP deu uma contribuição decisiva **não só** para a renovação pedagógica nos bons colégios públicos e privados **mas, também**, para a própria transformação dos livros didáticos (...)." (JT 27/05/93);

- Correlação alternativa

10) "Agora tudo indica que Fernando Henrique terá condições de obter o apoio político necessário, **seja** porque existe uma predisposição da sociedade nesse sentido, **seja** porque pouca gente tem melhores condições de negociá-lo do que o novo ministro da Fazenda." (FSP 30/05/93);

- Correlação consecutiva

11) "Dona ministra e sua coleção de escudeiras capricharam **tanto** para a coletiva **que** a mistura de perfumes deixou a galera mareada." (FSP 15/05/93);

- Correlação comparativa

12) "Hoje eu tenho **mais** medo de economista **do que** de general." (FSP 30/05/93).

Conforme se vê nos exemplos, a correlação envolve orações classificadas pela tradição gramatical tanto como orações coordenadas quanto como subordinadas. Em se tratando de coordenadas, são correlativas, para Módulo (1999), as sindéticas aditivas e as sindéticas alternativas; no caso das subordinadas, segundo o autor, há correlação nas- adverbiais consecutivas e comparativas.

Segundo Módulo (1999):

- em 09), há uma correlação aditiva, devido à soma de dois elementos nominais de contribuição: "contribuição decisiva para a renovação pedagógica nos colégios públicos e privados" e "(contribuição) para a própria transformação dos livros didáticos (...)." A correlação ocorre por meio das expressões "**não só**" e "**mas também**";

- no que se refere ao exemplo 10), "a correlação alternativa é sugerida pelas conjunções **seja ... seja**, em que observamos duas orações de estruturas iguais, paralelas, que preservam sua integridade semântica, mas que não são sintaticamente autônomas, interligando-se pelas conjunções" (Módulo, 1999), p. 02). O autor acrescenta ainda à lista de conjunções passíveis de uso em orações correlativas alternativas as estruturas: já...já, nem...nem, ora...ora, ou...ou, quer...quer<sup>4</sup>;

- em 11), a segunda oração exprime a consequência do fato dado como sua causa – que se apresenta na primeira oração, mas, a consequência resulta de uma ênfase referida ao fato causador. Essa ênfase é representada por meio do advérbio intensificador **tanto**, que exige, obrigatoriamente, a conjunção **que**. **Tanto** e **que** mostram-se correlacionados. Sem o advérbio, a sentença se tornaria agramatical: 11a) "Dona ministra e sua coleção de escudeiras capricharam para a coletiva **que** a mistura de perfumes deixou a galera mareada.". Com isto, "tanto" e "que", conseqüentemente, parecem estabelecer um encadeamento indissolúvel;

---

<sup>4</sup> Em 2005, Módulo insere esse tipo de estrutura entre as chamadas "espelhadas", já que um mesmo elemento repete-se para formar a locução correlativa.

- em se tratando do exemplo 12), o advérbio funciona como o primeiro termo da comparação, exige seu correlato **do que**, figurando este em uma oração cujo sintagma verbal é normalmente omitido. O autor afirma ainda que essas orações podem manifestar-se estabelecendo uma igualdade, uma superioridade ou uma inferioridade entre duas realidades ou conceitos. A tipologia das correlativas comparativas é rica e variada e dispõe, na maioria das vezes, de construções formadas por palavras diferentes, ou seja, “não espelhadas”. Neves (2000) divide as construções comparativas em não correlativas (com usos de “como”) e correlativas. Segundo ela, as comparativas correlativas podem exprimir: igualdade (quantidade e intensidade) e desigualdade (superioridade e inferioridade).

Tempos depois, em 2005, Módulo incluiu nessa lista de construções correlatas ou correlativas outros três casos: as correlativas proporcionais (consideradas subordinadas adverbiais pela GT), as hipotéticas, as equiparativas e as diferençativas:

-Correlação proporcional

13) “**Quanto mais** conhecimento o cético adquiria das filosofias, **tanto mais** conflitantes elas lhe iam parecendo. (CET) Apud NEVES (2000: 928)”.

- Correlação hipotética

14) “**Se** não vinha da Itália, **então** de onde vinha? (ANA) Apud NEVES (2000: 837)”.

- Correlação equiparativa

15) “**Assim como** nas matérias do sexto mandamento teologicamente não há mínimos, **assim** os deve não haver politicamente nas matérias do sétimo. (Vieira, Sermões, III, pág. 340)”

- Correlação diferençativa

16) “A Provincia de Minas Geraes ja conta duas Folhas Periodicas, e ambas escriptas no senlido(sic) liberal. Não nos parece mal escripto o — Astro de Minas; e sabemos, que um muito estimavel, e filantropo habitante de São João

d'ElRey que ja deu áquella Villa a Biblioteca, que possui, é **senão** o seu Redactor, **ao menos** seu protector. Louvores lhe sejam dados. [SP/SP FP 19 1]”.

Segundo Módulo (2005):

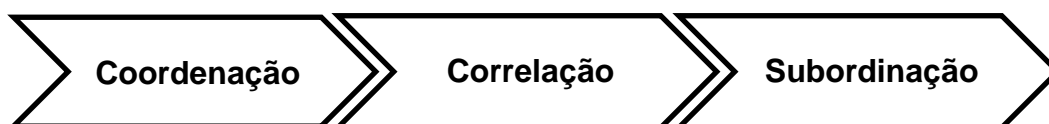
- em 13) a noção conformativa sobrepõe-se à noção de proporção, implicando “um acordo” entre as asserções das duas orações, correlacionadas por meio de “**quanto mais... tanto mais**”;

- já em 14), há exemplos de sentenças construídas apenas com um elemento conjuntivo em cada membro. A tipologia resume-se apenas a “**se...então**”, conectivos correlacionados. Além de hipótese, observamos que este “então”, neste caso, pode apresentar também ideia de conclusão, embora tal conclusão não tenha sido mencionada na análise de Módulo (2005);

- no caso de 15), acredita-se que a correlação acontece quando o segundo termo (**assim**) é posto à altura do primeiro (**assim como**), no mesmo pé de igualdade;

- por fim, em 16), o par correlativo “**senão...ao menos, ou pelo menos**” apresenta o primeiro termo como mais importante mas negado, e o segundo como menos importante mas certo, indubitável.

Módulo (2005) acredita que seria mais coerente substituir a dicotomia coordenação e subordinação por um *continuum*, isto é, por uma hierarquia de integração de orações. Nesse sentido, a correlação seria entendida como uma etapa intermediária recortando esse *continuum* e dividindo propriedades ora com as coordenadas, ora com as subordinadas. Assim teríamos o seguinte esquema hierárquico:



Vê-se que as orações ditas correlatas ficariam “em meio caminho” entre as coordenadas e as subordinadas, as quais, juntas, formam os extremos deste *continuum* de integração de orações.

Para Rodrigues (2007, p. 232), a GT, infelizmente, simplifica demais a descrição linguística no que diz respeito à articulação de orações e “acaba por dar tratamento homogêneo a estruturas heterogêneas”.

Acreditamos que construções em que dois termos se correlacionam, formando cláusulas consideradas interdependentes apresentam comportamento distinto de outras orações com apenas um termo conector. No entanto, de modo geral, a GT, a nosso ver, parece não marcar tal diferença de comportamento entre tais orações - insere-as ou no grupo das orações coordenadas (independentes) ou no das subordinadas (dependentes).

Alguns gramáticos chegam a mencionar a existência de orações que se ligam às outras por meio de conjunções que vêm aos pares, o que muitos denominam de “pares correlativos.” Mas, em geral, a correlação, na GT, é vista como uma variante da subordinação ou da coordenação e é pouco frequente, na tradição gramatical, a menção explícita à categoria “orações correlatas”, tampouco há a caracterização da correlação como um processo de articulação de orações distinto.

Vejamos, por exemplo, o que afirma Câmara Junior (2004) sobre o tema:

Isto posto, se agora nos voltarmos para os conceitos de justaposição e correlação, verificamos facilmente que não passam de modalidades de coordenação e de subordinação. Em princípio, só há duas ligações oracionais: coordenação ou parataxe, subordinação ou hipotaxe. (CÂMARA JUNIOR (2004, p. 110)

Para Rosário e Rodrigues (2010), essa postura de Câmara Junior justifica-se não só por ser adepto do estruturalismo linguístico, mas também por guiar-se pela disposição binária dos conceitos de Saussure, as denominadas dicotomias saussureanas.

Para Azeredo (1990), existe a *coordenação correlativa*, a qual, segundo o autor

Realiza-se por meio dos pares ‘ou...ou’, ‘ora...ora’, ‘quer...quer’, ‘não...nem’ – que exprimem disjunção – ‘não só...mas também’, ‘não só...senão também’, ‘não apenas...mas ainda’, ‘tanto...como’ – que exprimem união – ‘senão...ao menos’, ‘não...mas’, ‘mas...não’ – que exprimem preferência/compensação. (AZEREDO, 1990, p. 126)

Nessa definição de Azeredo (1990), não encontramos qualquer consideração a respeito da correlação em orações consideradas subordinadas pela GT.

Propomos a seguir um quadro sintético que traz o que encontramos sobre as orações correlativas nas GTs pesquisadas.

GT	Menção à correlação	Menção à correlação como processo de articulação de orações tal qual a coordenação e a subordinação
Luft (1981, p.46-47)	<p>Afirma que “Alguns autores apresentam dois outros processos: <b>correlação e justaposição</b>, somando quatro processos de estruturação sintática.”</p> <p>Cita as <b>orações correlatas</b>: aditivas (<i>não só...mas também</i>); comparativas (<i>tal.. tal/mais/menos...(do) que</i>); consecutivas (<i>tanto/tão/tal...que</i>) e proporcionais (<i>quanto mais...(tanto) mais</i>).</p>	Segundo o autor: “(...) não há motivo para classificar a correlação e a justaposição como processos especiais de composição do período. Não que não existam; mas não passam de tipos especiais de conexão que se estabelecem dentro da coordenação e da subordinação.”
Cunha e Cintra (2001, p.609)	<p>Apresenta uma observação a respeito das orações adverbiais proporcionais: “Estas orações podem estar correlação com um membro da oração principal em construções do tipo: <i>quanto mais... tanto mais, quanto mais... tanto menos, quanto menos... tanto menos, quanto menos... tanto mais: Quanto mais o conheço, / mais o admiro. (...)</i>”.</p>	-
Rocha Lima (1972, p. 231-253)	<p>Menciona correlação em orações subordinadas comparativas (cita a existência de “fórmulas correlativas”) e proporcionais (onde há, segundo ele, “expressões correlativas”). Além disso, ao tratar das coordenadas aditivas, o autor afirma que a “fórmula correlativa”: “não só...mas também” e similares dá mais vigor à coordenação.</p>	-
Bechara <sup>5</sup> (2009)	-	-

**Quadro 7 - A correlação segundo a GT**

<sup>5</sup> Rodrigues (2007) acredita que Bechara (2009) não adota a correlação como um processo de articulação de orações porque, para ele, coordenação e subordinação referem-se ao valor sintático de dependência e independência das orações, enquanto correlação e justaposição se referem à ligação que as orações estabelecem entre si.



Conforme se vê no quadro 07, não encontramos, portanto, uma proposta por parte da GT que considere a correlação como processo distinto de articulação de orações. Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (1972) fazem apenas uma menção à correlação: Cunha e Cintra (2001) citam a presença deste processo em orações subordinadas proporcionais; Rocha Lima (1972) menciona as chamadas “fórmulas correlativas” (em orações subordinadas comparativas e em coordenadas aditivas) e as “expressões correlativas” (presentes, segundo o autor, em orações subordinadas proporcionais). Luft (1981) é o único entre os gramáticos pesquisados que, além de fazer menção às orações correlatas, também reconhece a possibilidade de se encarar as correlativas como formadoras de um outro processo de articulação de orações: a correlação. No entanto, apesar de reconhecer a existência deste processo, o autor afirma tais orações correlatas: “não passam de tipos especiais de conexão que se estabelecem dentro da coordenação e da subordinação.” (LUFT, 1981, p.47). Não encontramos, em Bechara (2009), informações referentes a construções correlativas (vide nota de rodapé n.05).

No que tange à visão funcionalista acerca da correlação, Castilho (2010) apresenta-se como um dos autores que vem a tratar desta questão. Para ele, aparentemente, Oiticica (1952) foi o primeiro a questionar as relações de coordenação e de subordinação por não captarem todas as possibilidades de relacionamento intra ou intersentencial. Oiticica (1952) apresenta uma teoria em que distingue quatro processos sintáticos: coordenação, subordinação, correlação e justaposição.

Segundo as postulações de Oiticica (1952) e de outros estudiosos, a correlação seria um mecanismo de estruturação sintática ou um procedimento sintático em que uma sentença estabelece uma relação de *interdependência* com a outra no nível estrutural. Com isso, na correlação, nenhuma das orações subsistiria sem a outra, porque, na verdade, elas são consideradas *interdependentes*; há uma conexão estabelecida por elementos formais, expressões que compõem um par correlativo, estando cada um de seus componentes em orações diferentes.

Ney (1955), bem como Oiticica (1952), acredita que a correlação é um processo de articulação de cláusulas à parte, diferente da coordenação e da subordinação. E, além dessa questão da interdependência por meio de

elementos formais presentes nas orações correlativas, esse autor destaca também que pode haver uma correlação implícita entre as orações. Para ele, “na correlação há interdependência das declarações, e sempre dois conectivos claros ou subentendidos, ou somente um claro e outro subentendido através dos quais se faz a correlação.” (NEY, 1955, p. 61).

Consideramos de grande relevância para o nosso trabalho essa questão da correlação implícita levantada por Ney (1955). Apesar de haver autores que consideram a correlação um mecanismo sintático distinto, não encontramos, até o momento, outro - além de Ney (1955) - que mencionasse tal possibilidade de correlação implícita.

Melo (1970) expõe sua discordância com a NGB e comunga da posição de Oiticica (1952) e de Ney (1955), no que tange à correlação:

Já dissemos que, dissentindo da NGB, consideramos a correlação como um processo sintático. Esta dissensão não nos causa escrúpulos didáticos, porque se trata de um problema de doutrina, (...). Para nós, a CORRELAÇÃO é um processo sintático irreduzível a qualquer dos outros dois, um processo mais complexo, em que há, de certo modo, interdependência. Nele, dá-se a intensificação de um dos membros da frase, ou de toda a frase, intensificação que pede um termo. Muitas vezes, ocorre como que retenção para um salto (...). (MELO, 1970, p. 237)

Em relação à estrutura correlativa, Lehmann (1988, *apud* Rosário e Rodrigues, 2010) apresenta um esquema de integração de cláusulas. Diferentemente de outros autores, nos quais temos a hipotaxe, a parataxe e a subordinação (aí distribuídas as diversas estruturas correlativas), ele propõe a inserção das estruturas correlativas em um ponto do *continuum* de integração de cláusulas, mais especificamente, entre a parataxe e a hipotaxe, assim esquematizado:

*parataxe* → *díptico correlativo* → *hipotaxe* → *cosubordinação* → *encaixamento*.

Segundo Rosário e Rodrigues (2010), Lehmann é um dos únicos autores considerados funcionalistas a agasalhar as orações correlativas no *continuum*

de integração de cláusulas. O problema, contudo, é que não são tecidos comentários ulteriores sobre o fenômeno em destaque.

Castilho (2010) destaca que as conjunções, em períodos correlativos, não são formas simples nem se resumem a encabeçar a segunda sentença. Pelo contrário, trata-se de conjunções mais complexas, assim estruturadas:

- I. junção de advérbios de negação, focalização na primeira sentença, comparação e inclusão na segunda sentença;
- II. repetição de expressões;
- II. junção de advérbios de intensificação a complementadores.

Segundo Castilho (2010), não é adequado tratar as aditivas e as alternativas exclusivamente como coordenadas, nem as comparativas e as consecutivas como subordinadas adverbiais. Para ele, elas são diferentes discursivamente, pois põem em relevo dois atos de fala; semanticamente, pois combinam diferentes categorias; e gramaticalmente, pois são interligadas por meio de conjunções complexas.

Por serem nosso objeto de pesquisa neste trabalho, dedicamos às orações consideradas correlativas aditivas uma seção exclusiva, conforme demonstraremos a seguir.

### **1.2.3.1 As orações correlativas aditivas – aquelas que apresentam o par correlativo: “*não só... mas também*” e similares**

Em construções como:

17) “Os emergentes estão cada vez mais presentes *não só passeando, mas também comprando*”, diz Luís Augusto da Silva, da Alshop (Associação de lojistas de shoppings).”,  
<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/874764-prazo-longo-e-credito-facil-fazem-shopping-crescer-17-em-2010.shtml>. Acesso de 12 fev. 2011

as orações em destaque são consideradas correlativas aditivas.

A expressão *não só* da primeira oração, para Módulo (2005), é “denotativa negativa de restrição”. Assim, na visão do autor, quando se inicia a primeira oração por *não só*, o falante, aparentemente, é forçado a iniciar a segunda pela expressão *mas também* “denotativa de inclusão”. Trata-se da questão da interdependência, defendida por pesquisadores como Módulo (2005) e já mencionada em seção anterior.

Os operadores dessa ligação são o advérbio de focalização “só” e a conjunção “mas”, essa ainda com nítido valor etimológico de inclusão. Módulo (2005) relembra que *mas* deriva do advérbio latino *magis*, cujo valor semântico de base era estabelecer comparações de quantidades e de qualidades, identificando-se nele, ainda, valores secundários de inclusão de indivíduos/objetos em um conjunto, conforme os exemplos:

18) Contrataremos *mais* trabalhadores para a indústria.

19) Ele tem *mais* bugigangas do que seu pai.

(MÓDULO, 2005, p. 08)

Com isso, pesquisadores como Módulo (2005) acreditam que, no par correlativo aditivo, certas conjunções que encabeçam a segunda oração estão correlacionadas com expressões adverbiais de focalização da primeira oração.

Vejam, por exemplo, os períodos destacados por Rosário e Rodrigues (2010):

20) *João é rico e feliz.*

20a) *João não só é rico como também é feliz.*

(ROSÁRIO e RODRIGUES, 2010, p. 37)

Segundo os autores, apesar de veicularem conteúdos semânticos semelhantes (a riqueza e felicidade de João), apresentam estrutura distinta e atendem a necessidades interacionais e pragmáticas também distintas. Com relação ao exemplo (20a), com a estrutura “*não só...como também*”, Rosário e Rodrigues (2010) afirmam que há o estabelecimento de uma gradação enfática, a qual vai do primeiro predicativo em forma oracional – *não só é rico* –

até o segundo – *como também é feliz* – expressos na superfície do período composto.

Esses mesmos autores, Rosário e Rodrigues (2010), utilizam-se de dois dos principais conceitos funcionalistas: a marcação e a iconicidade, “noções metateóricas estreitamente relacionadas.” (ROSÁRIO e RODRIGUES, 2010, p. 41), para aprofundar o estudo que fizeram acerca das cláusulas que dispõem da estrutura “*não só...mas também*” e similares. Segundo os autores, a marcação, noção, a nosso ver, em maior destaque nessa pesquisa de Rosário e Rodrigues (2010), é um conceito dependente do contexto, ou seja, uma estrutura pode ser marcada em um contexto, e não ser marcada em outro. Com tal trabalho, os autores concluíram que as construções correlatas aditivas

- são marcadas em relação às não correlatas aditivas que fazem uso da conjunção *e*;

- tendem a ser também mais complexas em termos de estrutura, uma vez que vêm aos pares, de forma interdependente;

- são ainda bem menos frequentes e mais complexas em termos cognitivos, já que demandam maior tempo e maior esforço mental de processamento.

Melo (1970) inclui as construções que dispõem do par correlativo “*não só...mas também*” e similares entre aquelas, consideradas por ele, “correlatas equiparativas”, ou seja, o autor não as classifica como aditivas. Para ele, esse tipo de oração – equiparativa – apresenta um segundo termo, que vem a fechar um pensamento deixado em aberto ou em suspenso no primeiro termo. “Há uma expectativa, produzida como o enunciado do primeiro termo, expectativa que o segundo satisfaz e aquieta.” (MELO, 1970, p. 240)

Conforme exposto em 1.2.3, Módulo (2005) também explicita esse grupo de orações. A diferença é que ele considera o par correlativo aqui em estudo como uma construção aditiva, e não equiparativa.

Encontramos em Módulo (2005) inúmeras possibilidades<sup>6</sup> (as denominadas por nós como “similares”) de formação das correlativas aditivas que dispõem do par correlativo aditivo em estudo neste trabalho. Podemos ter:

---

<sup>6</sup> Não há, em Módulo (2005), a estrutura “*não apenas*” entre as possibilidades de formação das correlativas aditivas. Nós a consideramos em nosso trabalho por acreditarmos que ela é classificada como um elemento linguístico restritivo tal qual “*só*” e o “*somente*”.

a) constituído de uma única partícula na segunda parte correlacionada: não só...mas, não só...senão, não só...porém, não só...como, não só...também, não somente...mas, não somente...senão, não somente...porém, não somente... como;

b) constituído de duas partículas na segunda parte correlacionada: não só...mas também, não só...mas ainda, não só...mas até, não só...senão também, não só...senão ainda, não só...senão que, não só...porém também, não só... porém sim, não só... que também, não somente...mas também, não somente...mas até, não somente...senão também, não somente...senão ainda, não somente...senão que, não somente...porém também, não somente...como também;

c) constituída, por cruzamento sintático, de três partículas na segunda parte correlacionada: não só...senão que também, não somente...senão que também;

d) o termo intensificador interferindo no primeiro elemento da correlação: não tão somente...mas, não tão somente...mas ainda.

Na seção seguinte, destacamos algumas considerações que encontramos acerca de uma função relevante dessa estrutura em análise neste trabalho, ou seja, a função enfática que ela aparenta carregar consigo, especialmente quando cotejada com cláusulas igualmente aditivas (mas não correlativas) em que é utilizada a conjunção *e*.

### **1.2.3.2 A função persuasivo-argumentativa das construções com “não só... mas também” e similares**

Módulo (1999) define a correlação como um

tipo de conexão sintática de uso relativamente frequente, particularmente útil para emprestar vigor a um raciocínio, aparecendo principalmente nos textos apologéticos e enfáticos, que se destacam mais por expressarem opiniões, defenderem posições, angariarem apoio, do que por informarem com objetividade os acontecimentos. (MÓDULO, 1999, p. s/n)

A nosso ver, essa afirmação parece encaixar-se, em especial, nas construções consideradas correlativas aditivas que apresentam o par “*não*

só...*mas também*” e similares, uma vez que, bem como já citado na seção anterior, tais construções apresentam alto teor enfático.

Assim, pode-se afirmar que, quando um locutor utiliza o par correlativo *não (só)... mas também*, ele está tentando acrescentar, como é próprio desse operador, um outro elemento que vai na contra-expectativa da ideia de exclusividade, antes aceita pelo interlocutor.  
(ROSÁRIO e RODRIGUES, 2010, p. 42)

Para Pauliukonis (2001), essa construção relaciona-se ao que hoje se entende por análise polifônica de dois atos de fala instituídos no mesmo enunciado, já que se tem, ao mesmo tempo, um ato de restrição e outro de inclusão, correlacionados pelo operadores “*não só...mas também.*”

Além disso, Pauliukonis (2001) defende ainda que elementos linguísticos não transmitem apenas informações sobre a realidade, mas funcionam, sobretudo, como instrumentos de pressão persuasiva sobre o receptor interpretante e que, portanto, na análise da linguagem como veículo interativo, as intenções argumentativas sobrepõem-se às funções expositivo-informativas.

Vejam os outros exemplos de Rosário e Rodrigues (2010, p. 43), apresentados por nós, de duas maneiras:

21) A entidade representativa dos pais denuncia não só reajustes acima dos limites permitidos como o uso de editais que induzem as pessoas a acreditar num reajuste menor do que o efetivamente praticado.

21a) A entidade representativa dos pais denuncia reajustes acima dos limites permitidos e o uso de editais que induzem as pessoas a acreditar num reajuste menor do que o efetivamente praticado.

Percebemos que em (13) o uso de “*não só...como*” é muito mais sobressalente e enfático do que em (14), em que foi utilizado o conectivo “*e*”.

Segundo os autores, tal ênfase pode ser explicada da seguinte maneira: a enunciação do primeiro elemento correlato do exemplo (13) (*reajustes acima dos limites permitidos*) provavelmente é uma informação já conhecida ou mesmo já pressuposta pelos ouvintes e pelo enunciador, o qual pode ter a

intenção de surpreender quem o está ouvindo com o elemento novo (*o uso de editais que induzem as pessoas a acreditar num reajuste menor do que o efetivamente praticado*). Com isso, tal construção, pelo viés semântico-pragmático-enunciativo, seria bem menos neutra se comparada à outra em que o conectivo prototípico de adição fora utilizado. “Enfim, pode-se dizer que as vicissitudes do discurso é que determinam em grande parte o uso de uma construção ou outra.” (ROSÁRIO e RODRIGUES, 2010, p. 44)

Os autores acreditam também que determinados gêneros textuais de teor mais argumentativo, como editoriais, por exemplo, parecem propiciar o uso dessas construções correlatas.

Por fim, tem-se que o falante, consciente ou inconscientemente, ao optar por determinados elementos linguísticos, pode estar, na verdade, querendo enfatizar sua informação; persuadir, convencer de algum modo o ouvinte/receptor.

Na próxima seção deste capítulo, expomos algumas considerações sobre focalização, uma vez que esta diz respeito a um de nossos parâmetros de análise ao investigarmos as construções que apresentam apenas um item do par “*não só... mas também*” e similares.

### 1.3 Focalização

Castilho (2010) define a focalização como um destaque que se dá a algum elemento da sentença ou do enunciado, por apresentar a informação nova, considerada mais importante. O autor considera também importante explicitar-se a definição de focalizador:

Recurso prosódico ou gramatical para assinalar o foco. A focalização pode ser obtida mediante (1) pronúncia enfática do segmento que se quer destacar, por em relevo, como em VOCÊ é que deveria falar; (2) o uso de operadores tais como a expressão clivadora *é que*, em *Você é que* deveria falar, ou uso de um advérbio de focalização, como em “Só/ apenas/unicamente você deveria falar. (CASTILHO, 2010, p. 675)



Koch (1997) descreve a focalização como um dos conceitos que propicia a coerência de um texto. Segundo a autora, tal conceito configura-se como um aspecto importante da produção e compreensão textuais. Fazendo menção ao estudo de Grosz (1981 *apud* Koch, 1997), a autora afirma que a focalização tem relação direta com a questão do conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado.

Segundo Grosz, falante e ouvinte, no diálogo, focalizam sua atenção em pequena parte do que sabem e acreditam, e a enfatizam. Assim, certas entidades (objetos e relações) são centrais para o diálogo e não só isto, mas também elas são usadas e vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o falante diz quanto como o ouvinte interpreta. (KOCH, 1997, p. 82)

Embora a pesquisa de Grosz (1981 *apud* Koch, 1997) tenha sido realizada tendo em vista apenas o diálogo oral, Koch (1997) acredita que suas observações sejam válidas também para o texto escrito.

Ambos os autores acima citados parecem acreditar que o que é dito, isto é, aquilo que se pronuncia (na linguagem falada, oral) influencia a focalização e vice-versa. Segundo eles, o falante (locutor) fornece pistas para o ouvinte (alocutário) sobre o que está sendo focalizado e tais pistas podem ser de conhecimento partilhado ou não e podem também ser expressas por recursos linguísticos ou não linguísticos.

Gonçalves (1998) realizou um trabalho sob o título: “Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas”, no qual apresentou o seu entendimento acerca da focalização: “o ato de focalizar, ou seja, de acentuar, de ressaltar, de por em relevo/realce/evidência um determinado item do texto” (GONÇALVES, 1998, p. 32). Para tanto, segundo o autor, muitas vezes fazemos uso de estratégias propriamente textuais, como a topicalização<sup>7</sup> e a

---

<sup>7</sup> Para Gonçalves (1998), a topicalização é uma das estratégias sintáticas de que se serve o português do Brasil para pôr em evidência um elemento no texto conversacional. E a clivagem de sentenças seria um processo de divisão de uma oração simples em duas, transformando-a em uma sentença complexa, de modo a destacar um constituinte como o foco da sentença.

clivagem de sentenças, seja por meio de expedientes prosódicos, como a entonação, seja com atuação concomitante dos dois.

Gonçalves (1998) afirma também que

A Focalização manifesta-se tanto por meios textuais quanto por meios prosódicos. Ela é, pois, fenômeno de natureza discursivo-pragmática, pois o usuário pode centrar sua atenção a uma parcela do enunciado que julgue relevante, enfatizando-a. (...) Certas partes de um texto são enfatizadas não só porque são centrais (focais) no discurso, mas também porque são vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o falante diz quanto o que o ouvinte interpreta. (GONÇALVES, 1998, p. 32)

Acreditamos ser de relevância ainda maior para nossa pesquisa os apontamentos seguintes, também proferidos por Gonçalves (1998):

- i) há em um texto elementos dentro e fora de Foco. Os primeiros, dizem respeito ao que é focalizado (ou enfatizado); são necessariamente informação *new*. E os segundos - elementos fora de foco - são informação *old*. Referem-se a dados que o falante julga conhecidos por ele e por seu interlocutor. Mais restritivamente, são os ativados ou colocados em primeiro plano pelo cotexto ou pela situação precedente;
- ii) uma das modalidades de focalização é a denominada Textual, a qual faz uso de recursos morfossintáticos tais como: topicalização, a clivagem de sentenças, a marcação do grau e o emprego de advérbios focais, entre outros expedientes textuais;
- iii) a focalização vem a ser fenômeno discursivo-pragmático, visto estar vinculada às estratégias argumentativas e ao conteúdo informacional do enunciado.

Ao tratar de topicalização, Gonçalves (1998) expõe ainda as diferenças que existem, segundo ele, entre esse conceito e entre um outro denominado deslocamento à esquerda. Reproduzimos tais diferenças propostas pelo autor no quadro descritivo a seguir:

<b>Topicalização</b>	<b>Deslocamento à esquerda</b>
sem pausa (ou com pausa breve)	com pausa (ou com pausa longa)
sem pronome	com pronome
função de continuidade tópica	função coesiva
Contrastivo	não contrastivo
com SNs tanto definidos, como não	com SNs definidos, dados

**Quadro 8: Diferenças entre Topicalização e Deslocamento à esquerda segundo Pontes (1983, p. 146, *apud* Gonçalves, 1998, p. 37)**

Em nosso trabalho, ao analisarmos as construções centro de interesse nesta pesquisa - no que diz respeito à focalização - pautaremos nas características do deslocamento à esquerda.

Para encerrar esta seção, faremos mais uma citação de Castilho (2010), a qual, a nosso ver, explica bem o que a este conceito de focalização representa para o nosso trabalho:

A focalização aparece aqui como um recurso precioso, pois apenas os constituintes de uma sentença podem ser focalizados, seja por meio dos advérbios especializados nesse trabalho, como só e apenas, seja por meio da expressão clivadora *é que*. (CASTILHO, 2010, p. 275) (grifos nossos)

Na seção seguinte, apresentamos considerações referentes a outro importante parâmetro para análise das orações objeto de nosso estudo: a noção de *unidade de informação* ou *unidade informacional*.

#### **1.4 As unidades informacionais**

Conforme já mencionamos em 1.2.2, para Decat (2011), é importante que se tomem as chamadas unidades de informação ou unidades informacionais – “*idea unit*”, critério adotado por Chafe (1980) – como parâmetro de análise ao se avaliar o *status* dependente, ou não, das cláusulas.

A autora utilizou esse parâmetro para investigar a (in)dependência das orações *subordinadas*. Nós, neste trabalho, também faremos uso da noção de unidades de informação como parâmetro de análise das ocorrências que formam nosso *corpus* de pesquisa. Não nos voltaremos, no entanto, a orações

subordinadas; pretendemos analisar a (in) dependência de orações *correlativas*, isto é, orações consideradas interdependentes.

Grande parte dos estudiosos – tanto tradicionais quanto funcionalistas – denomina as construções centro de nosso interesse – aquelas já mencionadas diversas vezes neste capítulo, as quais dispõem da estrutura “*não só... mas também*” e similares – como *construções correlativas aditivas*.

Propomos a análise dessas orações sob a ótica dessa noção de unidades de informação por acreditarmos que, muitas vezes, tais construções aditivas, quando apresentam apenas um item do par correlativo (por exemplo, somente o “*não só*”), parecem caracterizar uma estratégia de argumentação de que se vale o produtor na organização de seu discurso. Cremos também que, bem como propõem Chafe (1980) e Decat (2011) para orações subordinadas, essas cláusulas consideradas interdependentes talvez possam também constituir, elas mesmas, unidades de informação à parte em um enunciado.

Chafe (1980, p. 13), ao estudar as sentenças, optou por analisar breves jorros de linguagem, em vez de se deter em fluxos de informação correntes e maiores: “A property of spontaneous speech readily apparent to anyone who examines it closely is that it is produced, not in a flowing stream, but in a series of brief spurts.”<sup>8</sup>.

O autor defende a ideia de que, em um discurso espontâneo, o conteúdo lexical é composto por etapas, cada uma das quais corresponde a uma única cláusula simples ou parte de uma cláusula simples. Essas etapas equivalem, segundo ele, a unidades de informação à parte no discurso.

Nas palavras de Decat (2011), Chafe (1980) considera uma unidade de informação

‘jatos de linguagem’ que contém toda a informação que pode ser ‘manipulada pelo falante num único foco de *consciousness* (ou “estado de consciência (...)). Isso quer dizer que há um limite quanto à quantidade de informação que a atenção do falante pode focalizar de uma única vez, ou seja, a unidade informacional expressa o que está na ‘memória de curto termo’

---

<sup>8</sup> “Uma propriedade da fala espontânea facilmente perceptível por qualquer pessoa que a examine de perto é que ela é produzida não em um fluxo corrente, mas em uma série de breves jorros.”.

(ou na 'memória rasa', ou 'memória de médio prazo') (...)  
(DECAT, 2011, p. 28)

Chafe (1980) pesquisou as unidades informacionais no gênero narrativas fílmicas. Nessa pesquisa, o autor concluiu que cada “*idea unit*” possuía cerca de seis palavras e era dita pelo falante em aproximadamente dois segundos. A partir daí, Chafe (1980) delimitou alguns critérios para se identificar as unidades de informação – critérios esses que serão utilizados em nossa análise. São eles:

- I. o contorno de entonação presente no final das orações – *clause-final* (tais contornos podem estar ou não acompanhados por vírgulas);
- II. uma pausa – o autor acredita que breves pausas geralmente separam uma unidade de outra;
- III. o fator sintático – a tendência de essas unidades de informação constituírem uma única cláusula, ou seja, apresentarem um único verbo. (CHAFE, 1980, p. 14)

O linguista americano deixa claro que esses três fatores não têm, necessariamente de estar todos presentes na identificação de uma unidade informacional: “the presence of any one of them necessarily signal the bound of an idea unit.” (CHAFE, 1980, p. 14)<sup>9</sup>

O autor declara que, dentre esses três fatores, o mais eficaz na análise das unidades informacionais é a entonação; o fator sintático, segundo o autor, mostrou-se o menos relevante.

Decat (2011, p. 29) ressalta que “o fato de uma cláusula não poder constituir por si só um enunciado decorre de não ser ela uma unidade de informação.”.

---

<sup>9</sup> “A presença de qualquer um deles necessariamente sinaliza o limite de uma unidade de ideia.” (unidade de informação ou unidade informacional). (CHAFE, 1980, p. 14).

Neves (1997) afirma que há muitas propostas funcionalistas pertinentes para se verificar o tratamento da frase quanto ao ato de interação como peça de comunicação real. Dentre tais propostas, ela cita a de De Lancey (1981, *apud* NEVES, 1997), que utiliza as noções de *fluxo de atenção* e *de ponto de vista*.

Segundo tal proposta, há partes do discurso com mais importância comunicativa que outras, isso porque a organização discursiva dispõe de mecanismos capazes de marcar a relevância relativa dos diferentes eventos e entidades contidas em um discurso.

De Lancey (1981, *apud* NEVES, 1997) faz uma distinção entre um fluxo de atenção natural e um fluxo de atenção linguístico:

do fluxo de atenção linguístico pode-se dizer, por exemplo, que, seguindo a ordem natural, ele parte de Origem (Agente, Experimentador) para Meta, e que ele se situa na posição mais à esquerda, na frase. O fluxo de atenção natural tem como base a ordenação temporal dos eventos, que deve ser refletida na frase, a não ser que haja alguma motivação especial – potencialmente ligada ao próprio ponto de vista – que cause a não coincidência, e torne marcado o enunciado. (NEVES, 1997, p. 34)

Para Neves (1997), o fluxo de atenção, de modo geral, organiza o fluxo de informação, o qual, segundo a autora, tem relação com a organização que nele obtém categorias como “tópico e comentário”, “sujeito e predicado”, “informação dada e informação nova”, ou, ainda, “unidades de entonação”, “orações”, “frases” e “parágrafos”. A autora considera as unidades de informação já mencionadas como unidades de entonação nas quais se distribuem as porções de informação, que, por sua vez, remetem a representações mentais, tendo, portanto, sua definição ligada ao estado de consciência do falante:

O fluxo de informação determina a ordenação linear dos sintagmas nominais na frase, que se faz na sequência que o falante considera adequada para obter a atenção do ouvinte, mas alterações da ordem podem atuar no sentido de controlar o fluxo de atenção. (NEVES, 1997, p. 35)

Além do que já fora citado, importantes contribuições emergiram do trabalho de Decat (2011) no que tange à análise das unidades informacionais, principalmente em relação ao *status* – dependente ou não – de uma oração.

A autora concluiu, por exemplo, que as cláusulas substantivas e as adjetivas restritivas estão mais integradas estruturalmente em outras orações, denominadas orações matriz (nos termos da GT, as orações principais), isto é, as orações substantivas e as orações adjetivas restritivas apresentam um *status* mais dependente porque “estão em constituição com um item lexical” presente na oração matriz (DECAT, 2011, p. 42). Por essa razão, tais orações – subordinada e matriz – acabam constituindo uma única unidade informacional.

As orações adverbiais (hipotáticas) e as adjetivas apositivas, por seu turno, por funcionarem como adjuntos para as orações nucleares (orações principais), configuram-se como opções organizacionais de que o falante dispõe ao produzir seu discurso; tais orações formam unidades de informação à parte.

Além disso, em sua pesquisa, Decat (2011) verificou que a posição em que uma oração é utilizada no período pode influenciar em seu “desgarramento” com relação às demais orações. O termo “desgarradas”, instituído por Decat (2011), refere-se às orações subordinadas adverbiais (hipotáticas) e apositivas, que, figurando como unidades informacionais à parte, como já citado acima, podem aparecer separadas da oração nuclear (oração matriz, principal) por meio do ponto, ao invés de articuladas àquela oração, contrariando a forma prototípica da oração complexa formada por subordinação. Assim como a autora, também nos pautaremos na noção de unidades de informação. Mas, em nosso trabalho, não consideramos que nosso objeto de estudo - as correlativas aditivas - configurem orações “desgarradas”, pois, segundo Decat (2011, p. 37), “ a ocorrência ‘desgarrada’ de uma cláusula que seja constituinte de outra só se dá quando a mesma tenha já aparecido como ‘encaixada’”. E as correlativas aditivas não são consideradas “encaixadas” (subordinadas dependentes), uma vez que são consideradas interdependentes.

Decat (2011) expõe ainda considerações que remetem à *clause-final*, citada por Chafe (1980)

a posição inicial prende mais a cláusula, ao passo que a final (...) configura-se como uma condição propícia ao “desgarramento”. Por incrível que possa parecer, esse “desgarramento”, assim como a posição inicial, serve à ênfase, estabelecendo, portanto, a interação com o interlocutor. (DECAT, 2011, p. 39)

Decat (2011) afirma que a dependência que possa vir ainda a permear essas cláusulas adverbiais e apositivas, consideradas orações com um *status* menos dependente por não serem argumento de item lexical algum, será pragmático-discursiva. Para a autora, tais orações vêm a alcançar objetivos comunicativo-interacionais do falante:

O uso dessas cláusulas como enunciados independentes serve para marcar as intenções comunicativas, ora servindo, como apontam CHAFE (1984, 1988) e GIVÓN (1992), de “guia” para o interlocutor, ou de “ponte de transição”, que estabelecem a coesão do texto, ora à ênfase pretendida pelo locutor. Além disso, a ocorrência frequente dessas construções em final de parágrafo também serve a uma função coesiva importante ao desenvolvimento do texto. (DECAT, 2011, p. 39)

Acreditamos que as orações por nós estudadas apresentam esse comportamento descrito por Decat (2011) acerca das adverbiais e apositivas, ou seja, cremos que as correlativas aditivas também têm uma função persuasiva e enfática no texto; elas podem “reforçar a argumentação.” (KOCH, 1997, *apud* DECAT, 2011, p. 40), conforme já exposto em 1.2.3.2.

Ademais, a nosso ver, defendemos que essas cláusulas aditivas também podem constituir unidades de informações à parte, bem como as analisadas por Decat (2011).

### **1.5 Algumas contribuições do aporte teórico pesquisado para o estudo do par aditivo “*não só... mas também*” e similares**

Analisando e comparando as abordagens tradicionais - no que diz respeito à articulação de orações - com aquelas proferidas pelo discurso funcionalista e investigando a teoria acerca de correlação, de focalização e de



unidades de informação, listamos as principais contribuições para o nosso estudo:

- os processos sintáticos de articulação de orações abordados pelas GTs, tidos apenas como coordenação e subordinação, não consideram a correlação como processo de articulação de cláusulas (CUNHA e CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 1972; BECHARA, 2009);
- além do parâmetro referente à autonomia apenas de função das cláusulas, ao se investigar a (in)dependência das orações, é preciso levar em conta também a questão da ordem das sentenças em um enunciado. Muitas orações consideradas independentes pela GT não podem ter sua ordem invertida, já que, assim, tornar-se-iam agramaticais (BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 1972; GARCIA, 1980; RODRIGUES, 2007; PEZATTI e LONGHIN-THOMAZI, 2008);
- diferentemente da tradição gramatical, a perspectiva funcionalista, ao tratar dos processos de articulação de orações, propõe que se analisem os critérios sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos, os quais levam em conta as intenções do falante e a sua relação com o ouvinte; (FURTADO DA CUNHA, 2009)
- tanto no âmbito tradicional quanto no funcionalista, pouco se disserta a respeito das construções com a estrutura “*não só...mas também*” e similares; em sua maioria, os trabalhos se voltam apenas às construções que fazem uso da conjunção aditiva prototípica e mais frequente: a conjunção *e* (CUNHA e CINTRA, 2001; LUFT, 1981; BECHARA, 2009; CASTILHO, 2010; PEZATTI e LONGHIN-THOMAZI, 2008);
- são identificadas construções que se correlacionam tanto por meio de dois elementos explícitos no enunciado quanto implícitos, ou seja, podem também se correlacionar em enunciados nos quais um desses elementos está oculto, porém subentendido (NEY, 1955);

- as construções que dispõem do par correlativo “*não só...mas também*” e similares assemelham-se, muitas vezes, às construções correlativas comparativas (NEVES, 2000);
- as construções correlativas aditivas em análise neste trabalho apresentam-se como mais enfáticas do que aquelas em que a conjunção *e* é utilizada (PAULIUKONIS, 2001; ROSÁRIO e RODRIGUES, 2010);
- a focalização é considerada um dos conceitos que propicia a coerência de um texto e auxilia em sua produção e compreensão; pode manifestar-se tanto por meios textuais quanto por meios prosódicos (KOCH,1997; GONÇALVES,1998);
- há em um texto os elementos focalizados, que, via de regra, são considerados informação “nova” para o interlocutor e os elementos fora de foco, aqueles considerados informação “velha” tanto para o locutor quanto para o interlocutor. (GONÇALVES, 1998);
- o contorno de entonação presente no final das orações, uma pausa e a tendência de breves jorros de linguagem constituírem por si só períodos simples formam os critérios plausíveis para se verificar se determinada cláusula pode ou não ser considerada uma unidade de informação à parte em um enunciado, sendo o primeiro deles - a entonação - considerado o mais eficaz (CHAFE, 1980; DECAT, 2011);
- há partes do discurso com mais importância comunicativa que outras, isso porque a organização discursiva dispõe de mecanismos capazes de marcar a relevância relativa dos diferentes eventos e entidades contidas em um discurso (NEVES, 1997).

## Capítulo II. Procedimentos metodológicos

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos por meio dos quais realizamos nossa pesquisa. Inicialmente, expomos algumas informações a respeito de nosso *corpus* de pesquisa, ou seja, sobre o hipertexto, apesar de o foco desta pesquisa não ser o estudo profundo desse tipo de texto. A seguir, apresentamos o modo como obtivemos as ocorrências que formaram tal *corpus*. E, logo após, descrevemos os parâmetros de análise por nós adotados neste trabalho.

### 2.1. Hipertexto: um texto que reúne muitos outros textos

A comunicação realizada por meio de tecnologias tem se tornado cada vez mais comum entre as pessoas. Muitos acabam mesmo “viciados” em Internet, passando horas em frente ao computador e, em casos, extremos, até mesmo reduzindo consideravelmente seu convívio social. Crianças e adolescentes, sobretudo, tendo ou não acesso à rede em casa, têm chegado aos bancos escolares cada vez mais conectados com o mundo virtual e, por consequência, imersos nos gêneros textuais próprios desses ambientes digitais.

Hoje, com a facilidade de acesso a notícias imediatas via Internet, as pessoas informam-se das atualidades antes mesmo de essas serem noticiadas pelo jornal televisivo – fato anteriormente raríssimo de acontecer. Além disso, devido aos blogs, aos sites e às demais redes de relacionamento, as pessoas acabam exercitando mais a prática da escrita e da leitura nesses ambientes virtuais, uma vez que leem e postam muitos comentários, inserem textos, verbais, não verbais ou verbo-visuais, além de publicarem também produções artísticas ou acadêmicas. Ou seja, esses usuários utilizam esses recursos pelos mais diversos motivos: quer por diversão, quer por necessidades profissionais entre outros.

Desse modo, muitas mudanças ocorreram no que diz respeito à maneira de lermos e de escrevermos. Atualmente, a leitura e a escrita dos links, por exemplo, têm importante papel na comunicação digital, visto que eles são

peças-chave para a realização da leitura e da navegação, de modo geral, no meio virtual.

Em razão desse crescente uso e acesso a gêneros textuais digitais, optamos por trabalhar, nesta pesquisa, com ocorrências retiradas de um hipertexto. Acreditamos que o trabalho com esses “novos” modos de leitura e de produção textual devam, inclusive, ganhar mais espaço no ambiente escolar, local em que ainda se vê o texto impresso como o elemento central nas aulas de Língua Portuguesa, proferidas, muitas vezes, para um público totalmente internauta.

Com relação ao que se refere especificamente a hipertexto, a nosso ver, a própria palavra já expressa muito do que ela representa para nosso trabalho. O prefixo grego “hiper”, cujo significado é o de “excesso” (BECHARA, 2009), ao juntar-se a palavra “texto”, forma a expressão hipertexto, com o sentido literal: um texto que reúne muitos outros textos - nesse caso, textos publicados no meio virtual.

Os hipertextos, de modo geral, são textos digitais conectados por meio de links; podem ser entendidos como modalidades escritas exclusivamente virtuais. Modalidades estas que procuram maneiras alternativas de construção textual as quais ajudem a contornar as dificuldades impostas à leitura do texto na tela e também a explorar os recursos oferecidos pelo meio digital, como os próprios links e a inserção de imagens. (GOMES, 2011, p. 15; 23-45)

O hipertexto, no formato como conhecemos hoje, começou a ser desenvolvido em 1960, por Theodore Nelson, em seu curso de pós-graduação em Harvard.

Para a informática, o hipertexto trouxe questões relativas ao tamanho, à velocidade, às formas de acesso, à armazenagem ou ao “peso” do documento; para os estudos da linguagem e da educação, ele nos fez pensar sobre questões de leitura e de produção de hipertextos e de seus possíveis usos no ensino.

Por fim, consideramos relevante retomar uma afirmação de Furtado da Cunha (2009, p.157), já citada anteriormente: “É importante destacar que uma análise de cunho funcionalista procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita, retirados de contextos efetivos de comunicação,

evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação.”.

Tal afirmação reitera nossa opção por trabalhar com hipertextos, uma vez que, tendo em vista os preceitos funcionalistas norteadores de nosso trabalho, procuramos trabalhar com gêneros textuais oriundos de hipertextos, pois assim nos consideramos “conectados” à linguagem e a textos comuns de nossos alunos atuais. Desse modo, buscamos as ocorrências que constituem o corpus de nosso interesse, isto é, as construções aditivas com a estrutura “*não só... mas também*” e similares em diversos hipertextos.

### **2.1.1 O gênero notícia: uma breve noção**

No que tange à estrutura da notícia, seja ela impressa ou online, acreditamos que devem constar: o fato, quando aconteceu, com quem e como. O relato dos fatos normalmente é realizado em terceira pessoa e por ordem de importância.

Tal gênero textual traz ainda dados precisos e/ou fala dos envolvidos que colaboram para que o leitor confie no relato do fato. Além disso, a linguagem e o estilo das notícias são geralmente adequados ao jornal proposto, isto é, considera-se sempre o público leitor e o título tende a ser chamativo, trazendo o verbo no presente e destacando a parte mais importante da notícia.

Segundo Benassi (2007, p. 1793):

A notícia é um formato de divulgação de um acontecimento por meios jornalísticos. É a matéria-prima do Jornalismo normalmente reconhecida como algum dado ou evento socialmente relevante que merece publicação numa mídia. Fatos políticos, sociais, econômicos, culturais, naturais e outros podem ser notícia se afetarem indivíduos ou grupos significativos para um determinado veículo de imprensa. Grande parte das vezes, a notícia pode ter conotações diferenciadas, justamente por ser excepcional, anormal ou de grande impacto social, como acidentes, tragédias, guerras e golpes de estado. Notícias têm valor jornalístico apenas quando acabaram de acontecer, ou quando não foram noticiadas previamente por nenhum veículo. Nem todo texto jornalístico é noticioso, mas toda notícia é potencialmente objeto de apuração jornalística.

Para Wilson (2005), as notícias eletrônicas e notícias impressas constituem dois gêneros discursivos distintos, apesar de compartilharem várias características fundamentais. Para a autora, não se pode negar a existência de diversos aspectos particulares do gênero 'notícia de jornal eletrônico', tais como o fato de a textualidade dos textos na web se manifestar de maneira diferente de textos escritos e a concepção de texto levando em consideração outros sistemas semióticos além da linguagem para a construção de significado na cibercultura em que vivemos.

Wilson (2005) ressalta ainda que, no campo das relações entre os participantes do discurso, a relação entre leitor e escritor é mais próxima no ambiente eletrônico e, segundo ela, o leitor passa a ter mais controle sobre o texto, criando seus próprios significados a partir de escolhas de caminhos de leitura.

### **2.1.2 O gênero link: a ação de clicar**

Segundo Gomes (2011), os links<sup>10</sup> são os elementos constitutivos centrais do hipertexto. Sem eles, o hipertexto é apenas texto. Há diferentes tipos de links – palavras, imagens, ícones - que, conforme o local onde são postos e as ligações que promovem, remetem o leitor a outros textos e podem construir, modificar, ampliar, induzir ou restringir sentidos. Além disso, esse gênero digital, o link, conseqüentemente, pressupõe certa autonomia de escolha dos textos a serem alcançados pelo leitor/internauta.

O autor ainda acrescenta que,

Normalmente, dá-se mais importância aos textos do que aos links, ficando estes apenas como elementos de conexão. Porém, (...) eles são mais do que isso, pois, por fazerem parte central da organização estrutural e retórica do hipertexto, eles alteram o modo como os documentos são acessados e também o modo como podem ser compreendidos, propiciando

---

<sup>10</sup> Bronckart (1999, *apud* Paiva, 2004, p. 76) afirma que “qualquer espécie de texto pode atualmente ser designada em termos de gênero e que, portanto, todo exemplar de texto observável pode ser considerado como pertencente a um determinado gênero.”. É com base nesta afirmação do autor citado que consideramos, neste trabalho, o link como uma modalidade de gênero digital dentro de um hipertexto, ou seja, um gênero hipertextual. Temos conhecimento, porém, de que muitos estudiosos destacam o importante papel do link dentro do hipertexto, mas o consideram apenas como um constituinte interno do hipertexto ou então uma ramificação deste, não o caracterizando como um gênero digital (ou virtual) por si só.

estabelecimento de diferentes relações de sentido. (GOMES, 2011, p. 29)

Os links, portanto, têm natureza ativa no interior do hipertexto, visto que funcionam tanto como elementos estruturais quanto como conectivos, devido à função retórica e discursiva que desempenham ao auxiliar na construção dos sentidos.

A porção visível do link era chamada anteriormente de “âncora”, mas hoje, tanto essa porção quanto o link em si são comumente denominados apenas link. Essa modalidade de texto digital pode ser compreendida como aquela área no interior de um texto que é a fonte ou o destino da ação de clicar, ou seja, clicamos em um link para abrirmos outro link.

Os links geralmente estão em destaque e bem visíveis aos olhos do internauta; podem também aparecer em forma de botão, de ícone, de palavras, de conjunto de palavras ou, ainda, de símbolos especiais. No caso do nosso trabalho em específico, analisamos apenas aqueles constituídos por conjuntos de palavras, que, por sua vez, estão formando orações.

Ainda segundo Gomes (2011), os links, quando inseridos entre as palavras em uma porção de texto, parecem sugerir fortemente ao leitor que clique nele para ler mais a respeito do assunto em pauta; os inseridos ao final do texto, por seu turno, enfatizam a última palavra do texto, dando ao link uma importância maior e de continuidade.

Links assim, que parecem querer exercer influência sobre o leitor/internauta, a nosso ver, estão intimamente relacionados com o que mencionamos em **1.2.3.2** - referente à função persuasivo-argumentativa das construções com “*não só... mas também*” e similares, já que nos fica também evidente a conduta muito mais enfática dessas construções em cotejo com aquelas com a conjunção “e”, igualmente aditiva.

Apresentamos na sequência um quadro explicativo dos diversos tipos de links já catalogados – quadro este construído por nós com base na pesquisa de Gomes (2011), que, por sua vez, baseou-se em Hissa (2009, apud Gomes, 2011):

Parâmetro de análise do link	Tipos de links resultantes
------------------------------	----------------------------

1. Segundo as suas macrofunções semânticas	<b>Links semânticos</b>	<b>Links estruturais</b>
	Produzem relações de sentido.	Proporcionam relações estruturais de navegação.
2. Segundo a forma e o visual do link	<b>Links textuais</b>	<b>Links gráficos</b>
	São não verbais ou mistos. Aparecem sob a forma de ícones, botões, imagens, mapas etc.	Geralmente, sublinhados, destacam-se do texto pela cor e também pelo tipo e tamanho da fonte.
3. Segundo o lugar de conexão	<b>Links internos</b>	<b>Links externos</b>
	Conectam documentos, ou partes deles, a outros documentos que estão no mesmo site.	Ligam documentos, ou partes deles, a outros documentos que não fazem parte do mesmo hipertexto; e que estão em outro(s) site (s).
4. Segundo o tipo de percurso que oferecem ao usuário	<b>Links lineares</b>	<b>Links não lineares</b>
	Possibilitam apenas leitura sequencial dos textos; normalmente feitos para o meio impresso, mas foram disponíveis também na web.	Possibilitam leitura não sequencial; feitos genuinamente para a web.
5. Segundo a localização dos links e documentos	<b>Links superpostos</b>	<b>Links implicados</b>
	Aparecem superpostos, na forma de menus, índices, mapas e geralmente são salientes.	Aparecem como parte do texto ou da imagem, ficando embutidos no próprio texto.
6. Segundo o modo de troca de páginas ou documentos web	<b>Links de substituição</b>	<b>Links de superposição</b>
	O texto de destino substitui o texto de partida, na tela.	O texto de destino se abre em outra janela, sem fechar o primeiro, ficando ambos os textos compartilhando a mesma tela.

**Quadro 9 - Sistematização dos tipos de links, segundo Hissa (2009, *apud* Gomes, 2011)**

Na próxima seção, há a descrição da constituição do *corpus* e da metodologia usada por nós na análise linguística das orações correlativas aditivas encontradas em hipertextos, as quais apresentam apenas um item do par correlativo “*não só*”... “*mas também*” e similares.

## 2.2. Constituição e descrição do *corpus*

Focamos nossa pesquisa na busca de ocorrências que apresentassem apenas um item do par correlativo “*não só*”... “*mas também*” e similares, mais especificamente aquelas que continham apenas o primeiro item, isto é, apenas



o “não só” e similares. Este uso tem se mostrado crescente, em geral, entre os falantes, inclusive, no que se tange ao gênero em análise neste trabalho. Mas, como tal uso ainda se encontra em número reduzido se comparado ao uso da estrutura completa (apresentando os dois itens: o “não só” e o “mas também” ou similares), realizamos a coleta de tais ocorrências por um período extenso – há exemplos desde 07 de junho de 2010 a 22 de junho de 2012. Para a análise, no total, listamos 65 ocorrências.

Conforme já exposto nas seções anteriores, buscamos, para o trabalho, ocorrências proferidas em gêneros hipertextuais, devido à presença cada vez mais comum do ambiente virtual e, por consequência, de textos próprios da Internet na vida das pessoas. Segundo Ferraz (2007), a tecnologia vem propiciando novas formas de se experimentar a comunicação, e a Internet, em especial, tem apresentado características importantes para a reflexão no âmbito da linguagem.

Dentre tais características, uma das mais importantes, a nosso ver, e que tem grande relevância para nosso trabalho, é a questão da rapidez com que se produzem, leem-se e se propagam as informações na Internet. A tecnologia digital propiciou uma velocidade e instantaneidade próprias no que tange à veiculação e à renovação de conteúdo na rede.

As construções utilizadas neste trabalho são provenientes dos seguintes gêneros digitais: notícias de jornal eletrônico e links.

Acreditamos que toda pesquisa de cunho funcionalista deva levar em conta enunciados advindos de situações concretas de comunicação e, a partir daí, deva também apresentar o locutor desse processo de interação; o alocutário - que se refere a quem foi dirigido o texto - e ainda a suposta finalidade de tal texto, seja ele falado ou escrito.

Além disso, investigar-se-ão as marcas e formas linguísticas utilizadas em tal situação comunicativa – o que, provavelmente, auxiliará na compreensão dos sentidos e significados que podem emergir de um discurso. Com as pesquisas que realizamos, conferimos que tanto os produtores (locutores) quanto os leitores (alocutários) próprios dos gêneros digitais analisados, de modo geral, apresentam as seguintes características:

- i) são, em geral, jovens ou adultos com idade economicamente ativa;
- ii) possuem nível de escolaridade de médio a alto;
- iii) utilizam a rede, potencialmente, com a finalidade de informar outras pessoas (locutor) ou para se manterem informados (alocutários).

Até pouco tempo, a Internet estava presente somente na realidade cotidiana de pessoas com elevado poder aquisitivo. Nos dias atuais, ela vem se apresentando cada vez mais acessível às classes sociais menos favorecidas; a nosso ver, porém, ainda há quem sofra com o problema da exclusão digital devido, muitas vezes, à ausência de letramento e à escassez de uma educação voltada para o uso da tecnologia.

Vejam, a seguir, dois exemplos das ocorrências que utilizamos, emolduradas da maneira como se apresentam na rede:

The image shows a screenshot of a news article on the website 'Folha de S. Paulo'. The main headline is 'Dilma assina medida que desonera indústria de defesa'. The article text mentions that President Dilma Rousseff signed a provisional measure on Thursday that exempts companies producing defense equipment from taxes like IPI, PIS/Pasep, and Cofins. The article is dated 29/09/2011 at 10h21. The page includes various advertisements, social media links, and a sidebar with 'as últimas que você não leu'.

Figura 4: Demonstração de uma ocorrência originária do gênero notícia de jornal eletrônico

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/983128-dilma-assina-medida-que-desonera-industria-de-defesa.shtml> Acesso em 29 set. 2011.

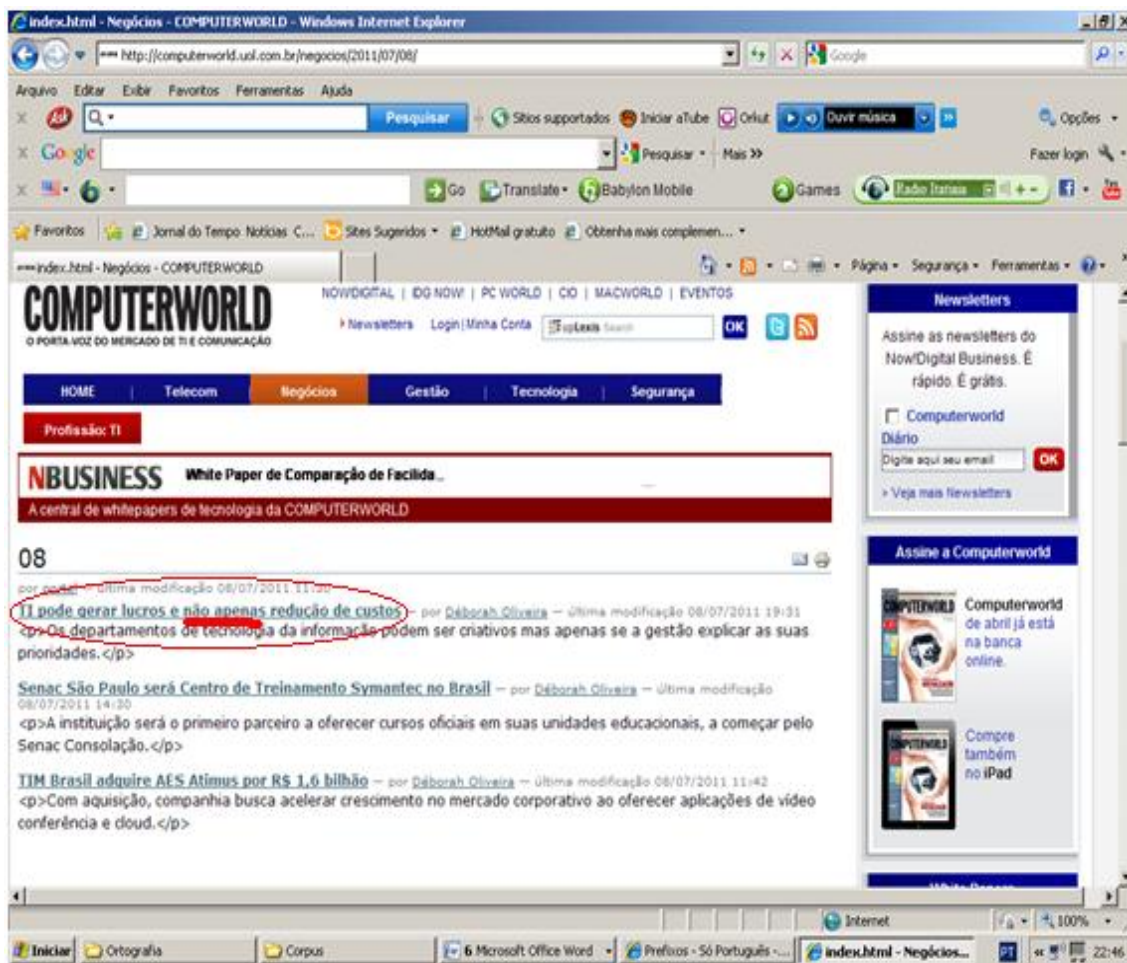


Figura 5: Demonstração de uma ocorrência originária do gênero link

<http://computerworld.uol.com.br/negocios/2011/07/08/ti-pode-gerar-lucros-e-nao- apenas-reducao-de-custos/>  
Acesso em 08 jul. 2011.

A seguir, seguem tais exemplos transcritos da maneira como utilizamos na análise:

1. Para o governo, por estimular o avanço tecnológico, a MP beneficiará **não só** as empresas de defesa -- que são aquelas registradas no Ministério da Defesa. Segundo o ministro Celso Amorim, "a medida significa, por um lado, o forte comprometimento do governo com a defesa nacional. Por outro, medida de política industrial de grande importância."

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/983128-dilma-assina-medida-que-desonera-industria-de-defesa.shtml> Acesso em 29 set. 2011.

2. TI pode gerar lucros e **não apenas** redução de custos

<http://computerworld.uol.com.br/negocios/2011/07/08/ti-pode-gerar-lucros-e-nao- apenas-reducao-de-custos/> Acesso em 08 jul. 2011.

## **2.3 Parâmetros de análise**

Primeiramente, optamos por utilizar uma marcação descritiva nas ocorrências analisadas, a fim de diferenciar o gênero digital do qual elas foram extraídas. Para tanto, usamos (N) para marcar que a ocorrência foi retirada de uma notícia e (L) quando o gênero for link.. A partir disso, dirigimo-nos à análise de tais ocorrências mediante os parâmetros descritos a seguir.

### **2.3.1 Tipo de locução conjuntiva utilizada**

Separamos as ocorrências de acordo com o item único do par correlativo “*não só... mas também*” e similares que essas apresentavam, ou seja, quantificamos e individualizamos as ocorrências que apresentaram unicamente o “*não só*”, ou o “*não apenas*” ou o “*não somente*”.

### **2.3.2 Constituição do enunciado: frase verbal ou nominal; período simples ou composto**

Relacionamos os formatos de enunciado em que a estrutura aditiva analisada tem aparecido e também verificamos em qual deles o uso dessa estrutura tem se mostrado mais frequente.

### **2.3.3 Simetria ou assimetria das orações**

Tendo por base, sobretudo, as postulações de Rodrigues (2007) e Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) a respeito da assimetria ou irreversibilidade de algumas orações, conferimos se as construções objeto de análise neste trabalho admitem ou não uma inversão de ordem no enunciado.

### **2.3.4 Focalização**

Como as palavras “*só*”, “*apenas*” e “*somente*” são consideradas elementos linguísticos restritivos e marcadores de foco, investigamos, com base nas postulações teóricas expostas na seção 1.3 do capítulo anterior, a

possibilidade de as construções em estudo neste trabalho estarem funcionando como focalizadoras.

### 2.3.5 Unidades de informação

Levando em conta os critérios estabelecidos por Chafe (1980) acerca das “*idea units*”, conforme já descrito em 1.4, verificamos se as construções correlativas aditivas que possuem apenas um item do par “*não só... mas também*” e similares podem também ser consideradas unidades de informação à parte em um enunciado, assim como Decat (2011) analisou as adverbiais (hipotáticas) e as relativas apositivas.

No próximo capítulo, apresentamos a análise que realizamos, mediante os parâmetros acima descritos, sobre as orações correlativas aditivas com apenas um item do par “*não só... mas também*” e similares, encontradas em gêneros digitais.

### Capítulo III. Apresentação e análise de dados

No presente capítulo, apresentamos, por etapas, como se deu a análise que realizamos referente às ocorrências centro de nosso interesse neste trabalho, ou seja, as construções aditivas formadas por apenas um item do par correlativo “*não só... mas também*” e similares, as quais foram encontradas em gêneros textuais provenientes de hipertextos.

Na primeira seção, expomos algumas quantificações a fim de informar quanto ao número de ocorrências encontradas em cada gênero digital pesquisado e quanto à quantia de ocorrências encontradas por locução conjuntiva, isto é, quantas construções aditivas foram formadas por “*não só*”, ou por “*não apenas*” ou, então, por “*não somente*”.

Na segunda seção, mostramos a divisão e as percepções obtidas após a investigação das orações<sup>11</sup> tendo em vista os parâmetros de análise 2.3.2 - *Constituição do enunciado: frase verbal ou nominal*; período simples ou composto - e 2.3.3 - *Simetria e Assimetria das orações*.

Na terceira seção, apresentamos a discussão e a análise das ocorrências mediante o parâmetro focalização (2.3.4), conferindo o poder argumentativo que estruturas como “*não só*”, “*não apenas*” e “*não somente*” podem imprimir em um enunciado, em uma porção textual.

Na quarta e última seção, tratamos da análise realizada por meio do parâmetro 2.3.5 – *As unidade de informação* e, com isso, apresentamos as percepções e resultados a que chegamos após essa investigação.

#### 3.1 Construções analisadas

Por meio do quadro a seguir, apresentamos a quantidade e a respectiva porcentagem referentes às ocorrências encontradas em cada gênero digital pesquisado neste trabalho:

---

<sup>11</sup> É importante informar que, embora demos preferência ao termo “orações”, usamos indistintamente também: “sentenças” e “cláusulas”.

<b>Gênero digital</b>	<b>Número de ocorrências (%)</b>
Notícia (N)	30 (46,2%)
Link (L)	35 (53,8%)
<b>TOTAL</b>	<b>65</b>

**Quadro 10: Quantificação das ocorrências por gênero digital<sup>12</sup>**

Observamos que há pouca diferença entre os gêneros notícia (de jornal eletrônico) e link no que tange à frequência de uso das ocorrências pesquisadas.

Conforme já mencionado na seção 1.2.3.4, o par correlativo aditivo “*não só... mas também*” apresenta várias possibilidades de formação. Focamos nossa pesquisa na busca por ocorrências que apresentavam apenas o primeiro item de tal par. Nesse item, é comum a presença de um advérbio de negação e de uma palavra denotativa, formando assim uma locução conjuntiva. Pontuamos nossa busca, filtrando apenas ocorrências que apresentassem unicamente as locuções: “*não só*”, “*não apenas*” e “*não somente*”.

Destacamos a seguir um quadro demonstrativo que evidencia as quantificações obtidas em nossa pesquisa, referentes à frequência de uso de cada locução acima citada:

<b>Locução</b>	<b>Quantidade de ocorrências</b>
“ <i>Não só</i> ”	23 (35,4 %)
“ <i>Não apenas</i> ”	39 (60 %)
“ <i>Não somente</i> ”	03 (4,6 %)
<b>TOTAL</b>	<b>65</b>

**Quadro 11: Quantificação das ocorrências mediante a locução conjuntiva utilizada**

Conferimos que, ao organizar o seu discurso, o locutor que produz links e notícias em hipertextos, segundo nossa pesquisa, tem optado mais pelo uso da locução conjuntiva “*não apenas*”. A locução “*não só*” surpreendeu ficando em segundo lugar na preferência dos locutores, visto que ela faz parte da estrutura prototípica do par correlativo aditivo em estudo.

<sup>12</sup> Por razões metodológicas, houve, em alguns casos, a aproximação de duas casas decimais no que diz respeito ao cálculo das porcentagens representativas dos dados em nosso trabalho.

E as construções que dispunham de “*não somente*” mostraram-se mais raras em nossa pesquisa, uma vez que foram detectadas apenas 4 ocorrências apresentando tal locução.

Consideramos relevante informar também as quantidades e respectivas porcentagens dessas ocorrências de acordo com a locução conjuntiva utilizada, tendo em vista o gênero digital do qual elas foram extraídas:

Locução	Gênero Notícia	Gênero Link	Subtotais
“ <i>Não só</i> ”	20 (87 %)	03 ( 13 %)	23
“ <i>Não apenas</i> ”	7 (18 %)	32 (82 %)	39
“ <i>Não somente</i> ”	03 (100 %)	-	03
<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS</b>			<b>65</b>

**Quadro 12: Quantificação das ocorrências mediante a locução conjuntiva utilizada e o gênero do qual elas foram extraídas**

Verificamos, com tal quadro, que parece haver uma tendência maior em se usar a locução “*não apenas*” no gênero link, já que 82% das formas analisadas encontram-se nesse tipo de texto digital. As locuções “*não somente*” e, sobretudo, a “*não só*”, ao que tudo indica, figuram muito mais como recurso do locutor ao produzir notícias em hipertextos.

Um dado, entretanto, chamou-nos atenção nesse levantamento: dentre 65 ocorrências listadas, 16 delas, isto é, cerca de 24,6%, foram encontradas em transcrições de falas, sobretudo, no gênero notícia. Vejamos tais construções:

1. “(...) Os sacrifícios devem ser de todos, e **não apenas** de uma pessoa”, afirmou o vice-presidente. **(N)**  
<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1105253-para-vice-do-milan-coracao-venceu-a-razao-para-manter-thiago-silva.shtml> Acesso em 08 mar. 2012.

2. "Dediquei dois meses a esse trabalho. Foi a primeira vez que fui chamado para desenvolver todo o conceito junto com a empresa, e **não apenas** um desenho", diz Filipe Jardim. **(N)**



<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/1105038-chapada-dos-veadeiros-e-frutas-citricas-estampam-colecao-da-forum.shtml>  
Acesso em 14 jun. 2012.

3. “Isso está completamente fora de questão. Eu sou líder do governo, a minha tarefa é esta. Esse tipo de especulação existe na Casa **não apenas** comigo. As pessoas olham. Mas primeiro existe o acordo entre PT e PMDB e quem fala pelo PT é o líder do PT. Então não há hipótese de o PT não honrar um acordo. Tentarei falar em nome do conjunto dos partidos. Seria um erro crasso o líder do governo se meter em disputas dentro da própria base do governo.” (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1061525-para-novo-lider-na-camara-momento-politico-e-calmo.shtml> Acesso em 14 mar. 2012.

4. Na decisão, o desembargador-relator, José Muiños Piñeiro Filho, afirmou que o fato "trata-se antes de tudo de um problema de saúde pública, e **não apenas** de um problema jurídico". (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1061321-justica-do-rio-autoriza-aborto-de-feto-sem-cerebro-e-medula.shtml> Acesso em 13 mar. 2012.

5. ‘As pessoas têm que saber fazer coisas, **não apenas** ter motivação’ (L) <http://cbn.globoradio.globo.com/colunas/mundo-corporativo/2012/02/25/AS-PESSOAS-TEM-QUE-SABER-FAZER-COISAS-NAO-APENAS-TER-MOTIVACAO.htm> Acesso em 25 fev. 2012.

6. Blatter: 'Esperamos atos do Brasil e **não apenas** palavras' (L)  
<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/blatter-esperamos-atos-e-nao- apenas-palavras-do-brasil> Acesso em 30 mar. 2012.

7. (...) "tomara que a Venezuela garanta liberdade a todos os cidadãos e **não somente** ao ditador e a seus amigos". (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1090166-parlamento-venezuelano-responde-a-criticas-de-uribe-a-chavez.shtml> Acesso em 14 mai. 2012.

8. "Estou muito feliz, muito emocionado. Foi um gol para a minha esposa e **não somente** para ela. Para todos que me ajudaram,

como o meu empresário. disse Oscar logo após o jogo.” (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1086434-apos-gol-contra-caxias-oscar-deixa-partida-chorando.shtml> Acesso em 06 mai. 2012

9. "O assunto é complexo, pois teríamos que ver a questão de todas as minorias, **não só** de negros e índios. (...)" (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1099691-cnj-votara-adocao-de-cotas-no-judiciario-para-indios-e-negros.shtml> Acesso em 03 jun. 2012.

10. "Estamos fortalecendo a imagem da BBC como produtora de diversos tipos de conteúdo, **não só** notícias", diz Jana Bennett. (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104408-bbc-hd-produzira-serie-sobre-o-brasil-selvagem-para-2014.shtml> Acesso em 14 jun. 2012.

11. "Tive um contato muito próximo e muito rápido. Mas uma coisa me chamou muita atenção. Ele era um cara extremamente generoso, o que não é muito comum entre diretores. Era um torcedor do cinema brasileiro, torcia pelos filmes de todo mundo, **não só** pelos dele. Isso é raro nessa área, em que a competição é muito grande", disse o diretor Heitor Dhalia. (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104962-diretores-e-atores-lamentam-morte-de-carlos-reichenbach.shtml> Acesso em 14 jun. 2012.

12. "É claro que existe preconceito, mas ele está em todo lugar", afirma a modelo Samira Carvalho, negra. "Sou a favor de mais negros em todos os lugares, **não só** na Fashion Week." (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104776-spfw-tem-dia-de-protestos-por-mais-negros-nas-passarelas.shtml> Acesso em 14 jun. 2012.

13. "Somos uma instituição que serve ao Brasil, **não só** a São Paulo. Recebemos milhares de pacientes do país e também da América Latina", complementou Kalil. (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1105279-incor-vai-orientar-medicos-do-sus-a-distancia.shtml> Acesso em 15 jun. 2012.

14. "Estamos aqui **não só** pela Cúpula dos Povos, pois concordamos apenas com algumas das ideias que estão sendo

debatidas na cúpula. Nossa luta é por uma democracia real, como mais participação popular e contra o capital especulativo e os lucros abusivos", afirma Krom. **(N)**  
<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1105969-manifestantes-ocupam-praca-no-centro-do-rio.shtml> Acesso em 16 jun. 2012.

**15.** "Mundo deve se preocupar com crianças e **não só** com 'bichinhos", diz premiê turco. **(L)**  
<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108504-mundo-deve-se-preocupar-com-criancas-e-nao-so-com-bichinhos-diz-premie-turco.shtml> Acesso em 21 jun. 2012.

**16.** A ministra afirmou que está nas mãos das crianças e adolescentes mudar padrões de consumo. "A sustentabilidade é agora, **não só** para o futuro. (...)", disse Izabella, ao receber a Carta das Crianças para a Terra. **(N)**  
<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108887-criancas-terao-conferencia-para-cobrar-acoes-ambientais-do-governo.shtml> Acesso em 22 jun. 2012.

Com isto, acreditamos que, se a fala dos indivíduos envolvidos de alguma maneira na situação comunicativa - seja nas notícias, seja nos links - tiver sido fielmente reproduzida para a modalidade escrita, este dado pode vir a revelar um considerável uso de apenas um item da construção correlativa aditiva "*não só... mas também*" e similares também na modalidade oral do português.

Vejamos isto também em números e de acordo com o gênero digital no qual foram encontradas tais transcrições:

<b>Gênero digital</b>	<b>Quantidade de ocorrências em transcrições de fala</b>
Notícia (N)	13 (81,2%)
Link (L)	3 (18,8 %)
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>

**Quadro 13: Quantificação das ocorrências em transcrições de falas por gênero digital**

Com relação a essas construções anteriormente relacionadas de 1 a 16 - encontradas em transcrições de fala – notamos que há uma aparente

relação de *parte/todo* entre as orações que compõem a maioria dessas ocorrências. Vejamos, por exemplo, o caso 12, o qual, a nosso ver, é um dos que mais faz emergir esta relação:

**12.** "É claro que existe preconceito, mas ele está em todo lugar", afirma a modelo Samira Carvalho, negra. "Sou a favor de mais negros em todos os lugares, **não só** na Fashion Week." **(N)**  
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104776-spfw-tem-dia-de-protestos-por-mais-negros-nas-passarelas.shtml> Acesso em 14 jun. 2012.

Neste exemplo, "Fashion Week" representaria a *parte* na relação *parte/todo*. E o trecho "todos os lugares", por sua vez, representaria o *todo*. Isto porque parece que "Fashion Week" é apenas um dos vários locais onde a modelo gostaria de ver mais negros, ou seja, ela gostaria de ver mais negros lá e também em todos os lugares, pois, aparentemente, para a modelo, que é negra, a participação, aceitação e acolhida de afrodescendentes em todos os lugares - sem exceção - seria um sinal de menos preconceito.

Apresentamos um quadro com as explicitações de *parte/todo* nas ocorrências de 1 a 16

N.	OCORRÊNCIA	PARTE	TODO
1	"(...) Os sacrifícios devem ser de todos, e <b>não apenas</b> de uma pessoa", afirmou o vice-presidente. <b>(N)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1105253-para-vice-do-milan-coracao-venceu-a-razao-para-manter-thiago-silva.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1105253-para-vice-do-milan-coracao-venceu-a-razao-para-manter-thiago-silva.shtml</a> Acesso em 08 mar. 2012.	<i>sacrifícios de uma pessoa apenas</i>	<i>sacrifícios de todas as pessoas (os sacrifícios de uma pessoa apenas seriam uma parte de um todo)</i>
2	"Dediquei dois meses a esse trabalho. Foi a primeira vez que fui chamado para desenvolver todo o conceito junto com a empresa, e <b>não apenas</b> um desenho", diz Filipe Jardim. <b>(N)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/1105038-chapada-dos-veadeiros-e-frutas-citricas-estampam-colecao-da-forum.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/1105038-chapada-dos-veadeiros-e-frutas-citricas-estampam-colecao-da-forum.shtml</a> Acesso em 14 jun. 2012.	<i>desenvolver um desenho, apenas, dentro da empresa</i>	<i>desenvolver o desenho e todo o conceito dentro empresa (o desenho seria a parte de todo, ou seja, um conceito a ser desenvolvido; ou então, em uma outra visão, desenvolver um mero desenho parece ser algo inferior ao que o locutor desenvolverá</i>

			<i>agora – aparentemente um conceito de maior significação)</i>
3	<p>“Isso está completamente fora de questão. Eu sou líder do governo, a minha tarefa é esta. Esse tipo de especulação existe na Casa <b>não apenas</b> comigo. As pessoas olham. Mas primeiro existe o acordo entre PT e PMDB e quem fala pelo PT é o líder do PT. Então não há hipótese de o PT não honrar um acordo. Tentarei falar em nome do conjunto dos partidos. Seria um erro crasso o líder do governo se meter em disputas dentro da própria base do governo.” (N)</p> <p><a href="http://www1.folha.uol.com.br/poder/1061525-para-novo-lider-na-camara-momento-politico-e-calmo.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/poder/1061525-para-novo-lider-na-camara-momento-politico-e-calmo.shtml</a> Acesso em 14 mar. 2012.</p>	<i>existe, na Casa, esse tipo de especulação com uma pessoa (“comigo”)</i>	<i>existe, na Casa, esse tipo de especulação “comigo” e com outras pessoas (o líder do governo - locutor - seria a parte de um todo).</i>
4	<p>Na decisão, o desembargador-relator, José Muiños Piñeiro Filho, afirmou que o fato “trata-se antes de tudo de um problema de saúde pública, e <b>não apenas</b> de um problema jurídico”. (N)</p> <p><a href="http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1061321-justica-do-rio-autoriza-aborto-de-feto-sem-cerebro-e-medula.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1061321-justica-do-rio-autoriza-aborto-de-feto-sem-cerebro-e-medula.shtml</a> Acesso em 13 mar. 2012.</p>	<i>trata-se de problema jurídico</i>	<i>trata-se de problema jurídico e de outros problemas, como de saúde pública (problema jurídico seria a parte de um todo – vários problemas)</i>
5	<p>‘As pessoas têm que saber fazer coisas, <b>não apenas</b> ter motivação’ (L)</p> <p><a href="http://cbn.globoradio.globo.com/colunas/mundo-corporativo/2012/02/25/AS-PESSOAS-TEM-QUE-SABER-FAZER-COISAS-NAO-APENAS-TER-MOTIVACAO.htm">http://cbn.globoradio.globo.com/colunas/mundo-corporativo/2012/02/25/AS-PESSOAS-TEM-QUE-SABER-FAZER-COISAS-NAO-APENAS-TER-MOTIVACAO.htm</a> Acesso de 25 fev. 2012.</p>	<i>as pessoas têm de ter motivação</i>	<i>as pessoas têm de ter motivação e têm de saber fazer as coisas. (ter motivação seria a parte de um todo)</i>
6	<p>Blatter: ‘Esperamos atos do Brasil e <b>não apenas</b> palavras’ (L)</p>	<i>esperam palavras</i>	<i>esperam palavras e atos do Brasil (palavras seriam a</i>

	<a href="http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/blatter-esperamos-atos-e-nao- apenas-palavras-do-brasil">http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/blatter-esperamos-atos-e-nao- apenas-palavras-do-brasil</a> Acesso de 30 mar. 2012.		<i>parte de um todo. Atos, inclusive, parecem ser de ainda maior importância para o locutor.)</i>
7	(...) "tomara que a Venezuela garanta liberdade a todos os cidadãos e <b>não somente</b> ao ditador e a seus amigos". (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1090166-parlamento-venezuelano-responde-a-criticas-de-uribe-a-chavez.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1090166-parlamento-venezuelano-responde-a-criticas-de-uribe-a-chavez.shtml</a> Acesso em 14 mai. 2012.	<i>garantia de liberdade para o ditador e seus amigos</i>	<i>garantia de liberdade para o ditador, para seus amigos e para todos (o ditador e seus amigos seriam a parte de um todo).</i>
8	"Estou muito feliz, muito emocionado. Foi um gol para a minha esposa e <b>não somente</b> para ela. Para todos que me ajudaram, como o meu empresário. disse Oscar logo após o jogo." (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1086434-apos-gol-contra-caxias-oscar-deixa-partida-chorando.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1086434-apos-gol-contra-caxias-oscar-deixa-partida-chorando.shtml</a> Acesso em 06 mai. 2012	<i>foi um gol para a esposa</i>	<i>foi um gol para a esposa e para todos que o ajudaram (a esposa seria uma parte do todo)</i>
9	"O assunto é complexo, pois teríamos que ver a questão de todas as minorias, <b>não só</b> de negros e índios. (...)" (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/poder/1099691-cnj-votara-adocao-de-cotas-no-judiciario-para- indios-e-negros.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/poder/1099691-cnj-votara-adocao-de-cotas-no-judiciario-para- indios-e-negros.shtml</a> Acesso em 03 jun. 2012.	<i>ver a questão dos negros e dos índios</i>	<i>ver a questão dos negros, dos índios e de todos os outros candidatos que representam minorias (negros e índios seriam uma parte de um todo)</i>
10	"Estamos fortalecendo a imagem da BBC como produtora de diversos tipos de conteúdo, <b>não só</b> notícias", diz Jana Bennett. (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104408-bbc-hd-produzira-serie-sobre-o-brasil-selvagem-para-2014.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104408-bbc-hd-produzira-serie-sobre-o-brasil-selvagem-para-2014.shtml</a> Acesso em 14 jun. 2012.	<i>fortalecimento da imagem da BBC como produtora de notícias</i>	<i>fortalecimento da imagem da BBC como produtora de notícias e de diversos tipos de conteúdos (notícias seriam uma parte de um todo)</i>
11	"Tive um contato muito próximo e muito rápido. Mas uma coisa me chamou muita atenção. Ele era um cara extremamente generoso, o que não é muito	<i>torcer pelos filmes de produção própria</i>	<i>torcer pelos filmes de produção própria e pelos filmes de todo mundo (os filmes de produção própria</i>

	comum entre diretores. Era um torcedor do cinema brasileiro, torcia pelos filmes de todo mundo, <b>não só</b> pelos dele. Isso é raro nessa área, em que a competição é muito grande", disse o diretor Heitor Dhalia. <b>(N)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104962-diretores-e-atores-lamentam-morte-de-carlos-reichenbach.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104962-diretores-e-atores-lamentam-morte-de-carlos-reichenbach.shtml</a> Acesso em 14 jun. 2012.		<i>seriam uma parte de um todo)</i>
13	"Somos uma instituição que serve ao Brasil, <b>não só</b> a São Paulo. Recebemos milhares de pacientes do país e também da América Latina", complementou Kalil. <b>(N)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1105279-incor-vai-orientar-medicos-do-sus-a-distancia.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1105279-incor-vai-orientar-medicos-do-sus-a-distancia.shtml</a> Acesso em 15 jun. 2012.	<i>servir a São Paulo</i>	<i>Servir a São Paulo e a todo o Brasil (São Paulo seria uma parte de um todo)</i>
14	"Estamos aqui <b>não só</b> pela Cúpula dos Povos, pois concordamos apenas com algumas das ideias que estão sendo debatidas na cúpula. Nossa luta é por uma democracia real, como mais participação popular e contra o capital especulativo e os lucros abusivos", afirma Krom. <b>(N)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1105969-manifestantes-ocupam-praca-no-centro-do-rio.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1105969-manifestantes-ocupam-praca-no-centro-do-rio.shtml</a> Acesso em 16 jun. 2012.	<i>estar por causa da Cúpula dos Povos</i>	<i>estar por causa da Cúpula dos Povos e por outros motivos (não exatamente explícitos); (estar pela Cúpula dos Povos seria uma parte de um todo)</i>
15	"Mundo deve se preocupar com crianças e <b>não só</b> com 'bichinhos'", diz premiê turco. <b>(L)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108504-mundo-deve-se-preocupar-com-criancas-e-nao-so-com-bichinhos-diz-premie-turco.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108504-mundo-deve-se-preocupar-com-criancas-e-nao-so-com-bichinhos-diz-premie-turco.shtml</a> Acesso em 21 jun. 2012.	<i>preocupação com "bichinhos"</i>	<i>preocupação com "bichinhos" e com crianças (preocupação com "bichinhos" seria uma parte de um todo)</i>
16	A ministra afirmou que está nas mãos das crianças e adolescentes mudar padrões de	<i>sustentabilidade no futuro</i>	<i>sustentabilidade no futuro e agora (futura seria uma parte de</i>

<p>consumo. "A sustentabilidade é agora, <b>não só</b> para o futuro. (...)", disse Izabella, ao receber a Carta das Crianças para a Terra. <b>(N)</b>  <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108887-criancas-terao-conferencia-para-cobrar-acoes-ambientais-do-governo.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108887-criancas-terao-conferencia-para-cobrar-acoes-ambientais-do-governo.shtml</a>  Acesso em 22 jun. 2012.</p>		<p><i>um todo)</i></p>
--	--	------------------------

**Quadro 14: Sistematização das relações de parte/todo em construções com “não só... mas também” e similares.**

Na próxima seção, tratamos de dois parâmetros de análise: constituição dos enunciados e (as) simetria das orações.

### 3.2. Constituição dos enunciados e a questão da (As)Simetria orações

Com o levantamento que fizemos referente à maneira como foram constituídas as ocorrências listadas neste trabalho, foi possível perceber que a grande maioria das construções analisadas (43 casos ao todo – 66,2%) estão inseridas em um período composto; há, no entanto, o que denominamos de *compartilhamento de verbos*. Em outras palavras, o mesmo verbo é usado em todas as orações (em geral, duas) que formam os períodos investigados. E, para tornar o texto mais conciso, nesses casos, é empregado apenas um verbo explícito na oração; o outro fica elíptico, mas é facilmente identificado pelo leitor.

Vejamos alguns exemplos de ocorrências como essas:

**(17)** Apito deve proteger todos os craques, **não apenas** Neymar **(L)**<http://www.gazetaesportiva.net/blogs/chicolang/2012/02/27/apito-deve-protger-todos-os-craques-nao- apenas-neymar/> Acesso em 27 fev. 2012.

**(15)** (exemplo já citado na seção anterior) “Mundo deve se preocupar com crianças e **não só** com 'bichinhos”, diz premiê turco **(L)** <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108504-mundo-deve-se-preocupar-com-criancas-e-nao-so-com-bichinhos-diz-premie-turco.shtml> Acesso em 21 jun. 2012.



(18) Neste ano, ocorrerão não duas, como de costume, mas três edições do Fashion Rio e da São Paulo Fashion Week. O inverno, portanto, será exibido em outubro próximo e **não somente** em 2013. (N) <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1093634-temporada-de-verao-da-moda-comeca-sob-ameaca-de-crise.shtml> Acesso em 22 mai. 2012.

(19) Para Serra, seria correto uma lei que tratasse do assunto para qualquer jogo e **não apenas** para a Copa. (N) <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1062622-serra-critica-liberacao-da-venda-de-bebidas-na-copa.shtml> Acesso em 15 mar. 2012.

(20) Na lista das 14 cidades escolhidas, há várias de países em desenvolvimento - **não só** de países desenvolvidos. (N) <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1103252-precisamos-abrir-o-ted-para-o-mundo-diz-diretora-de-ciclo-de-palestras.shtml> Acesso em 14 jun. 2012.

Optamos por tais exemplos por serem tanto provenientes do gênero digital link quanto do gênero digital notícia, para, assim, evidenciar que tal situação de compartilhamento de verbos ocorre em ambos os gêneros. E também por, juntos, eles apresentarem os três casos de locuções próprias da estrutura “*não só... mas também*”, ou seja, há exemplos com compartilhamento de verbos em construções com “*não só*”, com “*não apenas*” e com “*não somente*”.

Vê-se que, em (17), (15) e (18), há períodos compostos, pois, muito embora as locuções verbais “deve proteger”, “deve se preocupar” e “será exibido” apareçam apenas uma vez no enunciado, podemos identificá-las subentendidas talvez mais ao fim da porção textual.

Compreendemos nessas ocorrências que, em (17), por exemplo, segundo o locutor, não deve haver uma proteção exclusiva, restrita para o craque citado - o apito deve proteger o Neymar e também (deve proteger) os demais craques futebolísticos. Em (15), para o locutor, o mundo deve se preocupar com os animais e também (deve se preocupar) com as crianças. Talvez, na opinião do locutor, tal preocupação deva ser até maior com as

crianças. E, em (18), de acordo com o locutor, a coleção de inverno será exibida antecipadamente em outubro próximo e também (será exibida) em 2013.

Nos exemplos (19) e (20), os verbos compartilhados são “tratar” e “haver”. Mas, ao contrário dos casos anteriores, quando ocultos, eles não parecem estar sozinhos; vêm em forma de sintagma verbal, isto é, verbo acompanhado de um vocábulo ou de uma locução. Exemplo: “tratasse do assunto” (verbo “tratar” acompanhado da locução “do assunto”). Parafraseadas na forma correlativa, tais construções talvez pudessem figurar assim: (19) “Para Serra, seria correto uma lei que tratasse do assunto **não apenas** para a Copa, **mas também** (*tratasse do assunto*) para qualquer jogo.”; (20) “Na lista das 14 cidades escolhidas, há várias **não só** de países desenvolvidos, mas também (*há várias*) de países em desenvolvimento.”.

Abaixo seguem os números referentes à frequência e à porcentagem de ocorrências com compartilhamento de verbos nos dois gêneros digitais selecionados e conforme a locução em que foram formadas:

<b>Locução</b>	<b>Gênero Notícia</b>	<b>Gênero Link</b>	<b>Subtotais</b>
“ <i>Não só</i> ”	15 (93,8%)	1 ( 6,2%)	16 (37,2%)
“ <i>Não apenas</i> ”	05 (20,8%)	19 (79,2%)	24(55,8%)
“ <i>Não somente</i> ”	03 (100%)	-	3 (7%)
<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>23 (53,5 %)</b>	<b>20 (46,5 %)</b>	<b>43</b>

**Quadro 15: Ocorrências em período composto COM compartilhamento de verbo entre as orações**

Com o quadro, é possível perceber que tal ocorrência com compartilhamento de verbos se fez sentir, de modo expressivo, em ambos os gêneros digitais analisados. E fica-nos também evidente que elas ocorreram, sobretudo, dispondo da locução “*não apenas*”.

Além desses casos acima expostos, encontramos, também, em número menos expressivo, ocorrências apresentando apenas um item do par “*não só...mas também*” igualmente em período composto, mas sem

compartilhamento de verbos, ou seja, em períodos constituídos por orações com verbos distintos.

Vejamos um desses casos:

**(21) Reflita: Não apenas** reclame, sua omissão faz parte dessa história. **(L)**  
<http://www.blogdofabiorodrigues.com.br/2012/01/reflita-nao-apesas-reclame-sua-omissao.html> Acesso em 29 jan. 2012.

Esse exemplo, extraído do gênero link, é formado pela locução “*não apenas*” e apresenta os verbos: “refletir”, “reclamar” e, em uma outra porção, o verbo “fazer”; não há, portanto, verbos elípticos.

O quadro a seguir expõe as quantidades que encontramos de cada ocorrência como essa acima descrita; informa também os números referentes à locução utilizada.

<b>Locução</b>	<b>Gênero Notícia</b>	<b>Gênero Link</b>	<b>Subtotais</b>
“ <i>Não só</i> ”	03 (100 %)	0	03 (25 %)
“ <i>Não apenas</i> ”	01 (11,1 %)	08 (88,9 %)	09 (75 %)
“ <i>Não somente</i> ”	0	-	0
<b>TOTAIS DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>04 (33,3 %)</b>	<b>08 (66,7 %)</b>	<b>12</b>

**Quadro 16: Ocorrências em período composto SEM compartilhamento de verbo entre as orações**

Esse quadro destaca novamente a aparente preferência do locutor pela locução “*não apenas*”. Além disso, comparando os dois gêneros digitais, vemos que o link mostrou-se mais propenso ao emprego dessas construções aditivas com verbos distintos.

Em nossa pesquisa, encontramos também ocorrências apresentando uma das três locuções do par aditivo em períodos simples. Retomando o exemplo (3), já citado na seção anterior, podemos conferir tal caso:

(3) “Isso está completamente fora de questão. Eu sou líder do governo, a minha tarefa é esta. Esse tipo de especulação existe na Casa **não apenas** comigo. As pessoas olham. Mas primeiro existe o acordo entre PT e PMDB e quem fala pelo PT é o líder do PT. Então não há hipótese de o PT não honrar um acordo. Tentarei falar em nome do conjunto dos partidos. Seria um erro crasso o líder do governo se meter em disputas dentro da própria base do governo.” (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1061525-para-novo-lider-na-camara-momento-politico-e-calmo.shtml> Acesso em 14 mar. 2012.

Vemos que o trecho em que a locução “*não apenas*” foi utilizada apresenta somente o verbo “existir”.

Deparamo-nos com apenas 3 ocorrências construídas dessa forma em nossa pesquisa, conforme descreve o quadro que segue:

Locução	Gênero Notícia	Gênero Link	Subtotais
“ <i>Não só</i> ”	0	01 (100 %)	01 (33,3 %)
“ <i>Não apenas</i> ”	01 (50 %)	01 (50 %)	02 (66,7 %)
“ <i>Não somente</i> ”	0	-	0
<b>TOTAIS DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>01 (33,3 %)</b>	<b>02 (66,7 %)</b>	<b>03</b>

Quadro 17: Ocorrências em período simples

Uma última maneira pela qual se apresentaram as construções em questão nesta pesquisa foi mediante frases nominais. Vejamos um caso:

(22). O São Paulo trata sua volta à Libertadores como obsessão, a prioridade do time nesta temporada. Mas **não só** pela importância esportiva do maior torneio do continente. (N)  
<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1107327-sao-paulo-perde-r-40-milhoes-fora-da-libertadores.shtml> Acesso em 21 jun. 2012.

Optamos por apresentar tal ocorrência na forma como ela se encontra na rede:

The image shows a screenshot of a web browser displaying a news article from Folha.com. The article title is "São Paulo perde R\$ 40 milhões fora da Libertadores" by Leonardo Lourenço. A red box highlights the phrase "Mas não só pela importância esportiva do maior torneio do continente" within the text. The page includes a sidebar with social media links, a list of related articles, and several advertisements, including one for a laptop and another for online courses.

**Figura 6: Demonstração de uma ocorrência utilizada em frase nominal**

<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1107327-sao-paulo-perde-r-40-milhoes-fora-da-libertadores.shtml>

Acesso em 20 jun. 2012.

A ocorrência encontra-se em uma espécie de parágrafo-guia dentro da notícia. A nosso ver, tal parágrafo vem a chamar a atenção do leitor e também objetiva conduzi-lo à leitura total da notícia, uma vez que a frase “Mas **não só** pela importância esportiva do maior torneio do continente” fecha o período, mas parece estar incompleta no que tange ao fechamento da ideia dessa porção textual; a locução “*não só*”, aparentemente, ajuda a motivar o leitor a fazer a leitura de todo o resto do texto, para que assim se tenha acesso ao restante da informação.

Casos assim, encontrados em frases nominais, estão quantificados no quadro a seguir:

Locução	Gênero Notícia	Gênero Link	Subtotais
“Não só”	02 (66,7 %)	01 (33,3 %)	03 (42,9 %)
“Não apenas”	0	04 (100 %)	04 (57,1 %)
“Não somente”	0	-	0
<b>TOTAIS DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>02 (28,6 %)</b>	<b>05 (71,4 %)</b>	<b>07</b>

### Quadro 18: Ocorrências em frases nominais

Em frases nominais, conforme podemos observar no quadro acima, encontramos um total de 7 ocorrências (16,3%) dispondo de apenas um item do par correlativo aditivo em análise.

Com relação à *Simetria ou Assimetria* das orações, levamos em conta, obviamente, apenas os exemplos que configuraram período composto, com ou sem compartilhamento de verbos, uma vez que se quer atestar a possibilidade de as construções objeto de análise neste trabalho admitirem ou não uma inversão de ordem *entre orações* no enunciado. Foram, descartadas, portanto, nesse parâmetro de análise, as ocorrências em período simples e em frases nominais.

Nesta etapa de nossa pesquisa, um dado chamou-nos atenção ao fazermos tal levantamento. Das 55 construções em período composto, 27 delas (49%) apresentaram a conjunção aditiva “e” próxima às locuções “*não só*”, “*não apenas*” ou “*não somente*”. Vejamos um exemplo:

**(23)** TI pode gerar lucros **e não apenas** redução de custos. **(L)**  
<http://computerworld.uol.com.br/negocios/2011/07/08/ti-pode-gerar-lucros-e-nao-apenas-reducao-de-custos/> Acesso em 08 jul. 2011.

A nosso ver, todas as ocorrências que apresentam o conector “e” são assimétricas. Para nós, a presença de tal conjunção compromete a reversibilidade das orações, uma vez que, se tentarmos fazer a inversão de ordem na oração, a impressão que se tem é a de que tal enunciado é uma continuação de um texto já iniciado anteriormente – fato não real no contexto. Acreditamos que essa situação se deva à função própria do conector “e”, que seria a de unir, ligar orações ou palavras e de ligar, também, enunciados, dando-lhes, assim, ideia de soma; de adição de informações.

Fizemos uma paráfrase dessa construção, a fim de testarmos sua reversibilidade; tal ocorrência poderia, então, ser construída assim: “**E não apenas** redução de custos, TI pode gerar lucros.” Com o enunciado elaborado

dessa maneira, fica-nos a ideia de que já havia um texto anterior e, em tal texto, teria sido já proferida a informação de que a TI (Tecnologia da Informação) pode gerar redução de custos (informação dada). O que o leitor fica sabendo com a citação da ocorrência em questão é que, além de gerar redução de custos (informação de que o leitor já tem ciência), a TI pode também gerar lucros (dado “novo” para o leitor).

Outra paráfrase dessa construção, desta vez, sem o “e”, parece oferecer maior possibilidade de inversão das orações, já que, nessa configuração, tal questão de continuação de um texto anterior aparentemente se anula:

- TI pode gerar lucros **e não apenas** redução de custos (construção original).
- **“E não apenas** redução de custos, TI pode gerar lucros.” (paráfrase com “e”)
- **“Não apenas** redução de custos, TI pode gerar lucros.” (paráfrase sem “e”)

Além disso, a nosso ver, dessa construção 23, também emerge uma relação de parte todo, conforme exposto em 3.1, com outros exemplos. Vejamos: *redução de custos* seria a parte de um todo (*lucros*).

Quantificamos esse levantamento das ocorrências com a conjunção “e”, todas assimétricas, conforme o quadro seguinte:

Locução	Gênero Notícia	Gênero Link	Subtotais
“Não só”	05 (83,3 %)	01 (16,7 %)	<b>06 (22,2 %)</b>
“Não apenas”	05 (27,8%)	13 (72,2 %)	<b>18 (66,7 %)</b>
“Não somente”	03 (100 %)	-	<b>03 (11,1 %)</b>
<b>TOTAIS DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>13 (48,1%)</b>	<b>14 (51,9 %)</b>	<b>27</b>

**Quadro 19: Ocorrências que apresentaram “e”**

Percebemos que tal situação com o conectivo “e” mostrou-se mais comum, sobretudo, com a locução “*não apenas*”. Mesmo porque essa locução

figura como a mais frequente em nosso *corpus*, conforme quantificado no quadro 13 da seção anterior deste capítulo.

Com relação às ocorrências que não apresentaram “e”, identificamos ao todo 28 casos - 51% das 55 produzidas em período composto analisadas. Alguns casos apresentaram-se assimétricos, mas, em sua maioria, tais construções mostraram-se mais simétricas se cotejadas, proporcionalmente, àquelas que apresentam o conectivo “e”.

Retomemos os exemplos (16), (17) e (21):

**(16)** A ministra afirmou que está nas mãos das crianças e adolescentes mudar padrões de consumo. "A sustentabilidade é agora, **não só** para o futuro. (...) ", disse Izabella, ao receber a Carta das Crianças para a Terra. **(N)**  
<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108887-criancas-terao-conferencia-para-cobrar-acoes-ambientais-do-governo.shtml>  
 Acesso em 22 jun. 2012.

**(17)** Apito deve proteger todos os craques, **não apenas** Neymar  
**(L)**  
<http://www.gazetaesportiva.net/blogs/chicolang/2012/02/27/apito-deve-protoger-todos-os-craques-nao-apenas-neymar/> Acesso em 27 fev. 2012.

**(21)** Reflita: **Não apenas** reclame, sua omissão faz parte dessa história. **(L)**  
<http://www.blogdofabiorodrigues.com.br/2012/01/reflita-nao- apenas-reclame-sua-omissao.html> Acesso em 29 jan. 2012.

Parafrazeando tais ocorrências, vemos que há simetria entre as orações:

- “(...) **Não só** para o futuro, a sustentabilidade é agora. (...)”
- “**Não apenas** Neymar, apito deve proteger todos os craques.”;
- “**Não apenas** reclame, reflita: sua omissão faz parte dessa história.”.

Desse modo, conferimos que, mesmo após fazermos a inversão de ordem entre as sentenças dos enunciados (tanto em links quanto em notícias),



as ocorrências continuaram a apresentar sentido e não se tornaram “estranhas” ou agramaticais.

Obsevamos que, em 17 e em 21, também pode ser percebida uma relação de *parte/todo*, bem como, a nosso ver, ocorre com 16 e com outros exemplos já discutidos. Em 17, acreditamos que *Neymar* é parte de um todo, que diz respeito a *todos os craques*, isto é, Neymar está inserido nesse grupo, é parte dele. Já em 21, a parte seria a ação de *reclamar* e o todo seria refletir. Os verbos no imperativo parecem orientar as pessoas a fazerem as duas coisas: reclamar e refletir - aparentemente, só reclamar não é o bastante, é apenas uma parte do que temos de fazer.

Como já mencionado, identificamos alguns casos que, mesmo sem a conjunção “e”, mostraram-se assimétricos, sobretudo, no que se refere às ocorrências oriundas de notícias e formadas pela locução “*não só*”. Vejamos um desses exemplos:

**(24)** Para o governo, por estimular o avanço tecnológico, a MP beneficiará **não só** as empresas de defesa -- que são aquelas registradas no Ministério da Defesa. Segundo o ministro Celso Amorim, "a medida significa, por um lado, o forte comprometimento do governo com a defesa nacional. Por outro, medida de política industrial de grande importância."  
**(N)** <http://www1.folha.uol.com.br/poder/983128-dilma-assina-medida-que-desonera-industria-de-defesa.shtml> Acesso em 29 set. 2011.

Nesse caso, a simetria não se realiza, já que com a inversão de ordem das sentenças no enunciado a construção ficaria mal formada ou com sentido distinto, talvez devido à distância que toma a oração com a locução “*não só*”, em função de uma oração adjetiva, da reduzida causal “por estimular o avanço tecnológico”. Isso pode ser verificado com a paráfrase a seguir:

Para o governo, a MP beneficiará **não só** as empresas de defesa -- que são aquelas registradas no Ministério da Defesa, por estimular o avanço tecnológico. Segundo o ministro Celso Amorim, "a medida significa, por um lado, o forte comprometimento do governo com a defesa nacional. Por outro, medida de política industrial de grande importância."

Construída dessa maneira, o sentido do período altera-se, pois, na ocorrência original, o estímulo ao avanço tecnológico é a causa de a MP beneficiar as empresas de defesa. Na paráfrase, tal estímulo pareceu ser a causa de as empresas serem registradas no Ministério da Defesa.

Vejamos, então, os números das ocorrências sem a presença do conector “e”, tanto simétricas (em sua maioria), quanto assimétricas (todas as ocorrências com a locução “não somente” apresentaram “e”):

<b>Locução</b>	<b>Gênero Notícia</b>	<b>Gênero Link</b>	<b>Subtotais</b>
“Não só”	12 (100 %)	0	<b>12 (42,9 %)</b>
“Não apenas”	01 (6.3%)	15 (93,7%)	<b>16 (57,1 %)</b>
<b>TOTAIS DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>13 (46,4 %)</b>	<b>15 (53.6)</b>	<b>28</b>

**Quadro 20: Ocorrências que NÃO apresentaram “e” (Gênero e locução)**

<b>Gênero</b>	<b>Simétricas</b>	<b>Assimétricas</b>	<b>Subtotais</b>
Notícia	04 (30,8 %)	09 (69,2)	<b>13 (46,4 %)</b>
Link	14 (93,3%)	01 (6,7%)	<b>15 (53,6 %)</b>
<b>TOTAIS DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>18 (64,3 %)</b>	<b>10 (35,7)</b>	<b>28</b>

**Quadro 21: Simetria e Assimetria das ocorrências sem “e”, conforme o gênero em que foram encontradas**

Pelo quadro 20, constatamos que a quantia de ocorrências - sem o conectivo “e” - que admite simetria se sobressai sobre a quantia de casos assimétricos igualmente não dispendo de “e”.

Com a análise desse parâmetro - *Simetria e Assimetria das orações* - conferimos, portanto, que aquelas construções que apresentam “e” são mais assimétricas do que estas, as quais não utilizam esse conectivo em sua estrutura.

E, por fim, encontramos ao todo, em nosso *corpus*, 37 construções assimétricas – 67,3% de 55 ocorrências de período composto. E as

construções simétricas (todas não apresentando o conectivo “e”) chegaram ao número 18 – 32,7% dos casos de período composto, sendo a maioria delas extraída do gênero link e também apresentando a locução “*não apenas*.”

### 3.3. Sentenças focalizadoras – uma estratégia de argumentação?

Para analisarmos as ocorrências no que diz respeito à focalização, levamos em conta, bem como na seção anterior, apenas os casos que configuraram período composto, com ou sem compartilhamento de verbo – ao todo 55 ocorrências, como já mencionado anteriormente.

Primeiramente, observamos em que posição encontrava-se no enunciado, as construções com “*não apenas*”, “*não só*” e “*não somente*”. Acreditamos que este critério, isto é, avaliar a posição da cláusula na cadeia discursiva, mostra-se como um recurso de grande eficácia na análise de foco, ênfase ou investigação de estratégias de argumentação por parte do falante. Ademais, desta maneira, conferimos que determinadas informações, novas ou não para o leitor, têm maior força comunicativo-persuasiva dentro de um texto.

Das 55 construções analisadas, a grande maioria delas - 50 (90,9 %) - apareceram, no enunciado, em posição final (doravante **PF**); apenas 5 (9,1 %) figuraram em posição inicial (doravante **PI**).

Os resultados, em números, foram:

<b>Locução</b>	<b>Gênero Notícia</b>	<b>Gênero Link</b>	<b>Subtotais</b>
“ <i>Não só</i> ”	15 (93,7 %)	01 (6,3 %)	16 (32 %)
“ <i>Não apenas</i> ”	05 (16,1 %)	26 (83,9 %)	31 (62 %)
“ <i>Não somente</i> ”	03 (100 %)	-	3 (6 %)
<b>TOTAIS DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>23 (46 %)</b>	<b>27 (54 %)</b>	<b>50</b>

**Quadro 22: Posição final das construções aditivas em enunciados, conforme locução e gênero**

Conferimos que, no que concerne ao gênero, estão bem distribuídas as ocorrências, em que se utilizou as construções em estudo na posição final: 27

(54 %) em links e 23 (46 %) em notícias. Com relação à locução, novamente, a preferência, pelo menos no que tange à nossa pesquisa, foi pelo uso da locução “*não apenas*” – 31(62 %) dos casos.

Seguem alguns casos:

(7). “(...) tomara que a Venezuela garanta liberdade a todos os cidadãos e **não somente** ao ditador e a seus amigos”. (N; PF) <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1090166-parlamento-venezuelano-responde-a-criticas-de-uribe-a-chavez.shtml> Acesso em 14 mai. 2012.

(25). O líder reconheceu que há descontentamentos em diversos partidos da base aliada de Dilma, e **não apenas** no PMDB, o que reforça a necessidade de ampliar o diálogo com a interlocução política da presidente. (N; PF) <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1061436-meta-e-aproximar-planalto-dos-aliados-diz-eduardo-braga.shtml> Acesso em 13 mar. 2012.

(26). Uma equipe de astrofísicos confirmou que a teoria da relatividade de Albert Einstein é válida em escala cósmica, e **não só** no Sistema Solar, ao comprovar que a gravidade influi na luz procedente de longínquos conglomerados galácticos, segundo estudo publicado na edição desta quarta-feira da revista "Nature". (N; PF). <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/982327-estudo-confirma-validade-da-teoria-da-relatividade-no-espaco.shtml> Acesso em 29 set. 2011.

(27). Seu cliente merece recomendações, **não apenas** opções (L; PF) <http://www.saiadolugar.com.br/marketing/seu-cliente-merece-recomendacoes-nao- apenas-opcoes/> Acesso em 18 mar. 2012.

Observamos que em ocorrências como: 7), 25), 26), 27), que apresentam a construção aditiva, respectivamente, com as locuções: “*não somente*”, “*não apenas*”, “*não só*” e “*não apenas*” em PF, a informação considerada *new* vem focalizada no início do enunciado, isto é, vem deslocada à esquerda. Acreditamos que, consciente ou inconscientemente, o locutor faz uso desse recurso focalizador – deslocamento à esquerda, a fim de enfatizar mais a

informação *new* e bem menos a informação *old*, uma vez que esta seria já conhecida tanto pelo locutor quanto pelo alocutário. Tais porções textuais consideradas *old*, que ficaram restritas pelas locuções aditivas, formam os denominados elementos fora de foco.

Analisando as informações *new* dentro das porções textuais em estudo nesta pesquisa, reiteramos a definição de Castilho (2010), citada em 1.3 (capítulo 1), a qual afirma que a focalização é vista como o destaque que se dá a algum elemento da sentença ou do enunciado, por apresentar a informação nova, considerada mais importante.

Expomos a seguir explicações sobre cada exemplo citado:

**(7).** Nesse, já discutido no que diz respeito à noção de *parte/todo*, o locutor parece esperar uma garantia por parte da Venezuela de que haja liberdade para todos os cidadãos. A liberdade concedida ao ditador e a seus amigos é uma informação de que todos (escritor e leitor) já têm conhecimento.

**(25).** No presente caso, vê-se que a informação *new*, em foco, é o fato de o líder ter reconhecido que há *também* descontentamentos em diversos partidos da base aliada de Dilma. Os descontentamentos no PMDB (informação *old*) já são conhecidos por todos.

**(26).** Em tal ocorrência, a informação deslocada à esquerda, focalizada e nova para o leitor, é a confirmação de que a teoria da relatividade de Albert Einstein é válida em escala cósmica, bem como tem validade no Sistema Solar (validade esta já sabida pelo leitor).

**(27).** Este último caso foi extraído de um link. É importante destacar que este gênero do hipertexto, geralmente, funciona como uma espécie de “guia” para o leitor e, via de regra, quer atrair a atenção deste. Em tal exemplo, constatamos um aparente conselho ao leitor, até pelos verbos estarem no modo imperativo. Nessa ocorrência, a informação considerada nova, é o fato de, segundo o locutor, os clientes merecerem, além de opções (dado *old*, que, provavelmente, já ocorre), merecerem também recomendações por parte de

supostos comerciantes, empresários que querem sucesso em suas atividades profissionais.

Consideramos interessante inserir uma paráfrase de uma dessas ocorrências – entendidas por nós como simétricas (sem e) - em que a locução aditiva está em **PF**. Vejamos:

- “**Não apenas** opções, seu cliente merece recomendações.”

A nosso ver, construído dessa maneira, o enunciado também apresenta certo grau de ênfase, uma vez que se cria uma atmosfera de expectativa ao alocutário/leitor, que, ao ler primeiramente a informação *old*, fica no “aguardo” do que de novo tende vir a seguir. Acreditamos, contudo, que a ocorrência em seu formato original, com a informação *new* vindo focalizada no início do período - deslocada à esquerda, conferi um nível ainda maior de ênfase naquilo que se quer passar ao alocutário, seu interlocutor, justamente devido ao foco.

Propomos ainda uma outra paráfrase; agora fazendo uso do par correlativo aditivo de modo completo:

- “Seu cliente merece **não apenas** opções, **mas também** (merece) recomendações.”

Constatamos que, com o uso do par completo, com a informação *new*, classicamente, ao fim do período, o locutor dispõe ainda de uma construção enfática, sobretudo, se comparada a uma construção em que utilizamos, ao invés disso, o conectivo “e” (conforme seção 1.2.3.2, capítulo I). Mas, quando o locutor opta por utilizar apenas o primeiro item do par “*não só... mas também*” e similares, (conforme 7), 25), 26) e 27)), ele vem a iniciar seu enunciado com a informação *new* e, com isto, parece alcançar maior ênfase do que se utilizasse o par inteiro. Com a informação *old*, adicionada ao fim do período por meio das locuções “*não somente*”, “*não apenas*” ou “*não só*”, o dado novo fica deslocado à esquerda, no início do período, isto é, dentro do foco.

Segundo Decat (2011, p.39), “Pode-se dizer, então, que a posição inicial prende mais cláusula, ao passo que a final — de maior constância nos dados — configura-se como uma condição propícia ao “desgarramento”. Por incrível

que possa parecer, esse “desgarramento”, assim como a posição inicial, serve à ênfase, estabelecendo, portanto, a interação com o interlocutor.”.

Em nosso trabalho, não consideramos que as orações em estudo apresentem-se como “desgarradas”, como já exposto em 1.3 (capítulo 1), no entanto, acreditamos que a explicação de Decat (2011) também se aplica ao comportamento das construções por nós estudadas no que diz respeito à posição das orações no período, ou seja, de qualquer modo, estando ou não em posição inicial, também acreditamos, assim como Decat (2011), que as construções aditivas que dispõem apenas da primeira locução do par “não só... mas também” servem à ênfase, isto é, podem ser consideradas recursos, estratégias argumentativas que se vale o falante ao organizar seu discurso.

Quando utilizadas no início do período, as construções em estudo neste trabalho, como expomos acima, a nosso ver, são estratégias de argumentação por parte do locutor por enfatizarem algum elemento ou segmento do enunciado, apresentando uma informação nova, considerada mais importante; quando aplicadas ao fim do período, também servem à ênfase, como afirma Decat (2011), por firmarem interação com o interlocutor e por acionarem a função dos advérbios “só”, “apenas” e “somente”, destacada por Castilho (2010), (seção 1.3. - capítulo 1). O autor afirma que a focalização pode ser obtida mediante “(...) o uso de operadores tais como a expressão clivadora *é que*, em *Você é que* deveria falar, ou uso de um advérbio de focalização, como “Só/ apenas /unicamente você deveria falar. (CASTILHO, 2010, p. 675).

### **3.4. Análise das unidades de informação**

Para expormos a análise que realizamos das ocorrências aditivas em questão nesta pesquisa, acreditamos que seja válido retomar os critérios estabelecidos por Chafe (1980), já citados em 1.4 (capítulo I):

I. o contorno de entonação presente no final das orações – *clause-final* (tais contornos podem estar ou não acompanhados por vírgulas);

II. uma pausa – o autor acredita que breves pausas geralmente separam uma unidade de outra;

III. o fator sintático – a tendência de essas unidades de informação constituírem uma única cláusula, ou seja, apresentarem um único verbo.

Fizemos uso desses critérios, para investigar se as construções aditivas que apresentam apenas a primeira locução do par “*não só... mas também*” e similares podem ser consideradas unidades de informação (doravante UI) à parte em um enunciado, bem como são igualmente consideradas por Decat (2011) as orações (hipotáticas) adverbiais e as relativas apositivas.

Além de tais critérios, também analisamos a quantia de palavras que as sentenças com as locuções “*não apenas*”, “*não só*” e “*não somente*”, em geral, apresentam.

Chafe (1980) também menciona a questão de as cláusulas que funcionam como “*idea unit*” serem ditas em aproximadamente dois segundos. Não agasalhamos mais esse critério, próprio para pesquisa em falas, devido ao nosso *corpus* ser composto apenas de ocorrências provenientes da modalidade escrita e não oral do português em uso.

Com relação ao número de palavras em cada construção aditiva, verificamos que o locutor usa, nas cláusulas aditivas aqui em estudo, de 3 a 12 palavras em média. Vejamos os exemplos seguintes que expõem um caso com 3 palavras (gênero link) e um com 12 (gênero notícia):

**(28).** Forme outros líderes, ***não apenas seguidores*** (L)  
<http://www.algosobre.com.br/administracao/forme-outros-lideres-nao-apenas-seguidores.html> Acesso em 18 mar. 2012.

**(29).** De acordo com o vice-governador do Banco da Espanha, Fernando Restoy, a avaliação se aplica a toda a carteira de crédito nacional, crédito a pequenas e médias, a famílias, ao consumo, à aquisição de moradias e ***não só ao crédito relacionado ao setor de construção civil.*** (N) <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1108534-espanha-apresentara-pedido-de-ajuda-na-sexta-diz-ministro-frances.shtml> Acesso em 21 jun. 2012.

Usamos a marca “p” para indicar “palavra”. Atentando-nos à passagem de Decat (2011, p. 28), referente às **UIs**: “‘jatos de linguagem’ que contém toda a informação que pode ser ‘manipulada pelo falante num único foco de *consciousness* (ou “estado de consciência) (...)”, separamos a



ocorrência 28) por meio, do que, inicialmente, consideramos como jatos de linguagem. Além disso, conferimos, então, a quantidade de palavras de tal ocorrência originária do gênero link:

- 1º jato: *Forme* (1p), *outros* (2p), *líderes* (3p): total de **3p**;
- 2ª jato: **não** (1p), **apenas** (2p), *seguidores* (3p): total de **3p** também nesta oração.

Chafe (1980), como já mencionado em 1.4, preferia, ao estudar o períodos, lidar com breves jatos de linguagem; vemos que há apenas 3p em cada pequeno jato, exposto acima. Tal fato, a nosso ver, pode ser considerado um indicativo de que as porções textuais contidas na ocorrência 28) podem ser consideradas UIs à parte bem como as adverbiais e relativas apositivas, assim entendidas por Decat (2011).

Analisemos a ocorrência proveniente do gênero notícia:

1º jato: /*De* (1p) *acordo* (2p) *com* (3p) *o* (4p) *vice-governador* (5p) *do* (6p) *Banco* (7p) *da* (8p) *Espanha* (9p), *Fernando* (10p) *Restoy* (11p)/, total de **11p**

2º jato: /*a* (1p) *avaliação* (2p) *se* (3p) *aplica* (4p) *a* (5p) *toda* (6p) *a* (7p) *carteira* (8p) *de* (9p) *crédito* (10p) *nacional* (11p), *crédito* (12p) *a* (13p) *pequenas* (14p) *e* (15p) *médias* (16p), *a famílias* (17p), *ao* (18p) *consumo* (19p), *à* (20p) *aquisição* (21p) *de* (22p) *moradias* (23p) / - total de **23p**;

3º jato: /*e* (1p) **não** (2p) **só** (3p) *ao* (4p) *crédito* (5p) *relacionado* (7p) *ao* (8p) *setor* (9p) *de* (10p) *construção* (11p) *civil* (12p) / . - total de **12p**;

Aparentemente o gênero link atende mais ao que postula Chafe (1980), no que tange a breves jorros de linguagem, já que, se comparado ao gênero notícia, parece deter-se menos em fluxos de informação correntes e maiores, preferindo os de curta extensão gráfica e com menor número de palavras para formação de uma “*idea unit*”, apesar de termos encontrado construções

aditivas também no gênero notícia apresentando poucas palavras em sua constituição, como é o caso do exemplo 16:

**(16).** A ministra afirmou que está nas mãos das crianças e adolescentes mudar padrões de consumo. "A sustentabilidade é agora, **não só** para o futuro. (...)", disse Izabella, ao receber a Carta das Crianças para a Terra. **(N)**  
<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108887-criancas-terao-conferencia-para-cobrar-acoes-ambientais-do-governo.shtml>  
 Acesso em 22 jun. 2012.

Nesta ocorrência, a nosso ver, temos três jatos de linguagem:

1º jato: /A (1p) ministra (2p) afirmou (3p) que (4p) está (5p) nas (7p) mãos (8p) das (9p) crianças (10p) e (11p) adolescentes (12p) mudar (13p) padrões (14p) de (15p) consumo (16p) /. total de **16p**;

2ª jato: /A (1p) sustentabilidade (2p) é (3p) agora (4p) / - total de **4p**;

3ª jato: /**não** (1p) **só** (2p) para (3p) o (4p) futuro (5p) / - total de **5p**;

Embora o primeiro jato apresente 16p, no que se refere a construções aditivas com a locução “*não só*” e similares, conferimos que há, também no gênero notícia, ocorrências em que as orações em estudo constituem breves jorros de linguagem e apresentam menor quantidade de palavras, neste caso, 5p.

Consideramos relevante expor a sistematização a seguir, ainda tendo em vista a quantidade de palavras nesses enunciados:

Gênero	3p	4p	5p	6p	7p	8p	9p	10p	11p	12p	Totais
<i>Notícia</i>	1	4	<u>13</u>	3	1	3	2	0	0	1	<b>28</b>
<i>Link</i>	<u>10</u>	<u>9</u>	2	2	2	1	1	0	0	0	<b>27</b>
<b>TOTAIS DE OCORRÊNCIAS</b>	<u>11</u>	<u>13</u>	<u>15</u>	5	3	4	3	0	0	1	<b>55</b>

Quadro 23: Quantidade de palavras em cada construção aditiva pesquisada por gênero

Locução	3p	4p	5p	6p	7p	8p	9p	10p	11p	12p	Totais
---------	----	----	----	----	----	----	----	-----	-----	-----	--------

<i>Não só</i>	1	4	5	2	0	2	1	0	0	1	<b>16</b>
<i>Não apenas</i>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	3	3	2	1	0	0	0	<b>36</b>
<i>Não somente</i>	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	<b>3</b>
<b>TOTAIS DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>11</b>	<b>13</b>	<b>15</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>55</b>

**Quadro 24: Quantidade de palavras em cada construção aditiva pesquisada por locução**

Observamos que, tanto no quadro 22 quanto no 23, as quantidades 3p, 4p, 5p destacaram-se, o que sugere que grande parte das ocorrências, seja com “não só”, seja com “não apenas” (locuções mais utilizadas) apresentaram uma média de 3 a 5 palavras. Tal fato remete-nos, mais uma vez, à postura de Chafe (1980) ao analisar somente breves jorros de linguagem, sendo que tais casos de orações com 3p a 5p podem, portanto, apontar um indício de que, de fato, as construções em estudo neste trabalho formam UIs à parte em um enunciado, isto é, apresentam um *status* menos dependente.

Notamos também que, devido ao formato do gênero link, normalmente, de curta extensão, as construções originárias desses textos foram as que mais apresentaram apenas 3p a 4p. Isto considerando as duas palavras presentes na locução aditiva em estudo. O verbo, que estava oculto em muitas orações, não foi inserido nesse levantamento. O gênero notícia sobressaiu-se no uso de 5p em cada oração aditiva.

E partindo para os critérios pontuados por Chafe (1980), analisamos em conjunto o primeiro e o segundo, os quais se referem, respectivamente, à entonação (verificada, no texto escrito, quando se lê um período) e à pausa. E a seguir, nos dirigimos à verificação do terceiro critério, referente à tendência de a oração, configurada como uma UI independente no discurso, apresentar um único verbo. Vale lembrar, inclusive, que, para serem consideradas UIs à parte, as cláusulas, segundo (Chafe, 1980) não necessariamente devem apresentar os três critérios juntos.

Notamos que, em grande parte dos casos, os critérios: entonação e pausa, úteis na separação das orações no período, foram garantidos dentro dos enunciados graças à conjunção “e”. Tal conectivo, conforme já afirmamos

na seção 3.2 deste capítulo, foi utilizado em 49% das ocorrências, em período composto.

Retomemos o caso 19), originário do gênero notícia, por exemplo, em que há a conjunção “e”:

**(19)** Para Serra, seria correto uma lei que tratasse do assunto para qualquer jogo e **não apenas** para a Copa. **(N)**  
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1062622-serra-critica-liberacao-da-venda-de-bebidas-na-copa.shtml> Acesso em 15 mar. 2012.

Vemos que há uma primeira e curta pausa no início do período, graças ao advérbio de interesse “Para Serra”, mas, a nosso ver, em se tratando de UI, cremos que a primeira nesse período é mais extensa; está “empacotada” até a conjunção “e”, que inicia a segunda UI. No trecho, “Para Serra, seria correto uma lei que tratasse do assunto para qualquer jogo” há, sintaticamente, duas orações. Nos termos tradicionais, teríamos uma oração matriz “Para Serra, seria correto uma lei” e uma adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo “que tratasse do assunto para qualquer jogo”. Nas palavras de Decat, essas orações, em separado, não podem constituir por si um enunciado, já que estão estruturalmente encaixadas. A oração “que tratasse do assunto para qualquer jogo” encaixa-se na matriz: “Para Serra, seria correto uma lei.”. E somente assim, juntas, é que elas podem formar uma real UI.

Já o trecho iniciado pela conjunção “e”: “e **não apenas** para a Copa.”, embora tenha seu verbo oculto (o verbo: *tratar*), por ser o mesmo já utilizado no enunciado, não funciona como argumento de nenhuma oração anterior. Com a pausa conseguida, sobretudo, por meio da conjunção “e” e com o fato de este trecho não estar integrado estruturalmente com o restante do período e também não se correlacionar com nenhum item lexical deste, acreditamos ser cabível a consideração de que tal trecho apresenta menor grau de dependência com relação às outras orações presentes no enunciado e pode ser considerado uma UI à parte – isto, tendo em vista os critérios apontados por Chafe (1980) para reconhecimento das UIs, neste caso, sobretudo, os critérios: pausa e fator sintático, ou seja, tendência de a UI se caracterizar como constituindo uma única cláusula, devido à presença do verbo, ainda que

oculto. Ademais, o segmento “e **não apenas** para a Copa.”, apresenta 6p, número de palavras que, segundo Chafe (1980), em geral, identifica uma “*idea unit*”:

- /e (1p) **não** (2p) **apenas (3p)** para (4p) a (5p) Copa (6p)/. - total de **6p**.

Tendo em vista, as UIs, a ocorrência 19) ficaria, portanto, assim constituída:

1ª **UI**: /Para Serra, seria correto uma lei que tratasse do assunto para qualquer jogo/

2ª **UI**: /e **não apenas** para a Copa/.

E, além dos casos com entonação e pausa bem marcadas pelo “e”, encontramos também situações em que esses critérios se fizeram sentir por meio da vírgula, a qual, bem como o “e”, também pontua pausas e entonações em um texto, ou, então, mediante o contorno entonacional próprio de fins de orações ou frases.

Voltemos ao exemplo seguinte, extraído de um link:

**(28)**. Forme outros líderes, **não apenas** seguidores (**L**)  
<http://www.algosobre.com.br/administracao/forme-outros-lideres-nao- apenas-seguidores.html> Acesso em 18 mar. 2012.

Neste caso, vemos que a vírgula sinaliza a pausa e também o início da segunda oração do período a qual dispõe da locução aditiva: “*não apenas*”. Além da relação de *parte/todo* também presente neste exemplo, vemos que o locutor parece querer passar a importância que há em se formar líderes; a ação de formar seguidores parece ser menos significativa que a de formar líderes, enunciada pela oração com “*não apenas*”. De qualquer modo, acreditamos que a oração que se constitui com a locução aditiva em estudo no presente trabalho pode ser considerada uma UI à parte por não funcionar como argumento de nenhum termo da oração anterior e nem mesmo se correlacionar com nenhum item lexical presente no restante do enunciado; e ainda por atender aos

critérios de Chafe (1980) no que se refere à pausa (marcada pela vírgula), entonação e tendência em caracterizar como uma única cláusula, ainda que com verbo elíptico (o critério sintático será exposto na sequência). Afora isso, este exemplo também se formou a partir de um breve jato de palavras, apenas 3p - acontecimento comum em link, como já levantado:

- / **não** (1p) **apenas** (2p) **seguidores** (3p) - total de **3p**.

Expomos, então, a caracterização do caso 28) no que se refere à Uls:

1ª UI: / *Forme outros líderes* /

2ª UI: / **não apenas** seguidores/.

Na tabela abaixo, há os números referentes à quantidade de ocorrências que apresentaram vírgula marcando o início da construção aditiva em questão nesta pesquisa.

<b>Locução</b>	<b>Gênero Notícia</b>	<b>Gênero Link</b>	<b>Subtotais</b>
“Não só”	08 (100%)	0	08 (42 %)
“Não apenas”	01 (9 %)	10 (91%)	11 (58 %)
“Não somente”	0	0	0
<b>TOTAIS DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>09 (47 %)</b>	<b>10 (53 %)</b>	<b>19</b>

**Quadro 25: Quantificação das construções que apresentaram vírgula no início das orações aditivas**

Com relação ao critério sintático, ou seja, a questão de as orações, consideradas Uls à parte no discurso, constituírem apenas uma cláusula, expomos na seção 3.2 deste capítulo, que das 65 ocorrências analisadas, 55 delas, ou seja, 85,6 % estavam em um período composto. E todos estes casos em períodos compostos, ora apresentavam um verbo oculto ou um verbo explícito no enunciado – situações as quais denominamos compartilhamento ou não compartilhamento de verbo entre as orações.

Locução	Gênero Notícia	Gênero Link	Subtotais
“Não só”	18 (95 %)	1 ( 5 %)	19 (35 %)
“Não apenas”	06 (18%)	27 (82%)	33 (60%)
“Não somente”	03 (100%)	-	03 (5%)
<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>27 (49,1 %)</b>	<b>28 (50,9 %)</b>	<b>55</b>

**Quadro 26: Ocorrências em que as orações com “não só... mas também” formaram uma única cláusula com verbo elíptico ou explícito**

Para exemplificar, citamos as seguintes ocorrências:

(25). O líder reconheceu que há descontentamentos em diversos partidos da base aliada de Dilma, e **não apenas** no PMDB, o que reforça a necessidade de ampliar o diálogo com a interlocução política da presidente. (N; PF)  
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1061436-meta-e-aproximar-planalto-dos-aliados-diz-eduardo-braga.shtml> Acesso em 13 mar. 2012.

(30). Não apenas fale, seja (L)  
<http://belezaefitness.wordpress.com/2012/03/13/nao-apenas-fale-seja/> Acesso em 13 mar. 2012

Para nós, em 25) - ocorrência encontrada no gênero notícia -, há três unidades de informação (UI):

1ª (UI): /O líder reconheceu que há descontentamentos em diversos partidos da base aliada de Dilma,/  
 2ª (UI): /e **não apenas** no PMDB/  
 3ª (UI): /o que reforça a necessidade de ampliar o diálogo com a interlocução política da presidente./.

Tais UIs, além de serem delimitadas pela entonação, percebida quando se lê a ocorrência, também são marcadas pela pausa, assinalada pela vírgula e pelo conector “e”.

É interessante ressaltar que, com relação a este critério sintático, se avaliarmos a 1ª UI tendo em vista as postulações da tradição gramatical,

veremos que não ela seria classificada e dividida em duas orações: a chamada matriz: “*O líder reconheceu*” e a subordinada substantiva: “*que há descontentamentos em diversos partidos da base aliada de Dilma,* / “. Isto porque este último segmento é *argumento* (ou *objeto direto*, em termos tradicionais) do verbo “reconhecer”, presente na oração matriz.

No que se refere à 2ª UI, que apresenta a locução aditiva “não apenas”, cremos esta possa ser considerada uma UI à parte, assim como as semelhantes sentenças encontradas nos exemplos 19) e 28), já discutidos anteriormente, por, de igual modo, não ser argumento de nenhum termo da oração anterior e nem mesmo se correlacionar com nenhum vocábulo presente no restante do enunciado. Além disso, este segmento com “não apenas” também atende aos critérios de Chafe (1980) no que se refere à pausa (marcada pela vírgula e pelo “e”), entonação e o fato de se apresentar como uma única cláusula, ainda que com verbo elíptico, no caso, o verbo “*haver*”. Esta ocorrência também se delimitou mediante um breve jato de palavras, somente 5p:

/e (1p) **não** (2p) **apenas** (3p) *no* (4p) *PMDB* (5p)/ - total de **5p**.

Na 3ª UI: “*o que reforça a necessidade de ampliar o diálogo com a interlocução política da presidente.*”, pelo GT teríamos também duas orações, sendo a primeira dela nomeada de matriz ou principal: “*o que reforça a necessidade*” - e a segunda: “*de ampliar o diálogo com a interlocução política da presidente.*” seria classificada como subordinada substantiva reduzida por apresentar verbo no infinitivo e estaria funcionando como *complemento nominal* para primeira oração. No entanto, pelo que foi pesquisado acerca das UIs, estas duas orações integralmente estruturadas, juntas, formam apenas uma UI, devido aos critérios de entonação e de pausa.

Com relação à ocorrência 30), vemos que se trata de um caso pertinente ao gênero link: “**Não apenas fale, seja.**”. Além disso, vemos que não há compartilhamento de verbos, como ocorre na ocorrência 25), já que identificamos os verbos “falar” e “ser”.

Em nossa análise à da noção de unidades de informação, separamos o período em questão da seguinte maneira:



1ª UI: “*Não apenas fale*”

2ª UI: “*seja.*”.

A nosso ver, cada jorro de linguagem: “**Não apenas fale**” e “seja” pode ser considerado UI à parte no enunciado com *status* de independente por apresentarem pequena quantidade de palavras; por serem separadas mediante entonação e pausa (delimitada pela vírgula) e por constituírem-se em torno de um verbo, o que sinaliza o fato sintático – critério de Chafe (1980). No entanto, é válido mencionar que notamos uma diferença entre esta ocorrência e as ocorrências 28) e 25), anteriormente analisadas. Parece-nos que a 30), sobretudo, apresenta um grau *menor* de independência quando comparada à 25) e, principalmente, à 28). Isto se explique, talvez, devido à posição das orações na sentença; a ocorrência 30) apresenta a locução “não apenas” na primeira oração do período, em posição inicial. Já as ocorrências 28 e 25, apresentam a mesma locução “não apenas”, na segunda oração. Tal fato remete-nos à afirmação de Decat (2011), citada na em 3.3, a qual considera que a posição inicial prende mais cláusula, ao passo que a final configura-se como mais independente.

Após esta análise, faz-se necessário também retomarmos a seguinte afirmação Módulo (2005, p. 08): “A expressão não só da primeira oração é ‘denotativa negativa de restrição’. Assim, quando se inicia a primeira oração por não só, o falante é forçado a iniciar a segunda pela expressão mas também ‘denotativa de inclusão’. Aparentemente nossa constatação, de que tal cláusula com a locução “não apenas” pode ser considerada uma UI à parte no enunciado, por consequência, mais independente, coloca em xeque a afirmação de autores como Módulo (2005), ao considerarem que a expressão “não só” e similares sempre correlaciona-se com o outro elemento do par aditivo “forçando”, inclusive a menção de: “mas também”, tornando, assim, *interdependentes* as orações com tal estrutura.

Portanto, a nosso ver, essas construções aditivas que apresentam apenas o primeiro item do par “*não só... mas também*” e similares merecem

pesquisa e atenção, pois podem ser entendidas como unidades de informação à parte no discurso, apresentando assim um *status* mais independente dentro do enunciado - visão esta que questiona a abordagem a qual considerada este tipo de cláusula sempre correlacionada à outra oração, que, por sua vez, vem a apresentar a segunda locução do par aditivo em estudo, isto é, a locução “mas também”.

#### 4. Conclusão

Neste trabalho, à luz dos pressupostos funcionalistas, investigamos o uso das construções aditivas que apresentam apenas a primeira locução do par “não só... mas também” e similares.

Analizamos, ao todo, 65 ocorrências extraídas de gêneros textuais próprios do hipertexto, mais especificamente, dos gêneros notícia de jornal eletrônico e link.

Com relação aos objetivos propostos, os resultados obtidos foram:

- a verificação de que as construções aditivas em estudo podem ser consideradas unidades de informação à parte em um enunciado, sobretudo, aquelas que figuram ao fim do período, isto é, não estão em posição inicial em um determinado enunciado. Por meio dos fluxos de atenção que direcionamos a um determinado enunciado, “embalamos” a informação contida via jatos de linguagem, no caso, das construções em estudo, jatos estes contendo de 3 a 12 palavras. Os auxiliares no processo de reconhecimento das orações aditivas em questão nesta pesquisa, caracterizando-se como unidades de informação à parte em um enunciado, mostraram-se, de fato, serem aqueles já descritos por Chafe (1980) e Decat (2011), sobretudo, dois deles: as pausas e a entonação, marcados por vírgulas ou por contornos entonacionais. A conjunção “e”, utilizada junto às locuções aditivas “não só”, “não apenas” ou “não somente” mostrou-se também como importante nesse processo de reconhecimento de uma unidade informacional por também marcar pausas em uma corrente discursiva. Ademais, em se tratando da conjunção “e”, outro dado interessante observado em nosso trabalho foi que, a nosso ver, todas as ocorrências que apresentaram tal conjunção aditiva mostraram-se assimétricas, isto, é sem a possibilidade de terem sua posição - no que tange à ordenação linear dos elementos na frase – alterada e/invertida;

- a percepção acima descrita, referente à verificação de que as construções em estudo podem ser consideradas unidade de informação à parte em um enunciado, corrobora na obtenção de outro objetivo nosso, nesta pesquisa. Constatamos que ocorrências com apenas o primeiro item do par aditivo em estudo apresentam um *status* mais independente, sobretudo, quando utilizadas em posição final no enunciado. Tal fato as retira de uma

categoria correlativa de interdependência, já que, nesses casos, o item “mas também” está ausente, ou seja, não correlacionado a qualquer uma das locuções “não só”, “não somente”, “não apenas” – esta última, aliás, foi a que apareceu mais em nossa pesquisa;

- outros dois dados interessantes foram percebidos em nossa pesquisa: primeiro: que pode emergir de grande parte das ocorrências investigadas uma relação de *parte/todo*, conforme mostramos em 3.1 (capítulo 3); segundo: que uma quantia considerável das ocorrências encontradas no *corpus* foram utilizadas em transcrições de fala, sobretudo, no gênero notícia;

- além disso, conferimos também que as construções, quando utilizadas em período composto, nem sempre apresentam o verbo explícito no enunciado; muitas vezes este se elíptico dentro cadeia discursiva - fato denominado por nós neste trabalho como: compartilhamento de verbos;

- a nosso ver, podemos afirmar também, na conclusão desta pesquisa, que essas construções aditivas podem ser consideradas estratégias de argumentação utilizadas pelo falante (locutor) ao produzir seu discurso, já que, consciente ou inconscientemente, ele é capaz assim de alcançar objetivos comunicativo-interacionais presentes em seu texto. Conforme vimos na seção 3.3, o locutor, ao optar pelo uso de apenas um item do par correlativo aditivo em questão, ele, normalmente, inseri, deslocada à esquerda, uma informação nova, focalizada, e que chama atenção de seu leitor, visto que este ainda não a conhecia. Nestes casos, com a informação nova sendo destacada, deslocada à esquerda na sentença, a construção com a locução “não só”, “não apenas” e “não somente”, em geral, aparece em posição final na frase; no entanto, ainda assim serve à ênfase, por, bem como, afirma Decat (2011), desta maneira garantir interação com o leitor;

- acreditamos ter colaborado com o estudo dos recursos linguísticos considerados enfáticos e que podem ser úteis ao alcance de uma possível persuasão e/ou envolvimento do leitor que se quer atingir. Observamos que as locuções aditivas que apresentam o advérbio de negação “não”, acompanhado de uma palavra denotativa restritiva - considerada por Castilho (2010) também um advérbio, mas, neste caso, focalizador e considerada por Azeredo (1999) como um marcador de foco – são locuções eficientes no reforço da

argumentação, por, como citamos no parágrafo anterior, mesmo tendo figurado mesmo em posição inicial na frase, oferecerem interação com o leitor;

- verificamos também que o gênero link, por seu turno, parece oferecer um território mais propício ao uso destas construções aditivas focalizadoras, visto que é um gênero que abriga textos enxutos e funciona como “guia” para o usuário/leitor, o qual é envolvido por expressões e locuções que chamam sua atenção, tal qual as que investigamos neste trabalho.

Além disso, após as percepções obtidas por nós nesta pesquisa, acreditamos que, devido ao uso considerável, por parte dos falantes e usuários da mídia virtual, de apenas um item do par correlativo aditivo “*não só... mas também*” e similares, ousamos afirmar que, aparentemente, tal estrutura correlativa aditiva encontra-se em processo de gramaticalização, pois vimos que há mudanças e acréscimos (no que diz respeito a foco) em seu funcionamento e uso. Mas, a confirmação ou não desta hipótese só poderá obtida por meio de outra pesquisa – um trabalho futuro nosso, talvez.

Ademais, confirmamos também a importância que há em revermos muitos dos conceitos propostos pela tradição gramatical, uma vez que, com a língua em constante mudança, novos empregos e variados rumos que a gramática em uso toma merecem estudo, pesquisa, atenção.

## 5. REFERÊNCIAS

ANTONIO, Juliano Desiderato. **Orações hipotáticas adverbiais e mudanças de tópicos em narrativas orais e em narrativas escritas do português.** Veredas – Est. Ling. Juiz de Fora, v. 8, n.1 e n.2, p.41-52, jan/dez/2004. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap03.pdf>. Acesso em 30 abri. 2010.

AZEREDO, José Carlos. **Iniciação à Sintaxe do Português.** Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. **O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção.** 2007. Disponível em: <[http://www.ple.uem.br/3celli\\_anais/trabalhos/estudos\\_linguisticos/pfd\\_linguisticos/069.pdf](http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/069.pdf)>. Acesso em 05 fev. 2011.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Carlos Eduardo Falcão Uchôa (org). – Nova Ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Apresentação da Mesa-redonda sobre Linguística Cognitiva e Tradição Funcionalista.** L Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, FFLCH / USP, 23-25 de maio de 2002.

\_\_\_\_\_. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, Wallace. **The Pear Stories.** Norwood: Ablex, 1980.

CORBARI, Clarice Cristina. **Um estudo da conjunção *and* em uma gramática da língua inglesa para estudantes estrangeiros.** Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2005.

CUNHA, Celso Ferreira; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

DUARTE, Maria Eugênia. Coordenação e Subordinação. In: VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Ensino de Gramática: Descrição e Uso.** São Paulo: Contexto, 2007.

FERRAZ, Flávia Silva Machado. **Gêneros da divulgação científica na internet**. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GARCIA, Otton Moacyr. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 8ª ed. rev. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas**. 1998. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/38600745/texto-goncalves>>. Acesso em 24 jun. 2012.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do Português**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

HALLIDAY, Michael. A. K. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: E. Arnold, 1985.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

HINTZE, Ana Cristina Jaeger; PANTE, Maria Regina. **Introdução aos Estudos de Morfologia de Língua Portuguesa: formação de palavras, usos e funções**. 15ª ed. Maringá, PR: EDUEM, 2010.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. 4ª ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1981.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M.A.; OLIVEIRA, M.R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

MELO, Gladstone Chaves. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

MÓDULO, Marcelo. **CORRELAÇÃO: ESTRUTURALISMO versus FUNCIONALISMO**. (*Pré*) *publications: forskning og undervisning*. n.º. 168, februar. Romansk Institut: Aarhus Universitet, Danmark, 1999.

\_\_\_\_\_. **Gramaticalização das conjunções correlativas no Português**. 154 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Correlacionando orações na língua portuguesa**. 2005. Disponível em: [http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_6.pdf](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_6.pdf). Acesso em 30 abr. 2010.

\_\_\_\_\_. As construções correlatas. In: ILARI, R.; NEVES, M.H.M, (orgs). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Uma visão geral da gramática funcional**. Alfa, São Paulo, v. 38. p.109-127. 1994.

\_\_\_\_\_. **A gramática funcional**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NEY, João Luiz. **Guia de Análise Sintática**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1956.

OITICICA, José. **Teoria da Correlação**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes e Oliveira e. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PANTE, Maria Regina. **Notas sobre o verbo "tomar" como verbo-suporte no português arcaico**. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. 12, p. 98-103, 2009.

PANTE, Maria Regina; MACEIS, Valéria Adriana. **O conectivo quando na fase arcaica do português**. SOLETRAS (UERJ), v. 9, p. 84-91, 2009.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. **A estrutura correlativa como operador discursivo na articulação de cláusulas**. 2001. Disponível em: [http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas\\_Scripta/Scripta09/Conteudo/N09\\_Parte01\\_art10.pdf](http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta09/Conteudo/N09_Parte01_art10.pdf). Acesso em 30 abr. 2010.

PEZATTI, Erolde Goreti. O funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (orgs). **Introdução à Linguística - Fundamentos Epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.



PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGUIN-THOMAZI. Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, R.; NEVES, M.H.M, (orgs). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2008.

ROCHA LIMA. Carlos Henrique. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

RODRIGUES, Violeta Virgínia. Correlação. In: VIEIRA, S.R; BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Ensino de Gramática: Descrição e Uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

ROSÁRIO. Ivo Custódio; RODRIGUES, Violeta Virgínia. Correlação na perspectiva funcionalista. In: RODRIGUES, V.V. (org.). **Articulação de Orações: Pesquisa e Ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

WILSON. C. D.R.J. **Notícia de jornal impresso e notícia de jornal eletrônico: um mesmo gênero ou gêneros diferentes?** 2005. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/carmemlucia.pdf>>. Acesso em 05 fev. 2010.

## ANEXO

Listagem das ocorrências coletadas para análise<sup>13</sup>

N.	Ocorrência	Locução utilizada			Gênero	
		"Não só"	"Não apenas"	"Não somente"	N	L
1	Para Serra, seria correto uma lei que tratasse do assunto para qualquer jogo e <b>não apenas</b> para a Copa. (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/poder/1062622-serra-critica-liberacao-da-venda-de-bebidas-na-copa.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/poder/1062622-serra-critica-liberacao-da-venda-de-bebidas-na-copa.shtml</a> Acesso em 15 mar. 2012		X		X	
2	O líder reconheceu que há descontentamentos em diversos partidos da base aliada de Dilma, e <b>não apenas</b> no PMDB, o que reforça a necessidade de ampliar o diálogo com a interlocução política da presidente. (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/poder/1061436-meta-e-aproximar-planalto-dos-aliados-diz-eduardo-braga.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/poder/1061436-meta-e-aproximar-planalto-dos-aliados-diz-eduardo-braga.shtml</a> Acesso em 13 mar. 2012		X		X	
3	"Mas em 71 ela (minha crise) era insuportável. <b>Não apenas</b> a vida parecia destituída de sentido, havia uma espécie de intensidade afiada na luz do dia... Além disso tudo, havia a extensão insone de cada noite, quando cada segundo tinha seu peso, seu próprio e pequeno acréscimo, como uma tortura aquática chinesa." (N) (Reprodução de uma fala) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/1063160-as-crisis-de-um-nobel-de-literatura.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/1063160-as-crisis-de-um-nobel-de-literatura.shtml</a> Acesso em 16 mar.2012		X		X	
4	"(...) Os sacrifícios devem ser de todos, e <b>não apenas</b> de uma pessoa", afirmou o vice-presidente. (N) (Reprodução de uma fala) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1105253-para-vice-do-milan-coracao-venceu-a-razao-para-manter-thiago-silva.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1105253-para-vice-do-milan-coracao-venceu-a-razao-para-manter-thiago-silva.shtml</a> Acesso em 08 mar. 2012		X		X	
5	"Dediquei dois meses a esse trabalho. Foi a primeira vez que fui chamado para desenvolver todo o conceito junto com a empresa, e <b>não apenas</b> um desenho", diz Filipe Jardim. (N) (Reprodução de uma fala) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/110">http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/110</a>		X		X	

<sup>13</sup> As ocorrências listadas neste anexo não estão com a mesma numeração que receberam no corpo do texto.

	<a href="#">5038-chapada-dos-veadeiros-e-frutas-citricas-estampam-colecao-da-forum.shtml</a> Acesso em 14 jun. 2012					
6	“Isso está completamente fora de questão. Eu sou líder do governo, a minha tarefa é esta. Esse tipo de especulação existe na Casa <b>não apenas</b> comigo. As pessoas olham. Mas primeiro existe o acordo entre PT e PMDB e quem fala pelo PT é o líder do PT. Então não há hipótese de o PT não honrar um acordo. Tentarei falar em nome do conjunto dos partidos. Seria um erro crasso o líder do governo se meter em disputas dentro da própria base do governo. <b>(N) (Reprodução de uma fala)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/poder/1061525-para-novo-lider-na-camara-momento-politico-e-calmo.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/poder/1061525-para-novo-lider-na-camara-momento-politico-e-calmo.shtml</a> Acesso em 14 mar. 2012		X		X	
7	Na decisão, o desembargador-relator, José Muiños Piñeiro Filho, afirmou que o fato "trata-se antes de tudo de um problema de saúde pública, e <b>não apenas</b> de um problema jurídico". <b>(N) (Reprodução de uma fala)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1061321-justica-do-rio-autoriza-aborto-de-feto-sem-cerebro-e-medula.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1061321-justica-do-rio-autoriza-aborto-de-feto-sem-cerebro-e-medula.shtml</a> Acesso em 13 mar. 2012		X		X	
8	No futuro, seguiremos pessoas e <b>não apenas</b> blogs <b>(L)</b> <a href="http://www.tiagodoria.ig.com.br/2008/03/14/no-futuro-seuiremos-pessoas-e-nao-blogs/">http://www.tiagodoria.ig.com.br/2008/03/14/no-futuro-seuiremos-pessoas-e-nao-blogs/</a> Acesso em 18 mar. 2012		X			X
9	Como ser engraçado e <b>não apenas</b> idiota <b>(L)</b> <a href="http://desciclopedia.ws/wiki/Desciclop%C3%A9dia:Como_ser_engra%C3%A7ado_e_n%C3%A3o_apenas_idiota">http://desciclopedia.ws/wiki/Desciclop%C3%A9dia:Como_ser_engra%C3%A7ado_e_n%C3%A3o_apenas_idiota</a> Acesso em 18 mar. 2012		X			X
10	TI pode gerar lucros e <b>não apenas</b> redução de custos <b>(L)</b> <a href="http://computerworld.uol.com.br/negocios/2011/07/08/ti-pode-gerar-lucros-e-nao- apenas-reducao-de-custos/">http://computerworld.uol.com.br/negocios/2011/07/08/ti-pode-gerar-lucros-e-nao- apenas-reducao-de-custos/</a> Acesso em 08 jul. 2011		X			X
11	Apito deve proteger todos os craques, <b>não apenas</b> Neymar <b>(L)</b> <a href="http://www.gazetaesportiva.net/blogs/chicolang/2012/02/27/apito-deve-protoger-todos-os-craques-nao- apenas-neymar/">http://www.gazetaesportiva.net/blogs/chicolang/2012/02/27/apito-deve-protoger-todos-os-craques-nao- apenas-neymar/</a> Acesso em 27 fev. 2012		X			X
12	Seu cliente merece recomendações, <b>não apenas</b> opções <b>(L)</b> <a href="http://www.saiadolugar.com.br/marketing/s-eu-cliente-merece-recomendacoes-nao-">http://www.saiadolugar.com.br/marketing/s-eu-cliente-merece-recomendacoes-nao-</a>		X			X

	<a href="#">apenas-opcoes/</a> Acesso em 18 mar. 2012				
13	É preciso viver, <b>não apenas</b> existir (L) <a href="http://www.vagalume.com.br/zo-one/e-preciso-viver-nao-apenas-existir.html">http://www.vagalume.com.br/zo-one/e-preciso-viver-nao-apenas-existir.html</a> Acesso em 18 mar. 2012	X			X
14	Ofereça uma causa, <b>não apenas</b> empregos (L) <a href="http://www.hsm.com.br/artigos/ofereca-uma-causa-nao-apenas-empregos">http://www.hsm.com.br/artigos/ofereca-uma-causa-nao-apenas-empregos</a> Acesso em 18 mar. 2012	X			X
15	Forme outros líderes, <b>não apenas</b> seguidores (L) <a href="http://www.algosobre.com.br/administracao/forme-outros-lideres-nao-apenas-seguidores.html">http://www.algosobre.com.br/administracao/forme-outros-lideres-nao-apenas-seguidores.html</a> Acesso em 18 mar. 2012	X			X
16	Faça o que tem de ser feito e <b>não apenas</b> o que lhe pedem (L) <a href="http://www.submarino.com.br/produto/1/1608409/faca+o+que+tem+de+ser+feito+e+nao+apenas+o+que+lhe+pedem">http://www.submarino.com.br/produto/1/1608409/faca+o+que+tem+de+ser+feito+e+nao+apenas+o+que+lhe+pedem</a> Acesso em 18 mar. 2012	X			X
17	<b>Não apenas</b> fale, seja (L) <a href="http://belezaefitness.wordpress.com/2012/03/13/nao-apenas-fale-seja/">http://belezaefitness.wordpress.com/2012/03/13/nao-apenas-fale-seja/</a> Acesso em 13 mar. 2012	X			X
18	Refleta: <b>Não apenas</b> reclame, sua omissão faz parte dessa história. (L) <a href="http://www.blogdofabiorodrigues.com.br/2012/01/reflita-nao-apenas-reclame-sua-omissao.html">http://www.blogdofabiorodrigues.com.br/2012/01/reflita-nao-apenas-reclame-sua-omissao.html</a> Acesso em 29 jan. 2012	X			X
19	Liderar também é servir, <b>não apenas</b> cobrar (L) <a href="http://www.pontomarketing.com/gestao/liderar-tambem-e-servir-nao-apenas-cobrar/">http://www.pontomarketing.com/gestao/liderar-tambem-e-servir-nao-apenas-cobrar/</a> Acesso em 13 jan. 2012	X			X
20	Conferências de Saúde: o desafio de <b>não apenas</b> fazer “mais do mesmo” (L) <a href="http://www.saudecomdilha.com.br/index.php/2011/08/29/conferencias-de-saude-o-desafio-de-nao-apenas-fazer-mais/">http://www.saudecomdilha.com.br/index.php/2011/08/29/conferencias-de-saude-o-desafio-de-nao-apenas-fazer-mais/</a> Acesso em 29 ago. 2011	X			X
21	Uma discussão sobre mortalidade materna, <b>não apenas</b> sobre parto domiciliar. (L) <a href="http://partopelomundo.com/blog/pt/2012/02/03/a-issue-about-maternal-mortality-not-about-home-birth/">http://partopelomundo.com/blog/pt/2012/02/03/a-issue-about-maternal-mortality-not-about-home-birth/</a> Acesso em 03 fev. 2012	X			X
22	Rio+20 deve resultar em ações concretas e <b>não apenas</b> em páginas com boas intenções <a href="http://www.rio20.gov.br/sala_de_imprensa/noticias-nacionais/rio-20-deve-resultar-em-aco-es-concretas-e-nao-apenas-em-paginas-com-boas-intencoes-diz-comissaria">http://www.rio20.gov.br/sala_de_imprensa/noticias-nacionais/rio-20-deve-resultar-em-aco-es-concretas-e-nao-apenas-em-paginas-com-boas-intencoes-diz-comissaria</a> Acesso em 28 fev. 2012	X			X
23	Amor praticado e <b>não apenas</b> falado (L) <a href="http://radioglobo.globoradio.globo.com/manha-da-globo-rj/2011/11/01/AMOR-">http://radioglobo.globoradio.globo.com/manha-da-globo-rj/2011/11/01/AMOR-</a>	X			X

	PRATICADO-E-NAO-APENAS-FALADO.htm Acesso em 01 nov. 2011				
24	Mostrando a data completa, <b>não apenas</b> a hora (L) O Thunderbird não mostra o dia se a mensagem foi enviada no mesmo dia em que você estiver lendo. A data completa será exibida em mensagens de dias anteriores. <a href="http://br.mozdev.org/thunderbird/hoje">http://br.mozdev.org/thunderbird/hoje</a> Acesso em 18 mar. 2012		X		X
25	Blogs corporativos devem ser estratégicos, e <b>não apenas</b> para cumprir agenda (L) <a href="http://drconteudo.com.br/2011/08/blogs-corporativos-devem-ser-estrategicos-e-nao-para-cumprir-agenda/">http://drconteudo.com.br/2011/08/blogs-corporativos-devem-ser-estrategicos-e-nao-para-cumprir-agenda/</a> Acesso em 11 ago. 2011		X		X
26	Está-se falando de suspeita de atividade criminosa, <b>não apenas</b> de mau jornalismo. (L) <a href="http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-problema-de-veja-e-criminal-nao- apenas-etico">http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-problema-de-veja-e-criminal-nao- apenas-etico</a> Acesso em 07 mai. 2012		X		X
27	O problema de Veja é criminal, <b>não apenas</b> ético (L) <a href="http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-problema-de-veja-e-criminal-nao- apenas-etico">http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-problema-de-veja-e-criminal-nao- apenas-etico</a> Acesso em 07 mai. 2012		X		X
28	Universidades devem formar inovadores, e <b>não apenas</b> cientistas (L) <a href="http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=universidades-formar-inovadores&amp;id=020175100607">http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=universidades-formar-inovadores&amp;id=020175100607</a> Acesso em 07 jun. 2010		X		X
29	Sonhar com o céu e <b>não apenas</b> constatar a realidade que nos circunda (L) <a href="http://www.cnbb.org.br/site/articulas/dom-alberto-taveira-correa/9493-sonhar-com-o-ceu-e-nao- apenas-constatar-a-realidade-que-nos-circunda">http://www.cnbb.org.br/site/articulas/dom-alberto-taveira-correa/9493-sonhar-com-o-ceu-e-nao- apenas-constatar-a-realidade-que-nos-circunda</a> Acesso em 01 jun. 2012		X		X
30	Inspire pelos valores, e <b>não apenas</b> pelo carisma ou autoridade (L) <a href="http://www.hsm.com.br/artigos/inspire-pelos-valores-e-nao- apenas-pelo-carisma-ou-autoridade">http://www.hsm.com.br/artigos/inspire-pelos-valores-e-nao- apenas-pelo-carisma-ou-autoridade</a> Acesso em 07 mai. 2012		X		X
31	Dátolo: "Posso jogar por diferentes lados, <b>não apenas</b> pelo esquerdo" Meia diz que utilização de esquema com ele e D'Alessandro é um "bom problema" para Dorival (L) <a href="http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/inter/noticia/2012/03/datolo- posso-jogar-por-diferentes-lados-nao- apenas-pelo-esquerdo-3707369.html">http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/inter/noticia/2012/03/datolo- posso-jogar-por-diferentes-lados-nao- apenas-pelo-esquerdo-3707369.html</a> Acesso em 26 mar. 2012		X		X
32	'As pessoas têm que saber fazer coisas,		X		X

	<b>não apenas</b> ter motivação' (L) <b>(Reprodução de uma fala)</b> <a href="http://cbn.globoradio.globo.com/colunas/mundo-corporativo/2012/02/25/AS-PESSOAS-TEM-QUE-SABER-FAZER-COISAS-NAO-APENAS-TER-MOTIVACAO.htm">http://cbn.globoradio.globo.com/colunas/mundo-corporativo/2012/02/25/AS-PESSOAS-TEM-QUE-SABER-FAZER-COISAS-NAO-APENAS-TER-MOTIVACAO.htm</a> Acesso de 25 fev. 2012					
33	O empresário precisa fazer, e <b>não apenas</b> tentar (L) <a href="http://colunas.revistapegn.globo.com/opri/meiroanodaminhaempresa/2012/03/20/o-empresario-precisa-fazer-e-nao-apenas-tentar/">http://colunas.revistapegn.globo.com/opri/meiroanodaminhaempresa/2012/03/20/o-empresario-precisa-fazer-e-nao-apenas-tentar/</a> Acesso em 20 mar. 2012		X			X
34	Sociedade civil quer ser cérebro, <b>não apenas</b> braço (L) <a href="http://envolverde.com.br/ips/inter-press-service-reportagens/sociedade-civil-quer-ser-cerebro-nao-apenas-braco/">http://envolverde.com.br/ips/inter-press-service-reportagens/sociedade-civil-quer-ser-cerebro-nao-apenas-braco/</a> Acesso de 19 mar. 2012		X			X
35	Blatter: 'Esperamos atos do Brasil e <b>não apenas</b> palavras'. Presidente da Fifa também confirmou Jérôme Valcke à frente do Mundial. (L) - <b>(Reprodução de uma fala)</b> <a href="http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/blatter-esperamos-atos-e-nao-apenas-palavras-do-brasil">http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/blatter-esperamos-atos-e-nao-apenas-palavras-do-brasil</a> Acesso de 30 mar. 2012		X			X
36	9 Motivos para Ouvir (e <b>não apenas</b> ver) Gaby Amarantos (L) <a href="http://bravonline.abril.com.br/materia/9-motivos-para-ouvir-e-nao-apenas-ver-gaby-amarantos">http://bravonline.abril.com.br/materia/9-motivos-para-ouvir-e-nao-apenas-ver-gaby-amarantos</a> Acesso em 01 abri. 2012		X			X
37	Aja com sabedoria e <b>não apenas</b> por compaixão (L) <a href="http://www.acordacidade.com.br/noticias/91319/aja-com-sabedoria-e-nao-apenas-por-compassao.html">http://www.acordacidade.com.br/noticias/91319/aja-com-sabedoria-e-nao-apenas-por-compassao.html</a> Acesso em 08 jun. 2012		X			X
38	Educação: qualidade, <b>não apenas</b> qualificação (L) <a href="http://www.domtotal.com/colunas/detalhes.php?artId=2545">http://www.domtotal.com/colunas/detalhes.php?artId=2545</a> Acesso em 01 mar. 2012		X			X
39	Todos os dias e <b>não apenas</b> hoje. (L) MULHERES PARABÉNS E AMÉM! <a href="http://dudabrama.wordpress.com/2012/03/08/todos-os-dias-e-nao-apenas-hoje-mulheres-parabens-e-amem/">http://dudabrama.wordpress.com/2012/03/08/todos-os-dias-e-nao-apenas-hoje-mulheres-parabens-e-amem/</a> Acesso em 08 mar. 2012		X			X
40	Uma equipe de astrofísicos confirmou que a teoria da relatividade de Albert Einstein é válida em escala cósmica, e <b>não só</b> no Sistema Solar, ao comprovar que a gravidade influi na luz procedente de longínquos conglomerados galácticos, segundo estudo publicado na edição desta quarta-feira da revista "Nature". (N)	X			X	

	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/982327-estudo-confirma-validade-da-teoria-da-relatividade-no-espaco.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/982327-estudo-confirma-validade-da-teoria-da-relatividade-no-espaco.shtml</a> Acesso em 29 set. 2011					
41	Para o governo, por estimular o avanço tecnológico, a MP beneficiará <b>não só</b> as empresas de defesa -- que são aquelas registradas no Ministério da Defesa. Segundo o ministro Celso Amorim, "a medida significa, por um lado, o forte comprometimento do governo com a defesa nacional. Por outro, medida de política industrial de grande importância." (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/poder/983128-dilma-assina-medida-que-desonera-industria-de-defesa.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/poder/983128-dilma-assina-medida-que-desonera-industria-de-defesa.shtml</a> Acesso em 29 set. 2011	X				X
42	Outra alteração permitiu que qualquer pessoa dê informações quando quiser -- <b>não só</b> quando convocada. (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/poder/979212-negociacao-por-comissao-da-verdade-teve-reunioes-ate-em-banheiros.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/poder/979212-negociacao-por-comissao-da-verdade-teve-reunioes-ate-em-banheiros.shtml</a> Acesso em 22 set. 2011	X				X
43	As camisetas foram vendidas num showroom em Paris, em 2004. Em 2006, ela lançou sua primeira coleção, aí <b>não só</b> de camisetas, no Brasil. (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/966317-gilda-midani-cria-roupas-com-um-estilo-desleixadochique.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/966317-gilda-midani-cria-roupas-com-um-estilo-desleixadochique.shtml</a> Acesso em 19 set. 2011	X				X
44	Revolução Francesa é recorrente <b>não só</b> na vida escolar (L) <a href="http://vestibular.uol.com.br/ultimas-noticias/2011/09/19/revolucao-francesa-e-recorrente-nao-so-na-vida-escolar.jhtm">http://vestibular.uol.com.br/ultimas-noticias/2011/09/19/revolucao-francesa-e-recorrente-nao-so-na-vida-escolar.jhtm</a> Acesso em 19 set. 2011	X				X
45	Além da mudança visual da página do perfil, as mudanças implementadas ao longo dos próximos dias dão mais destaques para aplicativos - agora é possível "ouvir", "ver" e "ler" com seus amigos, e <b>não só</b> "curtir". (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/tc2809201115.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/tc2809201115.htm</a> Acesso em 28 set. 2011	X				X
46	A grande guerra, <b>não só</b> heroica (L) Acesso em 19 jun. 2012	X				X
47	A ministra afirmou que está nas mãos das crianças e adolescentes mudar os padrões de consumo. "A sustentabilidade é agora, <b>não só</b> para o futuro. (...)", disse Izabella, ao receber a Carta das Crianças para a Terra. (N) (Reprodução da fala de alguém) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/11">http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/11</a>	X				X

	<a href="#">08887-criancas-terao-conferencia-para-cobrar-acoes-ambientais-do-governo.shtml</a> Acesso em 22 jun. 2012					
48	De acordo com o vice-governador do Banco da Espanha, Fernando Restoy, a avaliação se aplica a toda a carteira de crédito nacional, crédito a pequenas e médias, a famílias, ao consumo, à aquisição de moradias e <b>não só</b> ao crédito relacionado ao setor de construção civil. <b>(N)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1108534-espanha-apresentara-pedido-de-ajuda-na-sexta-diz-ministro-frances.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1108534-espanha-apresentara-pedido-de-ajuda-na-sexta-diz-ministro-frances.shtml</a> Acesso em 21 jun. 2012	X			X	
49	“Mundo deve se preocupar com crianças e <b>não só</b> com 'bichinhos’”, diz premiê turco <b>(L)</b> <b>(Reprodução da fala de alguém)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108504-mundo-deve-se-preocupar-com-criancas-e-nao-so-com-bichinhos-diz-premie-turco.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1108504-mundo-deve-se-preocupar-com-criancas-e-nao-so-com-bichinhos-diz-premie-turco.shtml</a> Acesso em 21 jun. 2012	X				X
50	Além desses itens, que já passaram pelo Congresso e viraram lei, estão na fila um novo Código Civil, que facilitará divórcios e contratos matrimoniais, e a legalização do porte de qualquer tipo de droga, <b>não só</b> o da maconha. <b>(N)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1107994-paises-do-cone-sul-tem-sequencia-de-leis-liberais.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1107994-paises-do-cone-sul-tem-sequencia-de-leis-liberais.shtml</a> Acesso em 21 jun. 2012	X			X	
51	O São Paulo trata sua volta à Libertadores como obsessão, a prioridade do time nesta temporada. Mas <b>não só</b> pela importância esportiva do maior torneio do continente. <b>(N)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1107327-sao-paulo-perde-r-40-milhoes-fora-da-libertadores.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1107327-sao-paulo-perde-r-40-milhoes-fora-da-libertadores.shtml</a> Acesso em 21 jun. 2012	X			X	
52	"Estamos aqui <b>não só</b> pela Cúpula dos Povos, pois concordamos apenas com algumas das ideias que estão sendo debatidas na cúpula. Nossa luta é por uma democracia real, como mais participação popular e contra o capital especulativo e os lucros abusivos", afirma Krom. <b>(N)</b> <b>(Reprodução da fala de alguém)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1105969-manifestantes-ocupam-praca-no-centro-do-rio.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1105969-manifestantes-ocupam-praca-no-centro-do-rio.shtml</a> Acesso em 16 jun. 2012	X			X	
53	A <b>Folha</b> apurou que Carlos Slim, que	X			X	



	controla a Claro, pretende padronizar suas licenças ( <b>não só</b> de 4G) no continente. <b>(N)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1105675-leilao-do-4g-reacende-disputa-por-2-lugar.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1105675-leilao-do-4g-reacende-disputa-por-2-lugar.shtml</a> Acesso em 16 jun. 2012					
54	"Somos uma instituição que serve ao Brasil, <b>não só</b> a São Paulo. Recebemos milhares de pacientes do país e também da América Latina", complementou Kalil. <b>(N) (Reprodução da fala de alguém)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1105279-incor-vai-orientar-medicos-do-sus-a-distancia.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1105279-incor-vai-orientar-medicos-do-sus-a-distancia.shtml</a> Acesso em 15 jun. 2012	X				X
55	"Tive um contato muito próximo e muito rápido. Mas uma coisa me chamou muita atenção. Ele era um cara extremamente generoso, o que não é muito comum entre diretores. Era um torcedor do cinema brasileiro, torcia pelos filmes de todo mundo, <b>não só</b> pelos dele. Isso é raro nessa área, em que a competição é muito grande", disse o diretor Heitor Dhalia. <b>(N) (Reprodução da fala de alguém)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104962-diretores-e-atores-lamentam-morte-de-carlos-reichenbach.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104962-diretores-e-atores-lamentam-morte-de-carlos-reichenbach.shtml</a> Acesso em 14 jun. 2012	X				X
56	"É claro que existe preconceito, mas ele está em todo lugar", afirma a modelo Samira Carvalho, negra. "Sou a favor de mais negros em todos os lugares, <b>não só</b> na Fashion Week." <b>(N) (Reprodução da fala de alguém)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104776-spfw-tem-dia-de-protestos-por-mais-negros-nas-passarelas.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104776-spfw-tem-dia-de-protestos-por-mais-negros-nas-passarelas.shtml</a> Acesso em 14 jun. 2012	X				X
57	"Estamos fortalecendo a imagem da BBC como produtora de diversos tipos de conteúdo, <b>não só</b> notícias", diz Jana Bennett. <b>(N) (Reprodução da fala de alguém)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104408-bbc-hd-produzira-serie-sobre-o-brasil-selvagem-para-2014.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1104408-bbc-hd-produzira-serie-sobre-o-brasil-selvagem-para-2014.shtml</a> Acesso em 14 jun. 2012	X				X
58	Na lista das 14 cidades escolhidas, há várias de países em desenvolvimento - <b>não só</b> de países desenvolvidos. <b>(N)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1103252-precisamos-abrir-o-ted-para-o-mundo-diz-diretora-de-ciclo-de-palestras.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1103252-precisamos-abrir-o-ted-para-o-mundo-diz-diretora-de-ciclo-de-palestras.shtml</a> Acesso em 14 jun. 2012	X				X
59	"(...) Lucas está apaixonado por Wandinha Addams. Ela o deixa arrepiado e <b>não só</b> por paixão. É que sua família é pra lá de	X				X

	esquisitona: só veste preto, adora a morte e acha legal ser mau.” (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/1101081-a-familia-addams-e-sucesso-entre-criancas-e-adultos-veja-video-da-versao-da-broadway.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/1101081-a-familia-addams-e-sucesso-entre-criancas-e-adultos-veja-video-da-versao-da-broadway.shtml</a> Acesso em 09 jun. 2012					
60	A derrota para o Internacional por 1 a 0 na quarta-feira deixou o técnico Emerson Leão bastante irritado. <b>Não só</b> pelo resultado e pelo desempenho do time (que pouco fez ofensivamente). O problema é a campanha: três jogos no Brasileiro 2012 e só uma vitória. (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1101498-leao-avisa-que-sao-paulo-nao-vai-preservar-nem-pensamento.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1101498-leao-avisa-que-sao-paulo-nao-vai-preservar-nem-pensamento.shtml</a> Acesso em 07 jun. 2012	X			X	
61	"O assunto é complexo, pois teríamos que ver a questão de todas as minorias, <b>não só</b> de negros e índios. (...)" (N) <b>(Reprodução da fala de alguém)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/poder/1099691-cnj-votara-adocao-de-cotas-no-judiciario-para-indios-e-negros.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/poder/1099691-cnj-votara-adocao-de-cotas-no-judiciario-para-indios-e-negros.shtml</a> Acesso em 03 jun. 2012	X			X	
62	Em resposta, o presidente Juan Manuel Santos disse nesta sexta-feira que se há fatos reais e <b>não só</b> palavras por parte das Farc haverá paz neste país, que vive um conflito armado há quase 50 anos. (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1099340-suposto-comunicado-sugere-que-farc-querem-se-desarmar.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1099340-suposto-comunicado-sugere-que-farc-querem-se-desarmar.shtml</a> Acesso em 01 jun. 2012	X			X	
63	Neste ano, ocorrerão não duas, como de costume, mas três edições do Fashion Rio e da São Paulo Fashion Week. O inverno, portanto, será exibido em outubro próximo e <b>não somente</b> em 2013. (N) <a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1093634-temporada-de-verao-da-moda-comeca-sob-ameaca-de-crise.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1093634-temporada-de-verao-da-moda-comeca-sob-ameaca-de-crise.shtml</a> Acesso em 22 mai. 2012			X	X	
64	(...) "tomara que a Venezuela garanta liberdade a todos os cidadãos e não <b>somente</b> ao ditador e a seus amigos". (N) <b>(Reprodução de uma fala)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1090166-parlamento-venezuelano-responde-a-criticas-de-uribe-a-chavez.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1090166-parlamento-venezuelano-responde-a-criticas-de-uribe-a-chavez.shtml</a> Acesso em 14 mai. 2012			X	X	
65	"Estou muito feliz, muito emocionado. Foi um gol para a minha esposa e <b>não somente</b> para ela. Para todos que me ajudaram, como o meu empresário. disse Oscar logo após o jogo." (N)			X	X	

	<b>(Reprodução de uma fala)</b> <a href="http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1086434-apos-gol-contra-caxias-oscar-deixa-partida-chorando.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1086434-apos-gol-contra-caxias-oscar-deixa-partida-chorando.shtml</a> Acesso em 06 mai. 2012					
--	---	--	--	--	--	--